BIZZ

ESPECIAL
O estouro dos novos quadrinhos americanos

JON ANDERSON
A voz do Yes revela o seu misticismo

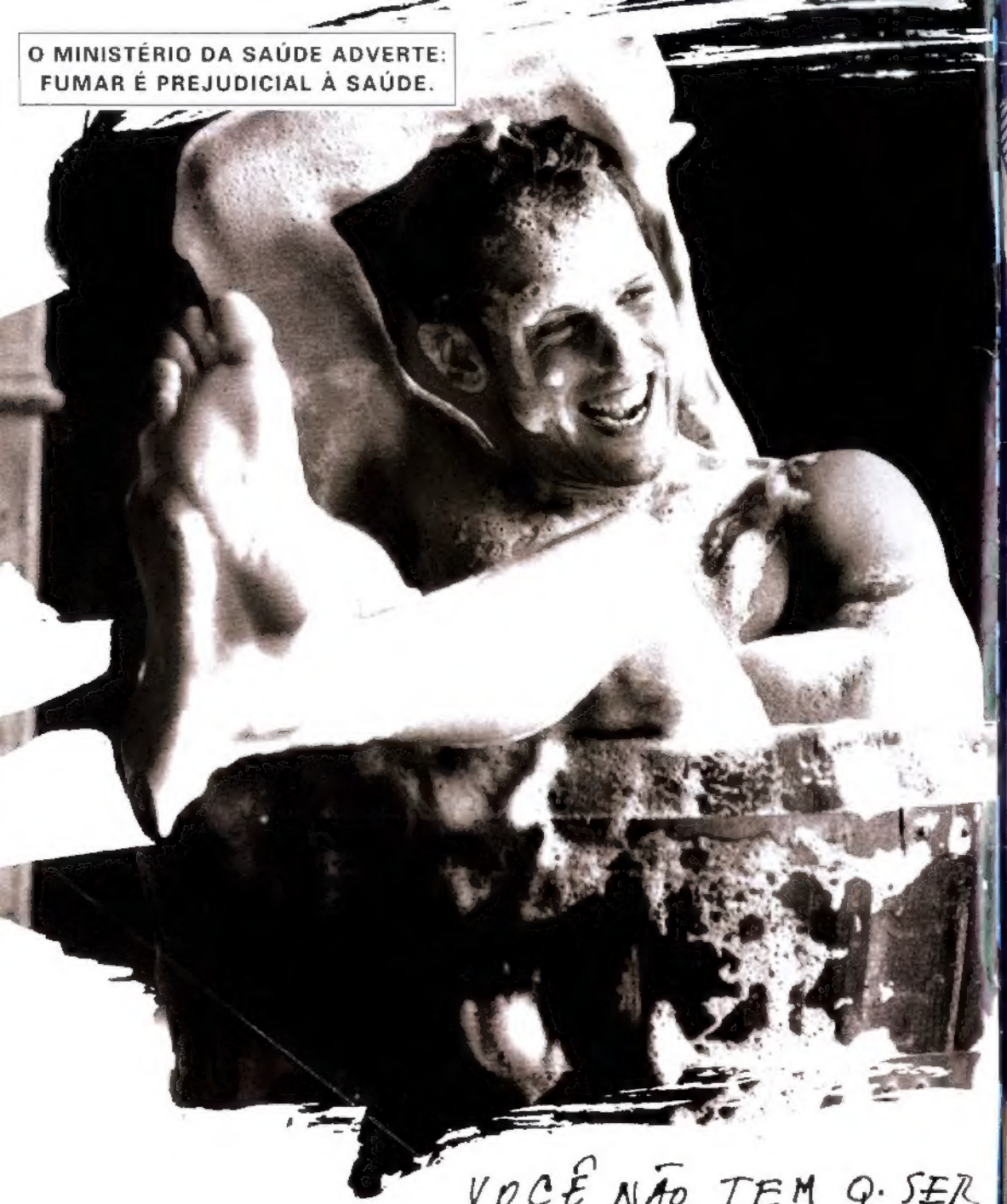
SKANK
Os mineiros entre o reggae e o futebol

R.E.M.
Clapton
The Cramps

EDITORA ABRIL
5561 • ANO 10 Nº 11 • EDIÇÃO 112 • R$ 3,25
ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00112

Sexo, Poder & Culpa
Exclusiva com Madonna!

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.



VOCÊ NÃO TEM Q. SER HOLLYWOOD

Baixos teores
para quem quer sabor.

LIGHT PARA FUMAR LIGHTS.

EDITORIAL

"Bola pra frente!", diria um locutor esportivo. O mundo vai girando e é redondo como o passe do craque, que pode se dedicar ao futebol, ao vôlei, ao rock'n'roll ou ao pop. Seja um cara ou uma garota. Por esta razão, nos propomos a levantar a seguinte questão: alguém ainda dá bola para a MADONNA? Foi a pergunta que fizemos a centenas de assinantes. Afinal, a "material girl" está num momento crucial. Aos 36 anos, não pode continuar eternamente como símbolo sexual e se dedica aos projetos artísticos, como um novo disco. O resultado da enquete com os leitores sai com a entrevista exclusiva que a megaestrela concedeu ao nosso correspondente Detlef Diederichsen, direto de Paris, França.

Foto: Rui Mendes

Tem mais: alguém acreditaria que um quarteto de branquelos vindos de Minas Gerais poderiam se dar bem tocando reggae e jogando futebol? Pois o SKANK provou que sim. Depois do primeiro disco, eles se tornaram rostos conhecidos - aliás, adivinhe qual deles está atrás da bola na foto acima - e partem para o ataque com um segundo álbum. Quem foi conferir foi Sérgio Martins, que também embarcou nos "oceanos topográficos" das viagens místicas de JON ANDERSON, o cantor do Yes, um mito do rock progressivo. Mas as HISTÓRIAS-EM-QUADRINHOS também têm lugar aqui na BIZZ. Especialmente quando uma editora independente começa a desbancar poderosas corporações do mercado americano. E quem penetra neste (sub)mundo dos super-heróis é Mário Luiz Barroso. Shazam! A Redação

BiZZ

Ano 10 • Nº11 • Edição 112 • Novembro, 1994

40 Modas de viola, Clube Da Esquina... Era o espectro musical mineiro tradicional antes do Sepultura decolar para vôos internacionais. Agora o **SKANK** põe o reggae em evidência com seu disco, Calango

46 Feras das **HISTÓRIAS-EM-QUADRINHOS** dos Estados Unidos criaram uma editora independente dos grandes monopólios para publicar seus trabalhos. E se deram bem

54 Criadora de escândalos... depravada... São imagens associadas a **MADONNA**. Mas, ao chegar à maturidade, como vai lidar com isso? E os fãs, aceitarão as mudanças? Confira em um papo exclusivo

66 Ele diz que morou em Atlântida nas suas vidas passadas e acha o som de seu grupo, o Yes, melhor agora do que nos anos 70, ao contrário dos fãs radicais. Eis **JON ANDERSON**

este mês

capa: Madonna
foto: Patrick Demarchelier

CARTAS
6 O fim da FM Fluminense, direito de resposta ao Dr. Sin

SHOWBIZZ
8 Londres, urgente: o balanço selvagem do **jungle**
10 **Rei**: o disco-homenagem para Roberto (e Erasmo) Carlos
12 A nova starlet de Hollywood, **Marisa Tomei**, ri à toa
14 **Igor Cavalera** troca a bateria do Sepultura pela prancha de surf
16 Os **velhos seriados** voltam a invadir a TV
18 Confira as Datas; Em Breve, com **Pet Shop Boys** e **Superdemo**
20 **Mister Mu**, **atrizes pornô no rock** e CD-ROM dos **Beastie Boys**
22 Cinema a jato: **Festival Mundial Do Minuto**
24 Cuça Essa, **Julliete Lewis**; **Costa Verde FM**, nova maldita do Rio
26 Você Vai Ouvir Falar De... **Paula Lima**, **Me' Shell** e **Thrum**

MIX
28 A onda (!) do "rebanho" inglês: se marcar com **ferro em brasa**

ENJOY IT
30 **Jóias thrash**, **game em 3-D** e **BBS**, o "correio por computador"

SATÉLITE
34 **Criminal Justice Bill**: a lei que apavora a moçada britânica

DEZ PERGUNTAS + 1 PARA...
36 O jazzista **Branford Marsalis** "dá uma prensa" no jazz rap

LANÇAMENTOS
72 A volta do **R.E.M.**, em um disco de rock'n'roll elétrico
74 **Eric Clapton** tocando blues, **The Cramps**, tributo aos **Carpenters**
76 **Kraftwerk** revisitado, malabarismos vocais de **Edson Cordeiro**
78 **Little Quail And The Mad Birds**, **Mundo Livre S/A**, **L7**
80 **Gil Scott-Heron**, **Killing Joke**, **Liz Phair** e Trilhas Sonoras
84 Roles De Discos e Paraná

CLÁSSICOS
86 Lançamentos celebram os 25 anos do festival de **Woodstock**
88 **J. J. Cale**, um dos grandes estilistas da guitarra, na Jukebox

DISCOTECA BÁSICA
90 **Secos & Molhados** e a pioneira mistura de MPB, rock e glamour

Cartas

O FUNERAL DA FLUMINENSE

Estou tão triste... A única "rádio rock" do Rio de Janeiro vai acabar. Hoje. O que é que eu faço? Vou ficar órfã. Não vivo sem rock'n'roll!

Janaina N'Roses Cobain, *Magé/RJ*

Tenho apenas 16 anos e fiquei órfã. Como vocês já sabem, a rádio Fluminense FM – 94,9 – foi vendida para uma tal de Jovem Pan de São Paulo. Assim como todos os ouvintes da Flu, sejam eles metaleiros ou roqueiros, surfistas ou rastafaris, jamais esquecerei nossa rádio.

Erika Ferreira, *Rio de Janeiro/RJ*

Pois é meninas, o rock'n'roll parece ter entrado em recesso nas ondas das rádios cariocas. Quem diria que a "maldita" teria esse fim... Mas há uma luz no fim do túnel. Mais informações sobre o caso, vejam no Showbizz desta edição.

"Muito boa a reportagem 'Jamaica Acima de 40 Graus'. Além de dar uma geral na ilha do reggae e no Sumfest. E vocês ainda conseguiram arrumar uma garota jamaicana alucinante para ilustrar a capa da última BIZZ" Marcos Cruz, *Ribeirão Preto/SP*

Robert Halfoun responde: *Pedir uma carta? Já que a banda se sentiu agredida e até veio pessoalmente exigir – aliás, de forma nada educada – um direito de resposta, o espaço que foi exigido está dado.*
Na minha opinião, o grupo interpretou mal o que foi escrito e deixou bem claro que meu papel nesta revista é analisar e informar sobre o lado artístico dos "personagens" do showbiz.

MULHERES EM ALTA

A capa da edição da BIZZ de setembro foi estampada pela menina jamaicana mais bonita que já vi. Além disso, também adquiri a revista por causa da reportagem com Marisinha (Marisa Monte).

André Luiz Silveira, *Salvador/BA*

Bom André, chegamos a um acordo: mulheres são soberanas na BIZZ. E tenha certeza, nunca deixaremos vocês na mão.

A VOLTA DO MONSTRO

A BIZZ mais uma vez acertou em cheio ao publicar uma ótima entrevista com o mago Michael Stipe, que provou que o R.E.M. está tão vivo quanto antes. Mais uma vez, parabéns à equipe da revista e especialmente ao correspondente José Emílio Rondeau.

Luiz Martins, *Goiânia/GO*

É isso aí: bandas como o R.E.M. são imprescindíveis para manter toda aquela longevidade do bom e velho rock'n'roll. Agora é torcer para a turnê de Monster chegar por aqui para ter aquele som que a gente espera.

DIREITO DE RESPOSTA

Gostaríamos de manifestar nosso protesto para um fato "grotesco" ocorrido na edição especial da BIZZ, intitulada *Monsters Of Rock*.
O fato é que Robert Halfoun se mostrou indigno de ser um profissional, conduzindo a matéria de modo claramente pessoal, ao agredir a banda Dr. Sin de forma sutil e muito vulgar.
Procurou humilhar e distorcer a imagem do grupo, pois quem já acompanha nossa carreira sabe o verdadeiro valor profissional de cada um individualmente e do trio.
No decorrer do texto deprecia bandas como Motley Crue e Platina.
Se refere ao termo "farofa" como algo comum para nós, porém foi o único que usou esse termo ridículo e sem sentido quanto ao Dr. Sin.
É triste para a BIZZ ter uma pessoa que na nossa opinião é incompetente, pois usou um momento errado para criticar a banda ao invés de apresentá-la ao público de forma imparcial.
O jornalista nos pediu esta carta para que pudesse publicamente se retificar conosco e com nossos fãs. Sendo assim, aí está. **Dr. Sin, *São Paulo/SP***

ARRUMANDO MADONNA

Na edição 109, o texto sobre o vídeo *The Girlie Show* de Madonna afirma que um dos singles da cantora se chama "Express Myself". Na verdade, o título é "Express Yourself". Além disso, Zeca Camargo diz que a música de Madonna que ocupou a sexta posição na parada americana é "I Remember". O nome correto é "I'll Remember".

Ligia Teixeira, *São Luís/MA*

Correções feitas, só podemos agradecer sua atenção e colaboração, cara Ligia.

NÚMEROS ATRASADOS

Por favor, gostaria de saber o que é preciso fazer para comprar o número especial da *BIZZ – Letras Traduzidas*, que saiu em junho de 85.

Carolina Barreto, *Macapá/AP*

Carolina: procure se informar com seu jornaleiro ou então procure o distribuidor das publicações Abril de Macapá.

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor-Chefe: Felipe Zobaran
Editor Especial: Carlos de Sales Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editores-assistentes: Hélio Gomes, Robert Halfoun, Sérgio Martins
Editor-Assistente de Arte: Flavio H. B. Varela
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Arte: Eli Sumida
Correspondentes: Anamaria Lemos (Londres), Cláudio Campos (Rio de Janeiro), José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores • Texto: Alex Antunes, Alexandre Rosa, Arthur G. Couto Duarte, Camilo Rocha (Londres), Cláudia Giesbrecht, Cláudia Lima, Christian Petermann, Cristina Ruiz (Nova York), Dieter Dreckmann (Hamburgo), Evaldo Mocarzel, Fabian Chacur, Fernando Naporano (Londres), Humberto Finatti, Johnson de Sousa, Luiz Bolognesi, Marcel Rosse, Mário Luiz Barroso, Mikael M. Barbosa, Nelson Motta, Paulo Cavalcanti, René Ferri, Sérgio Barbas, Viviane Rodrigues. **Fotos:** André Sader, Armando Prado, Fernando Luzio, Rose Mesaki, Rui Mendes, Yamada. **Ilustração:** J. Jacques
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Orrio Ramos

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fabio Gomes, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lucia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Machnicki Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antônio Fernandes, Igor Ansay, José Soares

COMERCIAL

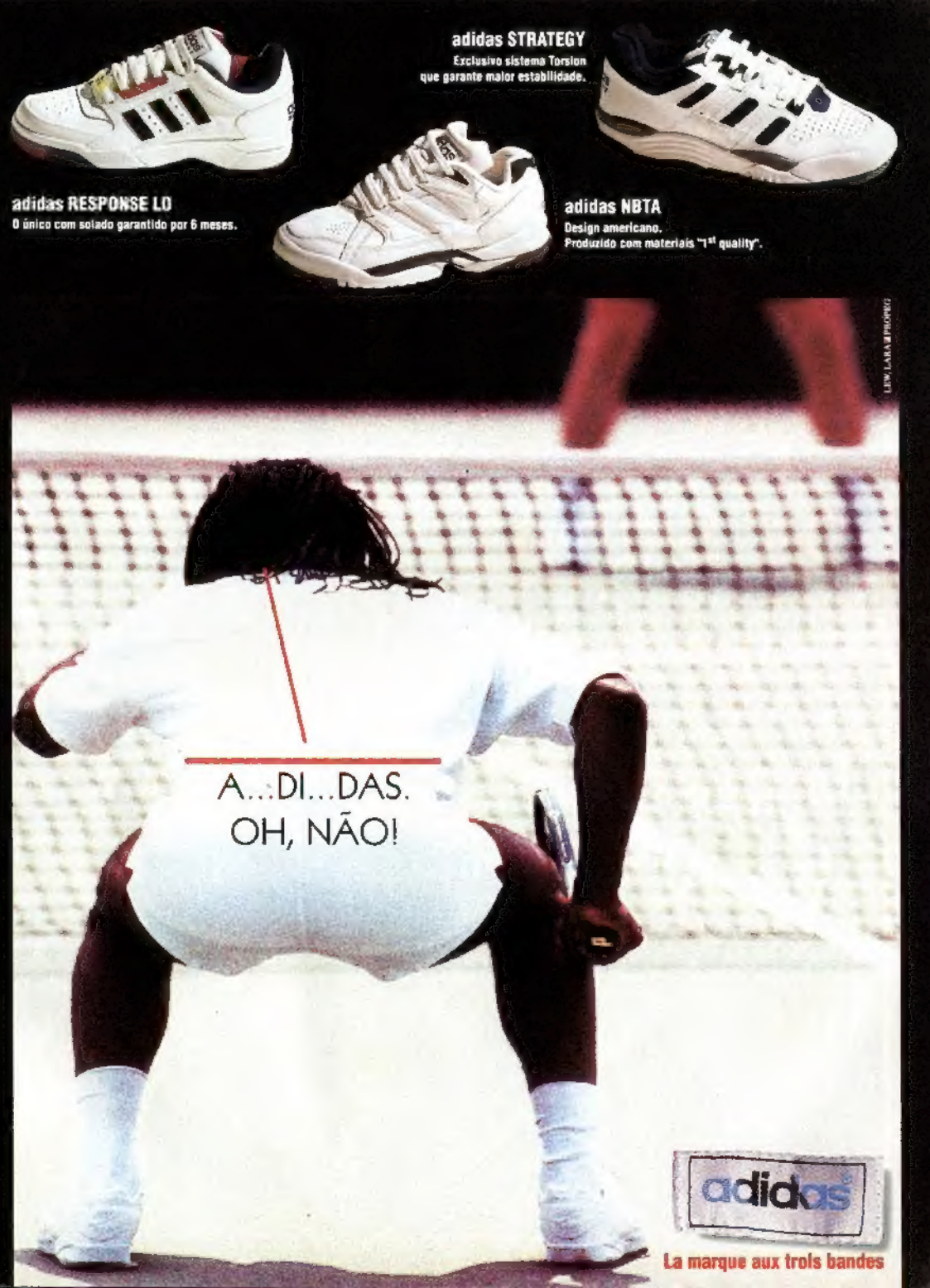
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arnoaldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Ancona
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Walter Tosiano
Diretora Responsável: Lelge de Lima Dona Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104-1649**. edição 111, outubro de 1994. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1539/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 533-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ldta., Quinta Paz Verde, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, envie a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade em todo país pela DINAP. **Serviço ao assinante** Fone: (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotolinx Ltda. **Fotocópias** Artes Gráficas, Gráfotec, **Proposta Editorial**

IMPRESSA NA EDITORA ANTÁRTICA S.A.



SHOWBIZZ

FEBRE DA SELVA CONTAMINA LONDRES

Ilustração André Sadler

"Jungle is massive!". O *raggaman* General Levy anuncia ao mundo que o verão 94 estava começando e Londres seria invadida pelo som mais *underground* dos últimos anos – o JUNGLE. A história desse gênero musical é longa e confusa. Digamos que ele nasceu de algum lugar onde *hardcore*, hip hop e reggae se encontram. O jungle, virou então, um gênero representativo da juventude inglesa – não da garotada "descolada" que dança ao som de garage no West End londrino, mas os jovens de classe trabalhadora dos bairros com populações caribenhas.

O baixo é puro reggae. As batidas – *breakbeats* – são 160 por minuto. Acordes são metralhados enquanto vocais femininos acelerados passam voando. De vez em quando o MC pega no microfone, se dirige às *ladies in the house* e declara amor eterno a essa música alucinada, com sua polirritmia desenfreada e um sabor quase latino. Nos *clubs* – como o Labrynth no leste de Londres, ou o Paradise, no norte – e nas *raves* (a mais famosa é a Jungle Fever, cada mês num local diferente), a atmosfera é aquela de 88/89: apitos, cornetas, luvas brancas na luz negra, a infeliz presença do crack, mas principalmente muito ecstasy e uma dança não muito diferente do nosso frevo. Falar de artistas num gênero que não existe "ao vivo" é difícil – além de General Levy, que veio do ragga para o jungle e trouxe com ele o sucesso comercial. Aqui as estrelas são os DJs (LTJ Bukem, o alegríssimo Nikki Blackmarket, o rei do jungle Kenny Ken) e os selos (Moving Shadow e seu *intelligent jungle*, Synthetic com o sensacional Metalheads, Suburban Base... a lista cresce a cada semana). Nos fins de semana estes e outros nomes tomam conta das rádios piratas como a Kool FM ou a Eruption FM, indo do *happy hardcore* durante a noite ao *ambient jungle* pela manhã.

ANAMARIA LEMOS

Será que pega? DJs falam

MAU MAU

"Jungle pesa, mas ainda é *underground*. Para mim já foi; tocava há dois anos.
Em Londres há uma febre de Jungle, mas ainda é restrita. E enjoa muito rápido."

EDU CORELLI

"Eu não sou fã, não gosto muito mas têm coisas boas como: 'A Guy Called Gerald'. Já toquei mas não toco mais, de qualquer jeito não é a coisa que eu mais gosto e nem vai ser a coisa que eu vou gostar mais."

MAURO BORGES

"O que é aquilo? Deve ter alguma droga nova para curtir jungle. As músicas são repetitivas e não têm nenhum toque pessoal. Os 'modernetes' brasileiros devem aderir. O máximo que vão conseguir é esvaziar a pista!!"

THÉO WERNECK

"Não é minha praia, prefiro frevo. Não sei como se dança."

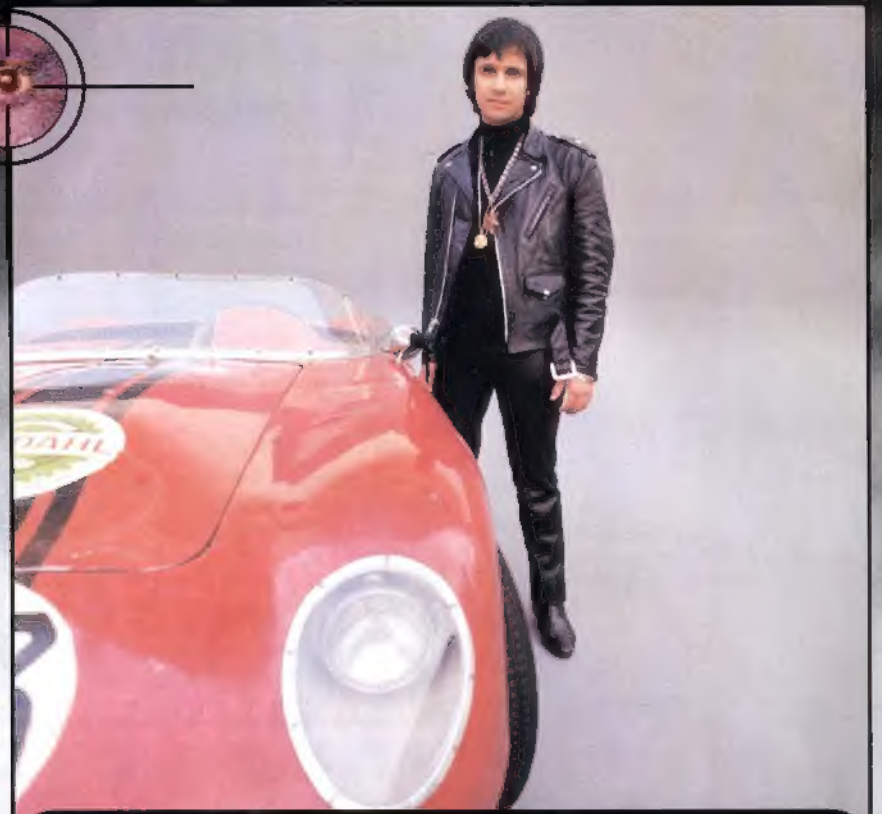
GUIA DO JUNGLE NA INGLATERRA

• ARTISTAS - PRODUTORES
Goldie, Metalheads, Andy C, Origin Unknown, Shimon, Roni Size, Dillinja, Omni Trio, Foul Play, Ray Keith, LTJ Bukem, DJ Hype, Ganja Crew, L Double, Da Intalex, DJ Crystl, Pascal, Johnny Jungle, A Guy Called Gerald, Hyper-On-Experience, E-Z Rollers

• SELOS
Moving Shadow, Suburban Base, Reinforced, Ram, Back To Basics, Renk, X Progect, Dee Jay, No U Turn, Full Circle, V Recordings, Proper Talent, Kemet, Philly Blunt, Ganja, Metalheads, SLM, Basement, Good Looking, IQ, Liftin Sirits, Production House, Formation, Juice Box, SOUR, Flex

• CLUBES
Thunder & Joy (domingo) *The Raw Club*: 112-a, Great Russel St., WC1.
Tribal Dance (sexta) e *AWOL* (sábado), *Paradise Club*: 1-5 Parkfield St., Islington N1.
Innersense (sábado), *The Lazerdrome*: 267, Rye Lane SE 15.

• LOJAS
Section 5: 121, King's Rd, SW3
Ibiza: 464, Kingsland Rd, E8
Unity: Beak St.,W1
Chemistry: 4, Regent Parade, Brighton Rd, Sutton, Surrey, Freedom, Watford



UM BARÃO NA CORTE DO REI

A o mesmo tempo em que promovia o lançamento de *Carne Crua*, **ROBERTO FREJAT** ainda arrumou tempo para produzir as quatorze faixas (treze, nem pensar!) de ***Rei***, a homenagem prestada a **ROBERTO CARLOS** por alguns de seus fãs mais inusitados. Veteranos pop como Marina, Lulu Santos e nomes emergentes como Chico Science registraram no disco suas versões para a época de ouro da dupla Roberto e Erasmo. Frejat conta como foi lidar com súditos tão diversos.

"A princípio, a escolha dos artistas foi minha, particularmente aqueles que se enquadravam na faixa jovem do público, porque a intenção era tornar esse segmento mais próximo da obra do Roberto. Na maioria das vezes eu deixava a escolha da música para o artista, porque além do repertório ser grande, cada um saberia escolher aquilo que estivesse mais de acordo com sua linguagem."

Da lista inicial, Frejat não pôde contar com Paralamas, Legião e Marisa Monte. Mas conseguiu reunir um elenco respeitável, em que se destacam as estréias solo de dois nomes bem conhecidos: Carlinhos Brown ("Eu Te Darei O Céu") e Paulo Miklos ("Sua Estupidez").

Roberto Frejat conta a história da produção de *Rei*, o disco-homenagem a Roberto Carlos

"A versão do Brown talvez seja a mais inesperada, até pelo fato de nunca ter gravado sozinho antes. Quando eu convidei os Titãs, já sabia que dificilmente eles aceitariam porque estavam se licenciando. Propus então que estava aberto a solos e fiquei feliz quando o Paulo estreou como solista no disco."

Esse é um caminho que não faz parte dos planos de Roberto Frejat: "Jamais abandonaria o Barão. Cumpriria melhor minhas expectativas criativas trabalhando como produtor *(com o Jorge Cabeleira, por exemplo)*."

Mesmo gerado durante as turbulentas negociações de renovação do Rei com a Sony Music – ou até por causa disso – o próprio RC deu carta branca a Frejat antes de iniciarem as gravações e nunca deu palpites. Só uma ressalva: o projeto deveria ressaltar a importância do "Tremendão" Erasmo na parceria das canções.

"Eu não pretendia fazer um retrato completo do Roberto porque ele tem uma obra extensa demais. Mas acho que uma bela parte do trabalho dele está descrita ali e de maneira atualizada", concluí.

Cláudio Campos

ROCK'N ROAD

RATOS DE PORÃO

SEPULTURA

GARAGE FUZZ

KILLING CHAINSAW

ROADRUNNER RECORDS

CAIXA POSTAL 61.051 CEP 05071-970 SÃO PAULO

UMA BOBINHA DELICIOSA

STILLS

MARISA TOMEI ri muito – quase como uma colegial tímida ou deslumbrada. Talvez você risse tanto também se tivesse sido premiada com o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante recebido em 92 – por sua parceria com Joe Pesci em *Meu Primo Vinny* – ou se tivesse 30 anos e recebesse dois milhões de dólares por filme.

O mais recente desses filmes bem pagos é *Only You (ex-Just In Time)*, no qual Marisa é uma tolinha que passa a vida inteira procurando o homem de seus sonhos, conforme indicado na infância por um evento paranormal.

Dias depois da estréia do filme nos Estados Unidos, a **BIZZ** passou uma tarde – nada paranormal – tomando água mineral e trocando idéias com a risonha Tomei em Beverly Hills.

O Oscar mudou em algo sua vida, em termos pessoais ou profissionais? Você passou a ter mais ofertas de filmes?
Não muito. Antes do Oscar eu já havia sido contratada para fazer esses dois filmes que estão saindo agora – *Only You* e *The Perez Family (que sai em dezembro nos Estados Unidos. Marisa faz o papel de uma imigrante cubana)*. Só agora, portanto, a coisa está mudando mais um pouco, com um tanto a mais de ofertas. Bom, na vida pessoal conseguir reservas em restaurantes passou a ser mais fácil também *(risos)*. Meus amigos são os mesmos, a única diferença é que me mudei para uma casa maior.

Você recusou o principal papel feminino de *Quatro Casamentos E Um Funeral* – que foi para Andie MacDowell – e o filme tornou-se sucesso de crítica e de público. Por que você recusou o papel? E se arrependeu depois?
O papel tinha sido escrito dentro de uma sintaxe inglesa, os maneirismos, as palavras, e achei que não seria capaz de representar bem aquelas falas por causa disso. Além disso meu avô estava doente e eu não queria ficar longe dele.

Você sabia que em japonês "tomei" significa "transparente"?
Não! Mas é um elogio e tanto *(risos)*.

O Tomei de seu nome é de origem italiana, não?
Sim. A família de meu pai é da Itália, a de minha mãe da Albânia. Ambos nasceram e se criaram em Nova York, como eu.

Sua personagem em *Only You* traça a vida inteira a partir do que lhe é dito por uma cartomante. Você já foi a alguma cartomante?
Sim. As cartomantes fazem você se questionar, como se você estivesse fazendo a pergunta que gostaria de fazer a si própria. Não que eu siga conselhos de cartomante, mas é divertido. E às vezes você está desesperada por conselhos.

Você acredita em destino, naquela coisa de que uma pessoa é feita para outra, de que alguns encontros não são por acaso?
É... sabe quando você está pensando num amigo que não vê há muito tempo e de repente aquele amigo telefona para você? Não há explicação lógica para isso, existe?

Quando você era mais jovem, de que atrizes gostava? Em quem você se inspirava?
Lucille Ball e Carol Burnett são os primeiros nomes que me ocorrem, porque eu não era muito de ir ao cinema. Via mais TV e ia ao teatro. Ah, sim, Kathy Bates, também, porque a vi na Broadway fazendo *Night, Mother*, e aquela peça teve um tremendo impacto sobre mim.

Algum tempo atrás você falou que gostava de vestir umas roupas malucas, tipo boás. Continua gostando desse tipo de vestimenta?
Eu cresci, não é? Esse é o tipo de coisa que você faz quando é mais jovem, pintar o cabelo de roxo ou algo parecido. São... etapas.

Qual foi o pior conselho profissional que já lhe deram?
Não sei se foi apenas uma pessoa, mas me falaram que era necessário ter um monte de gente ao meu redor, me guiando e me dizendo o que fazer. Você sabe melhor que ninguém o que é bom para você, e o melhor é cultivar essa capacidade em si mesma.

E o melhor conselho?
Acabei de dá-lo a você *(risos)*.

José Emilio Rondeau

Igor detona umas manobras radicais na prancha enquanto o Sepultura não cai na estrada

NA BATIDA DOS TUBOS

Quando não está "a serviço do Sepultura", o baterista **IGOR CAVALERA** divide seu tempo em dois: desenha os modelos de *streetwear* da sua grife C Wear (que está sendo lançada este mês) e troca as baquetas pela prancha de surf. O roqueiro, além de pegar uma onda, é amigo dos maiores surfistas do mundo.

Quando você começou a surfar?
Desde moleque já andava de skate e sempre fui viciado em adrenalina. Em 91, quando vim para São Paulo, o dono da Vision me deu uma prancha. Aí eu comecei a ir para o litoral pegar umas ondinhas.

Demorou muito para aprender?
Apanhei! Não conseguia ficar em pé de jeito nenhum. Agora está na boa.

Também, você teve grandes professores. O Matt Branson, por exemplo, está entre os melhores do planeta.
É verdade, mas o fato de ser amigo dele e de outros surfistas australianos, como o Matt Hoy e o Shane Powel, não influiu no meu aprendizado. Eu tenho vergonha de ficar pedindo uns toques.

Qual foi a maior onda que você já encarou? Deu para tremer?
Pô, eu fiquei apavorado. Nem sei dizer o tamanho da onda. Aconteceu quando estava de férias na Austrália e passei uma semana pulando de praia em praia fazendo o caminho que eles chamam de *Gold Coast* (algo como "a costa dourada"). Numa das praias, como eu não tenho muita experiência, me vi "rodeado" de ondas enormes. Tive sorte de conseguir sair da água.

Mas o perigo faz parte do surf.
É, faz parte. Mas eu não sou profissional e nem tenho muito tempo para praticar. Quando eu caio na água é para me divertir. Se o mar estiver alto ao ponto de não me dar segurança, eu não entro.

ROBERT HALFOUN

notas

O **KING CRIMSON** está de volta, com a formação dos anos 80 (leia-se Adrian Belew e Robert Fripp nas guitarras; Bill Brufford na bateria e Tony Levin no baixo), além do percussionista Pat Mastelloto e do baixista e vocalista Trey Gunn. Depois de lançar o EP Vrooon , o novo King Crimson se tranca no Real World Studio para gravar um disco novo *** Depois da reunião do **LED ZEPPELIN** – resumido ao guitarrista Jimmy Page e o vocalista Robert Plant –, vem aí um disco em tributo aos medalhões do heavy metal *** O álbum – que deve chegar às lojas ano que vem – traz, entre outros, **STONE TEMPLE PILOTS** (com "Dancing Days), **HELMET** (com "Custard Pie"), **BLIND MELON** (em "Out Of The Tile"); **TORI AMOS** (foto) **E ROBERT PLANT** mandam ver numa versão de "The Battle Of Evermore" e o fortão **HENRY ROLLINS** canta "Four Sticks"

Tori Amos: a nova parceira de Plant?

*** Enquanto isso, o veterano Geezer Butler deixou novamente o **BLACK SABBATH** de forma pouco amigável. A última participação dele rolou no Brasil, durante o show Monsters Of Rock. *** "Rapture", sucesso do **BLONDIE** na década de 80, está de volta às paradas. A música ganhou uma versão remix de Guru (do Jazzmatazz) e K-Klass

Olympikus.
Testado,
massacrado
e aprovado
por Jeff
Malone.

Jeff Malone - Atleta NBA.

OLYMPIKUS®

S O C O R R O !

OS VELHOS SERIADOS ESTÃO DE VOLTA.

por Nelson Hoineff *

Don Adams, o *Agente 86*: boa série prejudicada pelo horário

Séries antigas estão de volta à televisão. Não é nostalgia. É economia. Uma hora de *reruns* pode sair por menos de 2 mil dólares – cinco vezes menos que o preço pago pelo mesmo tempo de programação inédita.

Como é norma vigente na televisão brasileira, as novas velhas séries estão mal programadas. Foram escolhidas pelo preço, não por cabeças que um dia as tenham curtido. Uma notável exceção: o **BATMAN** original, obra-prima da cultura pop da qual, duas décadas depois, Tim Burton (o diretor da série no cinema) parece não ter entendido nada. Nem o que representava a dupla dinâmica, muito menos seus arquiinimigos como o Pingüim, nem longinquamente o significado da presença de personagens – intérpretes como Burgess Meredith e Cesar Romero, além, é claro, de Adam West e Burt Ward.

A GATA E O RATO já era decadente quando exibida nas decadentes tardes de sábado na Rede Globo. No horário nobre é, na melhor das hipóteses, um retrato do que pode ser a televisão de rede que se contrói hoje no Brasil.

Quanto ao **PLANETA DOS MACACOS**, trata-se, para ser generoso, de um grosseiro insulto à série iniciada em 68 por Franklin Schaffner. O diretor de *Patton, Rebelde Ou Herói*, jamais imaginaria ver seu filme mais instigante dando margem a continuações oportunistas, mesmo para o cinema. Provavelmente por desgosto acabou fazendo filmes como *A Esfinge* e *Uma Voz Para Milhões*. O reducionismo a que *Planeta Dos Macacos* foi condenado na série de televisão é um patético testemunho do que insinuava Pierre Boule, o autor da novela original: vivemos todos, de fato, numa civilização irracional.

> Exibir séries antigas sai barato e anima os saudosistas. É pena que, na escolha delas, a qualidade foi deixada de lado

Há velhas séries na televisão, mas nada que se compare, por exemplo, com o delicioso trabalho de prospecção que Walter Clark fez em sua breve passagem pela TV Rio do Pastor Fanini: obras-primas como *Além Da Imaginação*, *Maverick*, *Aventura Submarina*, além, é claro, do modelo para todo o cinema policial que se faria nos próximos 30 anos: *Cidade Nua*. Colocando de uma maneira diplomática: não são muitos os programadores da televisão brasileira, hoje, que sabem quem foi Rod Sterling. Mas basta uma visita às distribuidoras para saber que *Alfred Hitchcock Presents* está disponível ao mesmo preço/hora que as inexpressivas séries que estão de volta a um ar que jamais deveriam freqüentar.

Há séries ruins que ganharam importância histórica, o que justifica o original de **JORNADA NAS ESTRELAS**, por exemplo. Se pelo menos a história da televisão fosse estudada entre um espasmo e outro de arrogância, no entanto não seria difícil perceber a importância de séries negligenciadas, como *Rota 66*, ou outras que formaram grandes diretores – categoria na qual *Além Da Imaginação* (que virou filme na década de 80 e teve Steven Spielberg na direção de um episódio), que recentemente mereceu uma ampla retrospectiva no Museu de Televisão de Nova York, jamais será batida.

A Gata E O Rato: ruim desde o começo

Fizeram uma cachorrada com os *Macacos*

No que diz respeito à originalidade, ou pelo menos compreensão do que o veículo já legou, não há nada de novo na TV. Velhas séries estão de volta ao ar. A preço de banana. Mas sabor de chuchu.

** Nelson Hoineff é diretor-geral do programa jornalístico* Documento Especial, *do SBT*

PARA QUEM QUER CURTIR OS SERIADOS

AGENTE 86
Globo: madrugadas de domingo

PERDIDOS NO ESPAÇO
TVA e Net/Brasil: diariamente às 6h

TERRA DE GIGANTES
TVA e Net/Brasil: domingo, às 6h

A GATA E O RATO
SBT: quinta-feira, às 22h35

PLANETA DOS MACACOS
SBT: sexta-feira, às 22h35

JORNADA NAS ESTRELAS
Record: de 2ª a 6ª, às 17h30

SPEED RACER
MTV: de 2ª a 6ª, às 16h e 0h

BESOURO VERDE
TVA e Net/Brasil: sábado e domingo, às 19h e 19h30

BATMAN
Gazeta/CNT: de 2ª à 6ª, às 18h
TVA e Net/Brasil: de 2ª a 6ª, às 8h e 17h

M.A.S.H.
TVA e Net/Brasil: diariamente às 19h30 e 2h30

AS PANTERAS
TVA e Net/Brasil: de 2ª a 6ª às 10h e 15h

DESENHOS DE HANNA BARBERA
Manchete: de 2ª a 6ª, às 8h. Domingos, às 8h

Vídeo-Aulas
M.P.O. VÍDEO
LANÇAMENTOS

FAISKA
SUPER LICKS

FLÁVIO GUIMARÃES
GAITA BLUES, ROCK E COUNTRY

DUDA NEVES
UMA HORA DE ESTUDO

SLIDE GUITAR
OTÁVIO ROCHA

O CONTRABAIXO COMPLETO
JORGE PESCARA

PROGRAMAÇÃO DE SINTETIZADORES
FÁBIO RIBEIRO

SHACKLE POINT
JOE MOGHRABI

E MAIS 40 TÍTULOS

M.P.O. VÍDEO
FONE: (011) 263-1522
FAX: (011) 62-7608

DATAS

08 10 94 aniversário de John Lennon. Caso estivesse vivo, o ex-Beatle completaria 54 anos.

23 10 94 Sting e Elton John participam de um concerto na Inglaterra em benefício do grupo Stonewall, que luta pelos direitos dos homossexuais. O concerto foi no Royal Albert Hall.

26 10 94 o *rapper* Tupac Shakur é julgado da acusação de ter batido num colega com um taco de beisebol.

05 10 54 O *Monty Phyton's Flying Circus*, um dos maiores programas humorísticos de todos os tempos (que veio a influenciar o *Saturday Night Live*, nos Estados Unidos e o *TV Pirata*, no Brasil), estreava na TV inglesa. O programa durou cinco anos e tinha quadros absurdos como a marcha do exército gay, o Ministério dos Passos Estúpidos, entre outros.

24 09 93 a atriz Shanen Doherty (a Brenda de *Barrados No Baile*) se casou com o ator Ashley Hamilton. Depois das eventuais juras de amor eterno, o casal passou vários meses brigando. Shanen e Ashley se separaram no dia 23 de fevereiro deste ano. No dia 7 de abril, a atriz entrou na Justiça americana com um pedido de divórcio.

04 10 94 a cantora Whitney Houston ofereceu a canção "The Greatest Love Of All" ao presidente da África do Sul, Nelson Mandela, durante uma celebração na Casa Branca. "Eu 88, eu cantei em homenagem ao cidadão Nelson Mandela, que estava preso. Agora, canto para o presidente Mandela. Isso é algo que significa muito para mim", disse a cantora.

EM BREVE

PET SHOP BOYS

Os inseparáveis Neil Tennant e Chris Lowe trazem na bagagem de sua *Discovery Tour* (que começou em novembro) o repertório completo e uma verdadeira parafernália técnica, com direito a projetores, canhões de luz e até cubos infláveis! No palco, além da dupla, estarão oito pessoas, entre músicos e dançarinos.
Detalhe: no grupo, dois dançarinos e um percussionista são brasileiros.
Confira as datas das apresentações:
São Paulo – 5, 6 e 7 de dezembro no Olympia
Rio de Janeiro – 9 e 10 de dezembro no Metroplitan

SUPERDEMO

Acontece de 1 a 4 de dezembro no Espaço Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163), Rio. O festival de bandas independentes traz, além de Câmbio Negro e El Kabong (Brasília), Tiroteio (São Paulo), Lingua Chula (Campinas), Graforréia Xilarmônica (Porto Alegre) e Tubarões Voadores (Rio), uma mostra de fanzines, fotos e vídeos. A Superdemo já revelou, entre outros, Skank e Raimundos. Para participar, mande seu material para: Eliza Cohen Produções Artísticas, Rua Marquês de Paraná, 128/908 – Flamengo – RJ. CEP 22230-030. Ou ligue para (021) 552-7858.

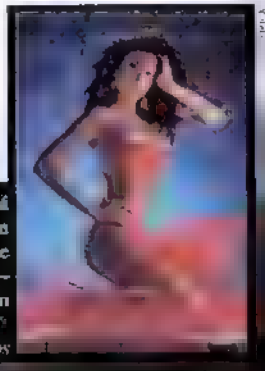
SUCESSO EM ABUNDÂNCIA

MISTER MU

É o que se pode chamar de homem feliz. "A Desconhecida" sua versão funkeada para um sucesso do *hitmaker* brega Fernando Mendes, estourou nas rádios. A êm disso, seus shows quase diarios pelos suburbios do R'o de Janeiro estão levando os cariocas a outra. Tudo isso por causa de suas *partners* chamadas carinhosamente de **RICARDETES** - que em certo momento do espetáculo chamam alguém da platéia para participar das coreografias eróticas que rolam durante o show. E pensar que por pouco Mu não foi esquecido: sua primeira música de trabalho era uma continuação de "Meló Do Ricardão", que tinha o saudoso Tião Macale nos vocais. E como piada contada duas vezes não tem graça...

Cláudio Campos

Parzinho *junkie* à vista no mundo do rock'n'roll. **DREW BARRYMORE** (a menininha do *E.T.* que virou aquela delícia de loiraça) é a nova namorada do guitarrista Eric Erlandson, do Hole. Drew participou do recente show que o grupo de Courtney Love deu em Nova York.



Seguindo os passos de suas colegas Traci Lords (que já gravou com Charlatans e Ramones), Hyapatia Lee e Sharon Kane, a ex-atriz pornô **MADISON STONE** finalmente estreou nos palcos, liderando uma banda de rock'n'roll – batizada de Kiss The Monkey. O som foi descrito como um cruzamento entre Go-Go's e Nine Inch Nails (!).

José Augusto Lemos

CYBER BEASTIES

A produtora americana The Music Kitchen, via Internet, lançou uma série de programas sobre música. O primeiro volume é o CD-ROM dos **BEASTIE BOYS**. O serviço traz, entre outras coisas, a discografia completa do grupo, letras de música, datas de turnês, entrevistas, fragmentos de filmes e musicas. Os proximos lançamentos da The Music Kitchen são bastante animadores: saem The Breeders, Meat Puppets e Redd Kross

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE AMBIENT ETC
CD - IMPORTADO NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
NOVOS E USADOS
(nacionais e importados)
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
ATENDEMOS TODO O BRASIL
REVENDEDOR AUTORIZADO
ARIA PRO II • BARTOLINI • BISCAYNE
BOSS • CHANNEL • CRATE • DI GIORGIO
DEAN • DUNLOP • EMG • EPIPHONE
FENDER • GIANNINI • GIBSON • GOLDEN
GOTOH • IBANEZ • KHALLER • LEGEND
LION • MAISON • METEORO • OLIVER
ONNER • PEAVEY • PICK BOY • RARUS
SEYMOUR DUCAN • SHADOW • SONORUS
SOLID SOUND • SIGMA • SANTO ANGELO
STANZA • TOBIAS • VIENA CASES
WASHBURN • YAMAHA • ZOOM
FINANCIAMOS EM 1 + 3 VEZES
VÁLIDO PARA TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO, 865 - PINHEIROS
CEP 05405-050 - SÃO PAULO - SP
TELS.: (011) 883-6779 / 851-1651

free note
SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL.
RUA TEODORO SAMPAIO, 785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

CINEASTAS TÊM 1 MINUTO PARA PROVAR TALENTO

Acontece em dezembro a quarta versão do **FESTIVAL MUNDIAL DO MINUTO**
Sem preconceito quanto ao formato e estilo aparece de tudo no festival, do VHS emprestado do tio às sofisticadas câmeras de cinema Eles valorizam mesmo é a idéia, a criatividade de mostrar uma visão de mundo. Com seu formato simples de 1 minuto ele dá oportunidade para o surgimento de novos talentos que competem de igual para igual com grandes profissionais. Esse ano, por exemplo, um garoto de 9 anos tem seu trabalho na mostra
Dos 421 trabalhos inscritos, vindos de 25 países, 31 foram selecionados para a mostra competitiva. O Brasil está concorrendo com treze trabalhos
Os minutos deste ano estão mais densos e cinematográficos e, diferente dos outros anos, são poucos os temas com humor
Além da mostra competitiva, o festival prepara duas mostras paralelas: "Os Doze Trabalhos De Hércules" e "A Vida Por Um Fio", esta última é uma reunião dos trabalhos inscritos que se encaixam no tema morte
Outra novidade é a ampliação das salas de exibição. Agora a mostra não se concentra só no MIS, ela vai ser exibida nos SECs, Centros Culturais, praças, universidades... Junto com o lançamento de um CD-ROM

COMENTÁRIOS:
— *Conversation ACT*/Russia
Andrei Ventsilova tem três trabalhos concorrendo. Todos explorando uma mesma linguagem, a imagem que vemos é a de um filme antigo sendo projetado. Este trabalho, especificamente, mostra uma troca de olhares entre um louco e um transeunte

Mostra reúne novos talentos, diretores veteranos e um menino de 9 anos de idade

— *Les Mouettes*/França
Essa animação simples tem na idéia e na montagem a sua graça. Os personagens se revezam numa situação clichê: o homem que chega em casa e encontra sua mulher com outro, no caso um urso que vira tapete
— *La Guerra*/Argentina
Este trabalho de Eduardo de La Serna fala de um assunto que sensibiliza a todos: a tristeza da guerra. Ele utiliza imagens de arquivo tendo como narração um belo poema cubano que fala quando os homens voltam da guerra.
— *SP-Tokyo Em Poucos Segundos*/Brasil
Um verdadeiro haicai bem-humorado de Nando Oliva. Não dá para contar senão perde a graça.
Ringue/Brasil
Numa "luta" entre um repentista e um rapper os ganhadores somos nós que, num divertido rap-repente, escutamos seus discursos que tratam dos problemas do dia-a-dia de cada grupo
— *As Aves Que Aqui Gorjeiam Não Gorjeiam Como Lá*/Brasil
Aumentando os gritos de protesto contra o desmatamento, Vinicius Pleite fez os próprios pássaros da mata impedirem a derrubada de uma árvore com seus ruídos estridentes. Os ruídos são xingamentos em inglês!

SERVIÇO

- Pré-estréia 6/12: CineSesc
- Mostra competitiva, paralela e retrospectiva de 91 92 e 93
De 7 a 11/12: Sesc Consolação
- Mostra competitiva de 7 a 11/12: MIS e SESCs Pinheiros, Pompéia, Carmo, Interlagos, Ipiranga, Itaquera, São Caetano
- Mostra competitiva e premiação 9.12: Praça Benedito Calixto
Obs.: a entrada é grátis!

Laís Bodanzky

O CALANGO ESTÁ SOLTO.

NOVO ÁLBUM
CD • K7 • LP

CHAOS

Sony Music

JULIETTE LEWIS
da doçura à violência

Ela [illegible] mesmo patamar hollywoodiano de uma Winona Ryder e nem é por enquanto a darling de executivos. Mas JULIETTE LEWIS já tem um lugar reservado no coração de cineastas *cult mainstream*. Lançada ao estrelato por Martin Scorsese em 92 aos 17 anos, a filha do ator Geoffrey Lewis está construindo sua carreira através de personagens marcadamente sexuais – ou chegados numa violência como em *Kalifornia* e no último Oliver Stone *Assassinos Por Natureza*.

Tudo por causa da cena em que Juliette dá uma bela chupada num dos dedos de Robert De Niro em *Cabo Do Medo*. De lá para cá mesmo não tendo a exuberância física de uma Drew Barrymore – magérrima ela está mais para Kate Moss – habita as fantasias sexuais do inconsciente dos homens.

Ex-namorada de Brad Pitt, Juliette circula atualmente pela capital do cinema solteiríssima, mas nada preocupada com seu futuro amoroso, já que foi taxada pela imprensa como "one of the Hollywood hottest young things".

Deborah Pelegias

Ocupando o espaço da maldita

A FLUMINENSE, a primeira rádio dedicada exclusivamente ao rock'n'roll surgida na terrinha, deu seu último suspiro sexta, dia 1º de outubro, ao som da marca fúnebre "The End", dos Doors, e em segundos passou a irradiar a Joven Pan. A Flu vinha abusando de um certo radicalismo burro – escancarado pelo fato de ignorar grupos como Onyx, Beastie Boys e Cypress Hill, além de demos de novas bandas em virtude de insistir nos balzacas como Led Zeppelin e Rush – mas ainda assim quebrava um galho para quem não suporta o batidão dance das outras rádios. Os cariocas ficaram quase sem opção no *dial*, cabendo a cada rádio local

Costa Verde FM surge como opção para os cariocas que gostam de rock

desenvolver seus próprios programas como é o caso da COSTA VERDE FM, 91,7. A emissora colocou programas especiais em seu horário nobre. Segunda, tem o *Radio Garage*, tocando de grupos de *death metal* a Racionais MC's. Terça tem o *No Alternative*, com as últimas novidades. Quarta, rola putaria e baixarias do meio musical. Quinta é a vez do *Hellradio* – que a Flu dispensou – com Tom Leão e André X. Sexta, Luiz Thunderbird comanda o *120 Minutos*. Devem rolar especiais com Elza Cohen (*Superdemo*) e Renato Russo. O telefone para você mandar sua demo é (021) 788-2516 e o endereço é R. José Roberto Freire, 398, centro Itaguaí, RJ, CEP 28818-201.

Alexandre Rossi

OUÇA ESSA

"O Leonardo, da seleção. Acho ele um gatinho" (RENATO RUSSO conta quem é o seu símbolo sexual na *Revista Da Folha*)

"Nós não procuramos formar um grupo 100% feminino, é uma coincidência. Há vantagens: nós podemos ir todas juntas ao banheiro e ficarmos menstruadas ao mesmo tempo" (LUSCIOUS JACKSON, na revista francesa *Les Inrockuptibles*)

"Minha vida sexual é o alvo de tudo que tem sido escrito sobre mim. Eu provavelmente faço muito menos sexo que as outras pessoas. Esta é a grande ironia" (MADONNA, na revista americana *Rolling Stone*)

"Led Zeppelin é a minha maior influência. Eu queria perder a minha virgindade com Robert Plant quando eu tinha dez anos" (TORI AMOS, idem)

"Na minha fase progressiva, eu chamava o Pink Floyd de 'tarantella pop'" (LULU SANTOS, em *O Globo*).

"Evan Dando está *dandy* nesse estilo floral, principalmente porque entende a importância dos acessórios. Repare quando ele segura na garrafa de água mineral Evian: realça o frescor das margaridas" (WILLIAM NORWICH, editor da revista *Vogue* na *Details*)

"Dizer que você é sensível porque é mulher, é ridículo! Posso ser uma babaca e sou egocêntrica" (ME'SHELL N'DEGE OCELLO na revista *Rolling Stone*)

"Se você matar, você deve ser morto. É sério. Eu acredito na pena de morte. A punição deve diminuir o crime" (TOM ARAYA, do Slayer, na *Kerrang!*)

"Eu me sinto nu, muito vulnerável quando emagreço" (SYLVESTER STALLONE respondendo à pergunta "Músculos também servem como proteção emocional?" na revista *Details*)

"Eu adorava esse grupo! Pobre rapaz, ele foi completamente engolido pelo meio. Ele estava preso neste circo como um tigre em sua jaula" (MARIANNE FAITHFULL sobre Kurt Cobain na *Les Inrockupitbles*)

"Eu sempre quis trabalhar no Mc Donald's por uma semana. Seria uma boa experiência" (JANET JACKSON, na *Vibe*).

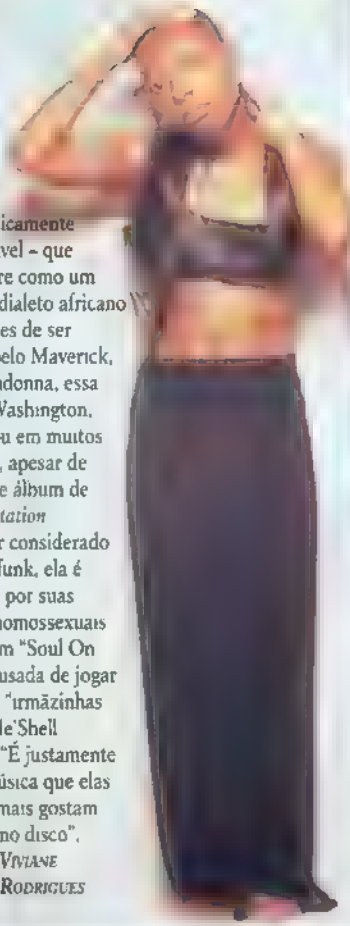
notas

ELVIS vai literalmente se revirar no túmulo: foi autorizada a revisão da autópsia do rei 17 anos após a sua morte. Parece que o próprio governo americano está interessado. **THE JESUS AND MARY CHAIN** estão processando a Reebok. Motivo: o uso não-autorizado da música "Reverence" num comercial de TV. *** **HENRY ROLLINS** lançando o livro Get In The Van, com versão em áudio, contando suas experiências desde o Black Flag até a Rollins Band. *** Unplugged In New York do **NIRVANA** foi lançado no dia 31 de Outubro. Além dos sucessos, há covers dos Vaselines, David Bowie, Leadbelly e Meat Puppets. **BEAVIS & BUTT-HEAD** no cinema! As aventuras deles na telona dependem de um acordo entre a MTV e a produtora Geffen. Uma quer manter o formato original; a outra quer atores vivendo os escrotinhos

Paula Lima

Vocalista da Unidade Bop (uma das revelações do jazz rap feito no Brasil), essa paulista de 24 anos começou sua carreira há dois anos num show de talentos e não parou mais: foi convidada para integrar a Unidade Móvel, projeto de dança e música junto aos polivalentes Eugênio Luma e Will Robson; participou nos trabalhos da banda Zambaster's e do Grêmio Recreativo Amigos do Samba, Funk e Soul, entre eles a participação em 23, disco de Jorge Benjor. Paula é formada em piano clássico e canta e muito bem. A prova disso é *Quebrando O Gelo Do Clube*, disco de estréia da Unidade Bop. A cantora pretende montar um show em que interprete clássicos da música americana dos anos 30 e coisas de Cláudio Zoli, Tim Maia, Anita Baker e, quem sabe, "uma banda de soul brasileira". *Cláudia Souza*

Me'Shell

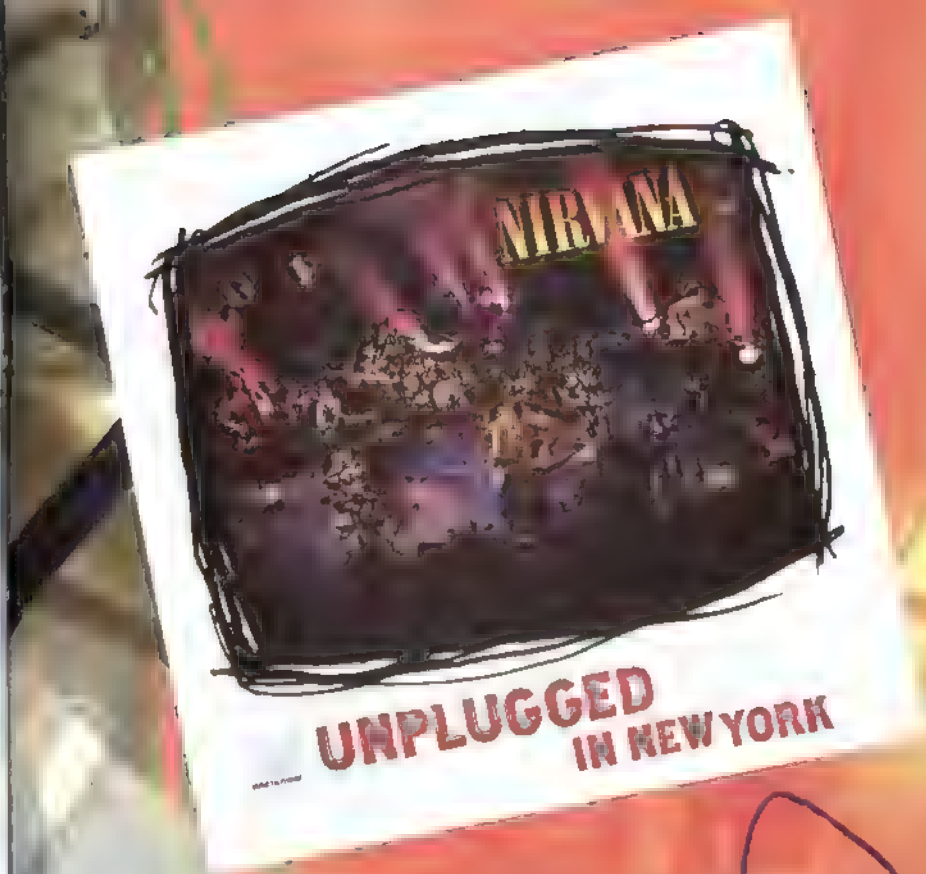


ME'SHELL N'DEGE OCELLO é uma mulher e tanto. Começando pelo próprio nome – praticamente impronunciável – que significa "livre como um pássaro" no dialeto africano swahili. Antes de ser contratada pelo Maverick, o selo de Madonna, essa cantora de Washington, se apresentou em muitos *go go clubs* e, apesar de seu excelente álbum de estréia, *Plantation Lullabies*, ser considerado o futuro do funk, ela é mais famosa por suas convicções homossexuais e racistas. Em "Soul On Ice" ela é acusada de jogar duro com as "irmãzinhas brancas". Me'Shell rebate: "É justamente a música que elas mais gostam no disco". *Viviane Rodrigues*

Você Vai Ouvir Falar De

Thrum

Grant Lee Phillips (do Grant Lee Buffalo) os assistiu e delirou. "Ele sugeriu para gravarmos em San Francisco, mas não me pergunte por que ele não está no álbum. Vendas garantidas, mas seria desonesto". Honestidade é o que não falta nas palavras da vocalista Monica Queen e na música do THRUM, oriundo "dum vilarejo escocês chamado Motherwell". Apos três singles, o álbum *Rifferama*, gravado e mixado em três semanas, confirmou as expectativas "Não há mais nada totalmente original" e assim sendo o quarteto recria o furor de Neil Young numa atmosfera de The Jayhawks. *Fernando Naporano*



GEFFEN

EM CD, K7, LP

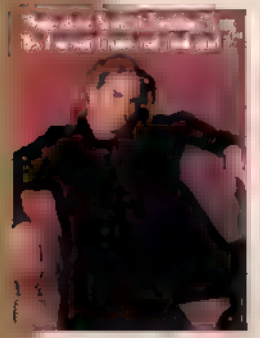
BMG

A ferro e fogo

Desencane de fazer aquela tatuagem que você tanto queria, ou até mesmo aquele *piercing* na narina esquerda. A moda agora é imitar o gado que pasta pelo mato. Segundo a inglesa *i-D*, marcar a pele com ferro quente é o novo *hype* no underground londrino. O único problema enfrentado pelos modernos de plantão é a ilegalidade da moda. Considerada uma "agressão física" pela lei britânica, a

prática acaba sendo concretizada sob sigilo ou em praças mais liberais, como a maluca Amsterdã. Definitivamente, coisa de comedor de grama.

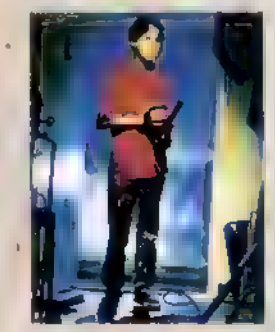
Cruise em curso



O diretor de *Entrevista Com O Vampiro*, Neil Jordan, me disse que **Tom Cruise** nunca voltará a fazer seus velhos personagens depois de seu último filme. E há algo diferente em Tom agora. Eu quis fotografá-lo nesse momento de mudança." Com essas palavras, a poderosa fotógrafa americana **Annie Leibovitz** definiu o ensaio que assina na clássica *Vanity Fair* Confira um dos clics de Leibovitz logo acima.

No ar, a sua TV

Em seu quarto, um adolescente de 15 anos brinca com uma câmera *Hi-8*. Nada mais comum para um jovem de Manhattan. O problema é que as micagens de **Jake** são assistidas por nada menos que 474 mil assinantes de TV a cabo de Nova York. Quem conta a história é a *Vibe* – que, diga-se de passagem, está cada vez melhor. "É como dizer: Vá se foder, eu tenho 15 anos e possuo o meu próprio show. O que você vai fazer?" Parece que o menino vai longe.



Longa vida ao punk!

Quem diria que o **punk** estaria vivo – e muito – em pleno 94? Quem dá uma geral no *revival* é a americana *Spin*. Em cinco páginas, a revista faz um raio-X da nova cena americana, destacando o sucesso impressionante do trio **Green Day** e do barulhento **Offspring** entre outros grupos. Fechando a reportagem, há um questionário que

testa os conhecimentos dos leitores sobre o movimento punk em suas diversas fases. Gaste alguns ricos reais na revista e responda-o se for capaz.

"Meu nome é Bong, James Bong..."

Preparando a volta triunfal de seu **Jamiroquai**, o brilhante **Jason Kay** chutou o balde nas páginas da britânica *Vox*. Repare no "grande e gorducho" como o próprio define seus cigarros prediletos – que aparece entre seus dentes. E Kay se apresenta aos ingleses: "Meu nome é

Bong... James Bong." Enquanto isso, esperamos pelo segundo álbum da banda...

Hélio Gomes

AGITOU TODAS?

Então refresque e mate a sede!

Adrenalina a mil, você sacode o esqueleto até não poder mais ao ritmo daquele som detonante que faz a sua cabeça.
Suor escorrendo pelo corpo, garganta seca... Esses são os primeiros sintomas de que o seu organismo está perdendo elementos importantes como líquidos e sais minerais
E para o seu pique não cair e não pintar o maior desânimo no melhor da festa o negócio é encher o tanque, ou melhor, hidratar-se adequadamente, para recuperar tudo o que foi perdido no suor.
Nesse momento é importante saber que as chamadas bebidas isotônicas, como Gatorade são absorvidas mais rápido pelo organismo, proporcionando uma rápida hidratação.

Quem tem pressa não pode esperar!

Está comprovado cientificamente que, Gatorade é absorvido 30% mais rápido que a água e repõe os líquidos e sais minerais perdidos
Mas não espere a sede pintar.
Você que detesta ficar parado, e está sempre agitando, deve ingerir líquidos sempre. Antes, durante e depois de qualquer agito ou exercício físico. Dessa forma, seu organismo estará sempre com um nível de líquidos adequado.

Balanço perfeito

Da mesma maneira que você escolhe o melhor som, com o maior critério, é importante saber escolher também a melhor bebida "mata-sede".
Bebidas com muitos carboidratos (mais de 7%) acabam tornando mais lento a absorção pelo organismo prejudicando o processo de reidratação
O sódio é outro elemento que tem que ser muito bem dosado em uma bebida, pois seu excesso não faz bem ao organismo. Daí a necessidade de uma bebida que tenha um balanceamento correto. Gatorade tem um balanceamento perfeito de líquidos carboidratos e sais minerais — entre eles sódio e potássio — que aceleram o processo de absorção no organismo
"Faça como muitos *Popstars* nacionais e internacionais, que sempre sobem ao palco acompanhados de uma garrafinha de Gatorade".

ENJOY IT

Sonic ao vivo. A Nureality lançou o VIVID 3D, um aparelho que recria a experiência do som ao vivo restaurando a frequência e a proporção das ondas sonoras. O resultado é um efeito sonoro muito mais rico e completo para os seus games e CDs. Ele pode ser conectado em aparelhos de som, computadores e *videogames*. O preço varia de 79 a 149 dolares e por enquanto não e comercializado no Brasil.
Ligue para a Nureality Fone: 1-800-501-8086

O melhor piano do mundo. Paul McCartney, Elton John, Vladimir Horowitz, Keith Jarret e Ricky Wakeman têm alguma coisa em comum. E não é a mesma marca de cigarros! Trata-se do piano STEINWAY, o melhor e mais caro do mundo, que finalmente vai ser comercializado no Brasil atraves da Girimport. Melhor: a importadora promete levar o comprador ate Nova York para escolher o instrumento no *showroom* da Steinway. Os preços variam de 27.000 a 66.000 dólares. A Girimport fica na Av. Rebouças 2.452. São Paulo-SP/Fone. (011) 881-6966.

Metal em metal. O *designer* de JÓIAS alemão Patrick Muff tem feito sucesso com suas peças exclusivas inspiradas em bandas de thrash metal. Os acessórios são feitos em ouro, prata, pedras preciosas e ossos de animais. Bandas como Metalica, Suicidal Tendencies e Sepultura já foram homenageadas. O broche da banda brasileira vem com a inscrição "A morte de um é o ganha pão de outro". Os preços vão de 900 a 5 000 dolares! Distribuido pela Galeria Treykorn, Savinipaltz 13, 10623 – Berlim, Alemanha.

Viagem sem sair de casa. A viseira da Cybermaxx pode levá-lo ao espaço sem que você saia da poltrona. O VR HEADMOUNT transforma qualquer imagem de videogame em 3D (três dimensões). Pode ser usada em qualquer jogo desenvolvido para os sistemas PC, Macintosh, Sega e Nintendo.
Custa 699 dólares. Ligue para a VictorMaxx nos EUA.
Fone: 1-708-267-0007

Guia revela o caminho das pedras. Os famosos GUIAS TURISTICOS FROMMER'S trazem dicas valiosas de como viajar muito e gastar pouco. É uma publicação norte-americana com mais de 100 opções de títulos (entre países, cidades e passeios) que dão toques especiais para estudantes, deficientes físicos, idosos, viajantes solteiros ou acompanhados. Encomende na Livraria da Vila. Rua Fradique Coutinho, 915, São Paulo-SP/ Fone: (011) 8.4-5811

Quadrinho pornô interativo. O CD GIBI é a primeira versão em CD-ROM das tradicionais revistinhas de sacanagem. Produzidos pela TPN Multimidia (só para PC), o CD vem com as historias "O Vizinho Comedor" e "Transas No Escritório", a ém de várias ilustrações e textos no melhor estilo Carlos Zefiro. O programa oferece mais de uma opção para o final dos episódios. Custa em media 25 reais. TPN Multimidia/Fone: (011) 857-2482

A nova pirataria. Atualmente, todo e qualquer artista vivo ou morto tem algum CD PIRATA em catálogo. Essas listas, cada vez maiores (ja passam dos quatro mil títulos) trazem discos extremamente bem produzidos. Os CDs são fabricados na Itália, onde a pirataria é uma atividade legal, e entram como produto importado (absolutamente legalizados) em vários paises do mundo. No Brasil, também é possivel adquirir novidades como o CD duplo da turnê *Division Bell* do Pink Floyd ou raridades históricas como o encontro de Stev e Ray Vaughan com Buddy Guy, e o último registro de Kurt Cobain no show derradeiro do Nirvana em Roma. Informe-se na Hard N' Heavy.
Fone: (021) 287-5645

Raridades literárias. A LIVRARIA GAJDI não tem livros, tem acervo. Seus mais de 5 000 exemplares são verdadeiras obras de arte. A loja trabalha com os melhores e mais raros livros de arte, musica e antiguidades. A ém dos especialíssimos livros de referência para colecionadores, marchands e antiquários. São exemplares que trazem todo tipo de informação para fazer uma boa compra. A livraria fica na Rua Augusta, 2872. São Paulo-SP/Fone: (011) 881-1010

20 maneiras de ficar ligado. BBS é a sigla para *Bulletin Board System*, uma espécie de "correio" via computador que interliga usuários do mundo todo. Para se ligar é preciso um micro e um modem (placa que permite ao computador emitir ou receber sinais eletrônicos através de linha telefônica). Através dos sistemas de BBS, é possivel trocar e copiar novos programas. Ter acesso a informações financeiras, listas de compras, bancos de dados, guias culturais ou conversar com outros usuários. A inscrição é feita exclusivamente em ligação on-line (via computador). Para maiores informações ligue para:

São Paulo
- Adri's Super Host – (011) 858-8367 (Cultura Politica, Economia)
- Canal Vip – 889-8366 (Genérico/Internet)
- Comet BBS – 275-6358 (Programas, Jogos)
- Estadão – 266-4140 (Noticiário)
- Livraria Cultura – 285-4033 (Livros)
- Mandic – 816-3245 (Suporte IBM, Novell Telecompras, internet)
- Minuto BBS – 282-5278 (Imagens,Cinema, Comportamento)
- Silicom – 294-8544 (Windows, CAD, Games Network, CD-ROM)
- Virtual BBS – 822-44 55 (Genérico, CD-ROM Jogos, Imagens Eróticas)
- Unic (on line) – 871-2189 (Programação, Utilitários, Jogos, Windows)

Rio de Janeiro
- Ciência Hoje (021) 295-4846 (Artigos SBPC)
- Macro System – 552-2713 (Imagens, Cultura)

Curitiba
- Fox – (041) 322-3763 (Genérico, Musica)
- Sul – 225-4495 (Genérico/Internet)

Belo Horizonte
- Louca – (031) 295 1071 (Cultura, internet)

Campo Grande (MS)
- Avacara – (067) 382-2376 (Medicina, Vestibular, Windows, Turismo)

Brasília
- Persocom – (061) 349-14 4 (Jogos, Economia)
- INPE – 347-8970 (Pesquisas Educacionais)

Natal
- PC imagem BBS – (084) 222-7044 (Jogos, Aplicativos, Imagens)

Manaus
- Conde BBS – (092) 644 4088 (Genérico)

Se você tem uma banda que vive esbanjando talento na garagem, agora a Skol está dando uma chance de você ir para o estúdio. E deixar a vizinhança bem mais tranqüila. Vem aí o Concurso Skol Garage Band. Leia o regulamento e participe desse grande evento. Skol Garage Band. Onde sua banda vai ■■ dar muito bem e seus vizinhos mais ainda.

REGULAMENTO: **1.** Só poderão participar bandas constituídas de no mínimo 3 e no máximo 8 integrantes, todos maiores de 18 anos. **2.** Cada banda só poderá concorrer com uma fita K7 "demo". Cada fita deverá conter no máximo 2 músicas (em português), porém a banda concorrerá com apenas uma delas. A banda será informada da música que concorreu somente se for uma das 12 bandas finalistas. **3.** As fitas K7 deverão ser enviadas até o dia 15/02/95 para **CONCURSO "SKOL GARAGE BAND"** Cx. POSTAL 16040 - CEP 22.222 970 RIO DE JANEIRO - RJ. **4.** Só poderão participar bandas nos estilos musicais: **Rock, Metal, Reggae, Rap, Blues e Pop.** Caso sejam entregues fitas K7 de bandas de outros estilos, estas serão automaticamente desclassificadas **5.** A fita deverá vir acompanhada das seguintes informações: nome da banda, estilo musical, nomes dos integrantes e seus respectivos instrumentos, autor(es) da(s) letra(s) e música(s) enviada(s), nome(s) da(s) música(s), letra(s) da(s) música(s) e, ainda, origem (cidade / estado) da banda, endereço e 2 telefones para contato. Também deverá ser encaminhada uma foto da banda, tamanho 9 cm x 12 cm **6.** As bandas participantes, assim como qualquer um de seus integrantes, não poderão ter gravado nenhum disco comercial Da mesma forma, o(s) autor(es) da(s) música(s) não poderá(ão) ter qualquer música já gravada comercialmente **7.** As bandas devem se responsabilizar pela originalidade e ineditismo das letras e músicas remetendo, juntamente com a fita, uma declaração de autoria. **8.** Fica proibida a participação de bandas ou músicas "cover". **9.** As fitas enviadas não serão devolvidas. Todavia, serão utilizadas única e exclusivamente para o concurso. **10.** As 12 bandas finalistas deverão se apresentar no final do concurso em show com data e local a serem confirmados. Neste show será escolhida a banda vencedora. Caso a banda tenha que se apresentar fora de sua cidade sede, o SKOL se responsabilizará pelas despesas com locomoção e hospedagem dos integrantes da banda (2 diárias em hotel 4 estrelas). **11.** As 12 bandas finalistas deverão autorizar a edição e impressão em cds de suas músicas (autorização tanto dos autores como dos intérpretes e executantes), segundo o que determina a lei 5988/73. **12.** Caso quaisquer dos 12 bandas finalistas tenham algum impedimento legal que inviabilize a sua participação no concurso, elas serão automaticamente desclassificadas

PREMIAÇÃO: ■ As 12 bandas finalistas terão um cd lançado comercialmente pela Sony Music (cd do show de encerramento do concurso). Importante: ficam cientes os participantes de que este cd terá o patrocínio expresso da SKOL. ■ As 12 bandas finalistas assinarão um contrato de exclusividade com a SKOL para uso eventual da música e imagem de seus componentes, pelo prazo de 24 meses. ■ Uma das 12 bandas finalistas poderá ser lançada comercialmente pela Sony. ■ As 12 bandas finalistas estarão à disposição da Sony para eventuais trabalhos promocionais e de divulgação após o show de encerramento do concurso. ■ A banda vencedora terá um clip produzido pela MTV / SKOL, que será veiculado na programação da MTV. ■ A banda vencedora participará de um minitespecial com entrevistas na Rádio 89 FM (SP), no programa "A vez do Brasil", e também terá sua música vencedora executada na programação diária da emissora. ■ A banda vencedora receberá um prêmio em dinheiro no valor de **R$ 10.000,00**

SATELITE

ESPECIAL

Passeata contra o *Criminal Justice Bill* reuniu 100 mil manifestantes no começo de outubro

O Partido Conservador inglês (de direita, claro) está tentando acabar com a tradição inglesa das subculturas e alternativas, dos estilos de vida muito loucos, das tão decantadas "tribos" da ilha, do individualismo que difere da norma tediosa. A idéia é um pacotaço de leis chamado *Criminal Justice & Public Order Bill* que foi aprovado pelo Parlamento no fim de outubro. A pretexto de combater os crescentes índices de criminalidade na Grã-Bretanha, as novas medidas irão reprimir a vida alternativa e minar liberdades democráticas antiquíssimas.

Um dos principais alvos da CJB ou "*the Bill*" (como é chamado o pacote) são as *raves*, diversão de sete entre dez pessoas com menos de 30 anos na Inglaterra. A polícia agora tem amplos poderes para interromper qualquer *rave* legal ou não, revistar todos os presentes (até hoje, os policiais ingleses raramente revistavam sem suspeita fundamentada) e confiscar equipamento de som, veículos e tudo mais que eles achem conveniente.

Mas quem disse que a *rave* precisa estar acontecendo? Se a polícia "crê com alguma razão" que um agrupamento se prepara para montar uma *rave* pode revistar todos, confiscar tudo e até levar todo mundo em cana. O número mínimo de pessoas que caracteriza um agrupamento era dez. Mas como o risco de revolução social ainda era considerável, o número foi baixado para dois durante a tramitação do pacote. Tudo isso também pode ser aplicado a festivais e shows.

Todo o texto do pacote é propositalmente vago e genérico, permitindo que cada polícia e poder judiciário local o interpretem conforme sua conveniência. Por exemplo: pelo texto, uma *rave*, para sofrer ação policial, precisa estar incomodando atividade legítima e/ou a comunidade local. O que significa que você e um amigo ouvindo som alto em casa podem ser definidos como "preparando uma *rave*". Basta um vizinho reclamar para a polícia e você dançou bonito.

Faixa pregando a luta contra o "fim das liberdades democráticas" na Inglaterra

A polícia passa a ter amplo poder para minar liberdades democráticas antiqüíssimas. Você pode ser preso se estiver ouvindo som alto com um amigo

O boneco do primeiro-ministro John Major simboliza a repressão

Os chamados *new age travellers* são um dos grupos mais afetados. Os *travellers* são ciganos do pré-apocalipse que vivem primitivamente e vagam pelo Reino Unido em caravanas de veículos coloridos, organizando *raves* e festivais livres. A tradição inglesa não suporta os caras. Entre as várias novas leis que os afetam, o direito de acampar em áreas cedidas por administrações locais também foi restrito ao máximo.

O "*squatting*", ou seja, a ocupação de imóveis vazios será banido totalmente. "*Squats*" eram um velho recurso para gente que não tinha como pagar aluguel: artistas alternativos, bandas em início de carreira, *travellers*, estudantes e famílias pobres.

As cláusulas que tratam de invasão de propriedade matam vários coelhos com um decreto só. Uma pessoa ou um grupo podem ser removidos à força, presos, revistados, confiscados etc se estiverem invadindo propriedade privada ou causando distúrbios à "atividade lícita" (pessoas trabalhando, por exemplo).

A CJB traz ainda na manga uma medida inédita nas democracias ocidentais. É o fim do direito de permanecer em silêncio no momento de prisão. A ironia é que esse direito foi criado na própria Inglaterra, há 300 anos, quando eram montadas as bases de sua democracia moderna.

A mobilização anti-CJB está forte e ativa. Diversas organizações e entidades estão na batalha, informando e se agilizando legalmente. Alguns grupos já estão protestando junto à comissão de direitos humanos do parlamento europeu. No começo de outubro quase 100 mil pessoas foram às ruas de Londres para dizer não à CJB. No final da manifestação a polícia baixou o cacete em alguns grupos manifestantes.

Músicos e artistas estão agitando discos anti-CJB. Todo clube e *rave* que se preza agora virou um manifesto contra a aprovação da lei "reaça". A palavra de ordem é resistir.

A Inglaterra está vivendo sob uma sinistra conspiração antiliberdade e antidiversão. A coisa vai pegar fogo nos próximos meses. CAMILO ROCHA

10 + 1 perguntas para BRANFORD MARSALIS

Há quatro anos, o saxofonista Branford Marsalis – da venerável família de músicos de Nova Orleans, liderada pelo patriarca e pianista Ellis e o irmão pistonista Wynton – abriu clareiras e rompeu fronteiras musicais ao misturar hip hop e jazz de primeira na trilha do filme *Mais E Melhores Blues*, de Spike Lee. Agora, a mistura virou um projeto paralelo para Marsalis: o Buckshot LeFonque, grupo/disco batizado com a derivação do pseudônimo usado pelo saxofonista Cannonball Adderley nos anos 50, Buckshot LeFunk. Num intervalo das gravações do Tonight Show – talk show onde ele funciona como diretor musical –, Branford lambeu a cria.

Como nasceu o projeto Buckshot LeFonque?
A idéia surgiu em 90, quando eu estava trabalhando *(com DJ Premier)* na canção "Jazz Thing", da trilha de *Mais E Melhores Blues*. Achei que deveria gravar um disco daquele jeito: estávamos fazendo coisas que nunca tinham sido feitas antes, como adicionar a batidas e técnicas de hip hop metais e teclados tocados por músicos de verdade, não por um cara qualquer da vizinhança que executa um punhado de acordes. Queria gente como Kenny Kirkland *(pianista)* e Terence Blanchard *(o trompetista)*. Mas só começamos a trabalhar mesmo em janeiro de 1993.

Por que demorar tanto para gravar?
Eu tinha uma série de shows para fazer. Depois, já que ia gravar hip hop, achei melhor fazer uma pesquisa antes de gravar. Comprei um monte de discos seguindo as indicações de Premier. Nos telefonávamos uma vez por mês; dava para ele as dicas dos discos de jazz que deveria comprar e ele me dava as dicas dos discos de hip hop que eu deveria comprar.

E que discos ele sugeriu a você?
Lords Of The Underground, The Beatnuts, Black Sheep, Showbiz And AG, coisas que não tocam no rádio. A única outra opção era frequentar a noite, que eu não estava disposto a fazer.

Um feito e tanto foi incluir o *bluesman* Albert Collins em "No Pain, No Gain".
Ele e eu já havíamos tocado juntos, fizemos uma excursão de blues durante seis meses, em 93, por todos os Estados Unidos, promovendo o álbum *I Heard You Twice The First Time*. Liguei e disse: "Albert, que tal tocar num disco de rap?" E ele: "Diabo, seria divertido!" Ele tocou rindo o tempo inteiro! "Cacete, Branford me colocou num disco de rap!" E era justamente o tipo de sentimento que eu queria: que as pessoas que participassem do disco achassem tudo uma maluquice.

Essa foi a última gravação dele?
É verdade, foi a última gravação de Albert Collins.

Você vê esse disco como alinhado a uma tendência híbrida de jazz e hip-hop da qual fariam parte também artistas como Us3 e o selo Giant Step, de Nova York?
Não há nada como *Buckshot LeFonque*. A maioria das misturas de jazz com hip hop soa como instrumentais antigos dos anos 70. Está todo mundo redescobrindo o Fender Rhodes *(piano elétrico)*. Os melhores e mais populares desses grupos neste estilo soam como as bandas ruins que tocavam na noite antigamente, quando eu era garoto.

Seria uma questão de falta de técnica ou de falta de formação?
É quase como se fosse história revisionista. Durante toda uma década os caras simplesmente não tocaram música, o negócio era toca-discos e *samplers*. Os anos 70 tiveram feras como George Duke, Billy Cobham, Eumir Deodato, John Scofield, Chick Corea, Herbie Hancock. Esse pessoal de hoje nem chega perto! Vai ouvir os discos que eles fizeram.

Você acha que era necessário mais uma década para esse pessoal se acostumar com instrumentos de verdade, e não só com toca-discos e *samplers*?
Não, eles sabem tocar, mas não são bons. Qual é o barato, então? A infelicidade deles é não ter crescido ouvindo grandes músicos. É o que a gente ouvia quando garoto era o trabalho de músicos que, depois de maduros e estabelecidos, passaram a tocar instrumentos elétricos, fazendo *fusion* – que hoje chamamos de jazz contemporâneo. Se você põe um disco do Acoustic Alchemy – que agrada o público que gosta de rádios de música suave – ao lado de um disco do Return To Forever, não há comparação. A geração de hoje jamais tocou jazz.

Quando esteve no Brasil, seu irmão Wynton disse que não gostava de rap e de hip hop. Para ele, quem fazia esse tipo de música não era músico de verdade e, além disso, esses músicos eram pessimistas demais.
E ele chamou as letras de pessimistas. Eu não me interesso por letras. Gosto de música. Mas acho que ele tem uma certa razão. Já se foi o tempo em que havia otimismo na música pop. Agora, só há otimismo nas canções de amor melosas. Mesmo os Beatles, nos momentos mais loucos, tinham otimismo em suas letras. Agora só há pessimismo.

Mas você incluiu letras nesse disco, e musicou um poema de Maya Angelou. Que negócio é esse de dar atenção a letras?
Mas isso é poesia. É de poesia eu gosto. Mas se eu quiser ouvir letras, prefiro ouvir um poema declamado. Não espere encontrar observações místicas numa canção pop. Esses dias, de Bob Dylan e de Stevie Wonder, já passaram.

José Emílio Rondeau

LEVORIN. O CINTO DE SEGURANÇA DA SUA BIKE.

Quanto menos contato sua boca tiver com a lama ou sua clavícula com o ortopedista, mais contato seus pilots terão com a natureza. A Levorin leva isso em conta na hora de fazer pneus para mountain bike. São nove modelos de pneus, todos eles testados de acordo com normas japonesas de qualidade e desempenho, isso inclui 5.000 km num simulador de rodagem que imita todos os tipos de terreno e obstáculos do universo mountain. Tanto que hoje nossos pneus são peças originais dos maiores fabricantes de bike do Brasil. Além de serem exportados para Europa e América Latina.
Levorin. Porque quem tem que ter contato permanente com o solo é o pneu, não você.

levorin
PNEU PARA QUEM VAI LONGE

Homens-Calango partem PARA O ATAQUE

Um bom disco de estréia não foi o suficiente para transformar o SKANK em febre nacional. Agora, o grupo invade a pequena área com seu novo álbum, **Calango**, em que colocam toda sua minerice a serviço do reggae e da música pop brasileira

FOTOS: RUI MENDES

Haroldo Ferreti: "O novo disco tem a energia que o Skank mostra em seus shows"

Conversar com Samuel Rosa (guitarra/voz), Lelo Zaneti (baixo) Haroldo Ferreti (bateria) e Henrique Portugal (teclados) é ter diante de si, quatro "nersos da Capitinga". O quarteto tem o mesmo sotaque carregado e o jeito matreiro do tipo da *Escolinha Do Professor Raimundo*. *Calango*, o novo álbum de les teve seu nome tirado de um ritmo popular no Estado – aproveitado em uma das músicas, chamada "A Cerca". As gravações rolaram "mineiramente", sem convidados especiais, com produção do grupo, Dudu Marote e Gauguin (que já havia produzido o primeiro disco da banda). O único corpo estranho ao material do Skank foi "É Proibido Fumar", que também faz parte de *Rei*, disco-tributo a Roberto Carlos.
Ao receber a BIZZ, o quarteto contou detalhes de *Calango*, revelou o preconceito que sofreram no início de carreira – quando era comparados com os Paralamas Do Sucesso – e foram censurados porque faziam reggae e não falavam dos problemas dos negros.

Como nasceu *Calango*?

Samuel Rosa – A intenção era chamar o Sly Dunbar *(baterista e lendário produtor de reggae jamaicano)* para produzir o disco, mas ele não tinha tempo Quando nos vimos sem produtor, tivemos que pensar em outras alternativas porque produção no Brasil é meio difícil. A Sony tem mais ou menos aquela coisa com o Liminha – e queríamos nos desvencilhar um pouco disso. O Fábio Fonseca não é muito nossa da praia

> "Queríamos falar de diferença de classes. Assim nasceu a música 'Pacato Cidadão'"

Então pensamos num cara que a gente já trabalhou junto e gosta mais ou menos das coisas que nós. Esse cara era o Dudu Marote. No mais, a gente já tinha a concepção do disco. Ao contrário do nosso primeiro álbum, *Calango* tem a energia dos nossos shows.

A citação de "Let 'Em In" (de Paul McCartney) em "Pacato Cidadao" é proposital?

A batida de "Pacato Cidadão" tem muito a ver com a versão reggae que o Shinehead *(cantor jamaicano)* fez dessa música. E um dia eu estava conversando com o Chico *(Amaral, saxofonista e letrista oficial do Skank)* sobre a letra dessa música e ele queria falar especificamente dos negros. Mas a gente achou que seria melhor pro Skank falar da galera que é marginalizada e fica de fora das coisas, não vai nas mesmas festas que a gente vai, não está nos bares com a gente, não frequenta os mesmos restaurantes, não pega o mesmo ônibus. So podemos estar juntos num estádio de futebol. Achamos que esse pessoal deveria ter acesso às mesmas coisas. O baixo da música lembrava "Let 'Em In" e a letra tinha o mesmo tema, das pessoas querendo entrar

Falando no tema de "deixe-me entrar": o Skank já está dentro do mercado de bons vendedores de discos? Vocês passaram de cem mil cópias vendidas e participaram dos maiores festivais do Brasil...

Somos um caso atípico porque não tivemos um hit mas em compensação todo mundo sabe balbuciar varias letras do Skank, como "Baixada News", "Indignação", "O Homem Que Sabia Demais". A gente não foi uma febre mas tem a fama de ter um show legal, o que ajudou muito na venda dos discos. Talvez o novo álbum melhore as coisas

Mas não é melhor fazer sucesso dessa maneira?

Eu acho, mas da muita ansiedade por que a gravadora não investe em você para ser um Skank eles querem que você vire uma Daniela Mercury

A escolha de repertório de *Calango* foi mais difícil?

A gente nem tinha repertorio porque o disco ia sair só no ano que vem. O que contou para gravarmos *Calango* é que estavamos em turnê tocando o disco velho. A hora boa, que você via todo mundo alegrinho no palco era a hora de tocar "Jack Tequila", "Amolação "Esmola". Parecia a cena em que você pega a sua carteira de identidade e diz "Poxa, eu não sou mais esse cara!"

Você pensaram em alguma participação especial para o disco?

E uma coisa de mineiro mas decidimos que faríamos o disco nós mesmos. Houve uma pressão da gravadora para chamar o Jorge Ben Jor, se

> "Comparar-nos com os Paralamas é o mesmo que achar Chico Science e Titãs igual"

apoiando na idéia de que ele teria alguma coisa a ver com a gente, mas dissemos que não. Acreditávamos no nosso material, achávamos que as músicas eram boas e que eram suficientes. Também houve uma pressão para a gente regravar "Andar Com Fe" *(canção de Gilberto Gil)*. Apesar de funcionar legal nos shows, era muito broxa e fazia parte do nosso passado. O Skank tem aquela coisa meio Brancaleone: fizemos o primeiro disco com nosso dinheiro, nos mesmos e queríamos continuar assim

As letras tambem estao mais sociais. Isso foi proposital?

Elas estão mais com a cara do Skank. Amolação" é bem mineirona, onde o jeca fala que só toma ferro da mulher. Por outro lado tem "A Cerca" que usa aquela coisa do repente, onde dois capiaus defendem sua parte da terra. Foi um resultado dos shows, quando em "O Homem Que Sabia Demais" o duelo que eu fazia com o Henrique Portugal dava o maior ibope

E qual é a cara do Skank?

Haroldo Ferreti – Esse novo disco é o Skank. Mais do que o primeiro, que foi pegar uma coisa aqui, outra ali. Agora as coisas funcionam mais junto, incorporamos mais a energia dos nossos shows para este álbum. As letras têm um perfil brasileiro, como "Pacato Cidadão" "A Cerca"

Samuel – O Skank está virando PhD em nossa proposta, que era fazer uma coisa mineira, mas meio porrada. Temos batida de *dancehall*, sons modernos

E como rolou a participação no disco do Roberto Carlos *(a música, "É Proibido Fumar", gravada pelo Skank, também está em* Calango)?

Seria "Corro Demais". Depois pensamos que "É Proibido Fumar" tinha mais a ver com Skank. Estávamos imaginando que cara a gente ia dar pra música quando o Fernando *(Furtado, empresário do Skank)* pensou que podíamos dar uma levada de "Boom-Shack-A-Lack", do Apache Indian

Por que o disco se chama *Calango*?

Henrique Portugal – o nome tem muito a ver com Minas Gerais. É a versão mineira para o repente nordestino, uma coisa que a gente fez em "O Homem Que Sabia Demais". Isso despertou a gente para ouvir mais calango, o pai do Fernando comprou mais discos nesse estilo

O carão de Lelo Zaneti ilustra a capa de *Calango*

Henrique Portugal: "Achavam que, por sermos mineiros, a gente pertencia ao Clube Da Esquina"

Ainda há gente que insiste em comparar vocês com os Paralamas?

Nunca acreditei nisso. O público pensa: "A banda é de branco, tem metais e toca reggae. São parecidos com o Paralamas". É o mesmo que comparar o Chico Science com os Titãs.

> "Nosso apelido era 'montanha' porque achavam que falávamos só de natureza"

Não existia também aquela coisa das pessoas olharem vocês meio torto porque vocês são uma banda de brancos tocando reggae?

Eu vou fazer o quê? A gente não pode responder como sendo o primeiro artista a tocar música de preto. Depois que a história da música mostrou que vários brancos fizeram sucesso tocando música de preto, não é o Skank que vai pagar o pato. Isso soa como proibição, tipo: "Olha, você está fazendo uma coisa que até está legal mas você é branco e reggae é coisa de negro". Essa coisa de Minas Gerais não ter gueto de reggae, fazer *dancehall* de cachoeira, que brincávamos no início da carreira.

Mas não é legal justamente estourar apesar de tudo isso?

Esse preconceito parte de pessoas que estão querendo proibir o Skank de fazer o que faz. Tipo "você não é verdadeiro porque não usa *dreadlocks*, não fala em volta à África. E foi difícil para a gente mostrar às pessoas que não falavamos disso porque éramos verdadeiros. Ficaria engraçado alguém bem criado, branco, falando da África.

Existiu algum preconceito em relação a vocês serem mineiros, fora do eixo Rio-São Paulo, onde normalmente ficam as bandas?

Samuel – Deve ser pelo fato da gente ser mineiro e não pertencer ao Clube da Esquina. Tinha até uma frase que era legal. Você entregava uma fita na gravadora e ele diziam: "Pô, lá vem os montanhas!". Achavam que a gente falava de natureza. Sofremos preconceito, mas ainda não sabemos como vamos nos desvencilhar dele. Uma coisa é certa, não é falando que somos cariocas e falando "s", não.

Sergio Martins

CALANGO

Sony

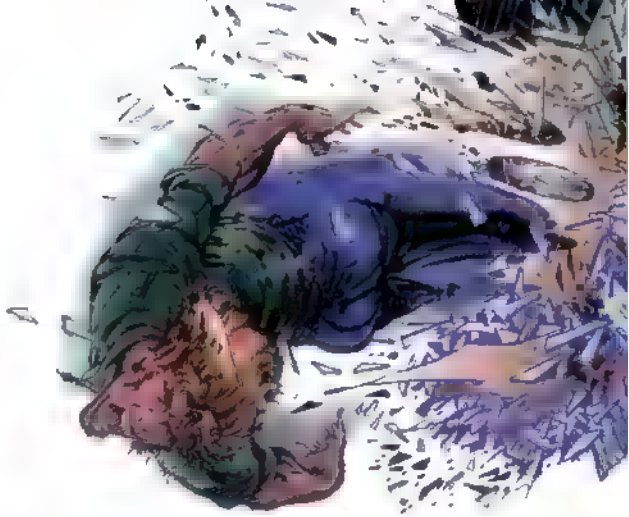
Calango é a continuação melhorada do disco de estreia do Skank. Estão registradas canções se tornaram conhecidas do público que acompanha os shows, como "Anulação (com tema do Ligeirinho)", "Jackie Tequila" e "Esmola". O novo disco garantiu o seu primeiro hit com a regravação ragga-twist de "É Proibido Fumar" e marca o início da parceria com o produtor paulista Dudu Marote reeditando a política do café com leite.

O grupo usa o dancehall jamaicano para fazer música brasileira moderna. "Chega Disso" e "Pacato Cidadão" levam Jackson Do Pandeiro a Kingston, com metais mariachi. Outra boa alquimia é "A Cerca", um divertido duelo de repentistas entre guitarras distorcidas. O estilo lovers está em "Te Ver" e "O Beijo E A Reza" e mais irônico em "Estivador". Cláudio Campos

Liberdade para Criadores e Criaturas

Muita grana, super-heróis, brigas e espionagem industrial na história da IMAGE COMICS, a editora independente fundada pelos grandes gênios da HQ que começa a desbancar as poderosas Marvel e DC Comics

por Mário Luiz Barroso*



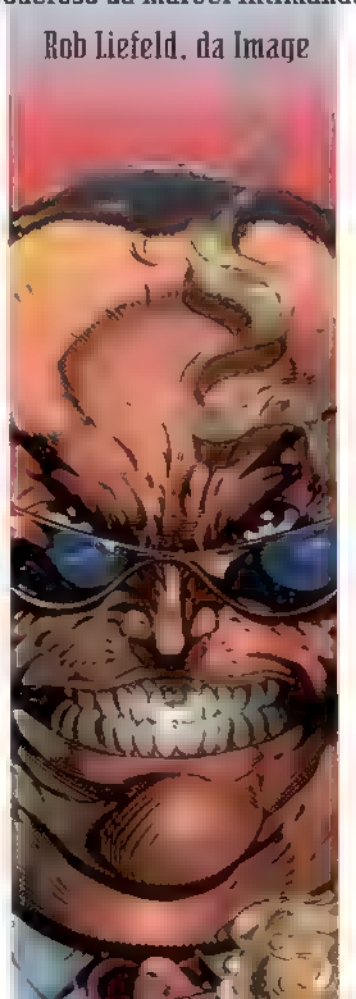
Em agosto de 90, a Marvel quebrou o recorde no comércio de quadrinhos com *Spider-Man* em mais de um milhão de exemplares vendidos. A novidade era que os quadrinhos foram desenhados por Todd McFarlane, como parte de um projeto que unia personagens de sucesso e artistas em evidência. Era a explosão das publicações chamadas "quadrinhos de autor", onde o trabalho do criador valia tanto ou mais do que a criatura.

No mesmo mês em que *Spider-Man* chegou às bancas, as sementes da futura Image Comics foram plantadas. Os desenhistas Rob Liefeld, Erik Larsen e Jim Valentino foram jantar com David Albrecht, da pequena Malibu Comics, após a convenção de quadrinhos de San Diego. O assunto da noite girou em torno de David publicar personagens criados por Rob, Erik e Jim. Os dois últimos levaram a ideia na brincadeira. Rob levou a sério e desenvolveu seu projeto pessoal ao longo dos meses seguinte. Exatamente um ano depois, foi a vez de Rob

Liefeld obter vendagem recorde na Marvel: os leitores consumiram nada menos que cinco milhões de exemplares de *X-Force*, novo título dedicado a heróis mutantes da editora.

No mês seguinte, Liefeld anunciou o lançamento de seu projeto pessoal, *The Executioners*, nas páginas do *Comics Buyers Guide*, um guia de compras editado nos EUA. Apesar de produzido pela Malibu, a revista sairia pelo selo Image. O editor dos mutantes na Marvel, Bob Harras, telefonou para o rapaz. "Toma cuidado, garoto. Certas pessoas não gostaram". Era verdade. No mesmo dia, ele recebeu outra ligação, desta vez de Tom DeFalco, o todo-poderoso editor-chefe da Marvel: "Você vai ser demitido se não cancelar o projeto, Rob". Para piorar a situação, tanto a Marvel quanto a DC não autorizaram o uso de seus personagens no livro *A Arte De Rob Liefeld*, que acabou sendo cancelado. Sob pressão e com medo de perder seu salário milionário, Rob abandonou *The Executioners*, mas sorrateiramente deu continuidade à sua idéia nos bastidores.

"Você vai ser demitido se não cancelar o projeto, Rob", Tom DeFalco, todo-poderoso da Marvel intimando Rob Liefeld, da Image



Liefeld entrou em contato com Jim Valentino e Erik Larsen, que a essa altura substituía McFarlane em *Spider-Man*. A idéia era conversar com a Marvel sobre novos personagens e os direitos autorais sobre eles – caso desse errado – sair em debandada geral da editora. Erik topou na hora, mas Jim não sentiu firmeza.

Ao saber da intenção de seus colegas, Todd McFarlane também entrou na onda. E a conspiração prosseguiu silenciosamente. Jim Lee e Marc Silvestri, desenhistas dos sucessos *Uncanny X-Men* e *Wolverine*, também gostaram do projeto.

Chegou outubro de 91 e Jim Lee bateu o recorde de Liefeld. Sua nova revista, chamada apenas *X-Men*, vendeu oito milhões de exemplares em seu primeiro número. Em dezembro Lee, Rob e Todd foram conversar sobre direitos autorais com Terry Stewart, executivo da Marvel. Terry se ofereceu para publicar as novidades no selo Epic, onde a Marvel edita quadrinhos de autor. Todd, conhecido por seu gênio forte e posições inflexíveis, recusou: "Nós não precisamos da Epic!" No fundo, ele sabia que se empenharia em promover quadrinhos consagrados como *Hulk* e deixaria as novidades em segundo plano.

A partir daí, foi debandada geral. Até mesmo outro talento nas revistas mutantes que estava de férias nas Filipinas, Whilce Portacio, entrou no barco da Image. A Malibu se encarregou de anunciar e imprimir os produtos da nova editora.

SURGE A IMAGE

Em 13 de março de 92, saiu a primeira revista, *Youngblood*, de Rob Liefeld. A nova editora lançou seus títulos numa época em que muitos especuladores estavam no mercado da HQ, comprando vários exemplares de um mesmo número para revendê-los depois, bem mais valorizados. Isso fez com que a Image abocanhasse 20% do mercado americano logo de cara.

O ano de 93 foi terrível para os quadrinhos em geral e para a Image em particular. Toda a prosperidade da empresa apresentada em 92 se transformou numa situação caótica, difícil de administrar. A falta de periodicidade nas revistas – resultado da falta de organização do primeiro ano de vida e do acúmulo de funções dos editores, que além de escrever e desenhar precisavam administrar a empresa – complicou as negociações com distribuidores e pontos de venda. Os donos desses pontos se viram obrigados a apaziguar a ira dos fãs por causa dessas demoras. Já os distribuidores precisavam saber o mês exato de lançamento de cada edição, devido a constante instabilidade do mercado, que mudava muito de época para época. Com a saída dos especuladores e a queda vertiginosa da vendagem, chegou-se ao cúmulo de vender revistas Image de baciada, ou melhor, em caixas de cem exemplares a preços irrisórios.

No início de 94, os seis fundadores publicaram uma carta aberta em suas revistas,

A QUALIDADE FAZ A DIFERENÇA

O forte da Image está no altíssimo nível dos desenhos.

O traço tem características contemporâneas até então inéditas no mundo dos quadrinhos. As cores – normalmente mero complemento – ,através de modernos meios de colorização, são um espetáculo à parte. A maioria dos roteiros vai direto ao assunto e é altamente recomendável para os viciados em adrenalina. As tramas costumam se resolver rapidamente num trabalho de direção de arte inigualável. A pequena quantidade de texto extremamente bem distribuída, apesar do conteúdo "heavy metal", é um alívio para o leitor e faz da HQ uma espécie de relaxamento.

dizendo o seguinte: "Quando começamos, falaram que ninguém aqui sabia como administrar uma editora, que meteríamos os pés pelas mãos e que a Image não iria durar nem dois anos. Bem, eles estavam certos em quase tudo... afinal, se passaram dois anos e ainda estamos aqui. Aprendemos muito com nossos erros e as coisas vão entrar nos eixos a partir de agora."

HERÓIS TROCADOS E AS PRIMEIRAS INOVAÇÕES

Em setembro deste ano, os seis desenhistas trocaram de revista entre si, anunciando o *Image X Month*. Assim, o leitor pôde ver uma história com o personagem criado pelo seu artista predileto escrita e desenhada por um outro grande ídolo. Segundo Jim Valentino, "isso é bom porque estimula a competitividade saudável existente na editora. É um jeito de tentar superar outro desenhista com a própria criação". Os leitores ficaram malucos.

A Image trouxe uma grande vantagem para quem está entrando só agora no mundo dos heróis. O leitor tem diante de si não apenas um personagem novo, mas todo um universo, digamos, "fresquinho". Não fica aquela sensação de se ter perdido 30, 50 anos de aventuras. É possível partir do zero, uma situação única no universo super-heróico.

Outra grande inovação da Image Comics está na área de direitos autorais, por sinal o motivo do famoso rompimento com a Marvel. Na Image, o que o artista criar é dele, bem como todos os *royalties* e percentagem sobre licenciamento para brinquedos, camisetas, desenhos animados e publicação de material em outros países; há uma participação direta nos lucros. E, se algum novato quiser sair de lá com suas criações, está liberado sem maiores dores de cabeça, mesmo que carregue consigo vilões e coadjuvantes importantes. Atraídos pelo esquema favorável ao criador existente na Image, grandes nomes, como Alan Moore, Keith Giffen, A. Gordon, Dale Keown e Sam Kieth foram parar na editora. No início de 93, Sergio Aragonés abandonou a Marvel e levou *Groo*, a impagável sátira de *Conan*, para o "clube dos conspiradores".

Logo de cara a Image abocanhou 20% do mercado americano

DISSIDÊNCIA FAVORECE BRASILEIROS

O vácuo deixado pelos *megastars* da Image acabou abrindo, mesmo que indiretamente, vagas para desenhistas brasileiros na Marvel. Hércio de Carvalho, dono do estúdio Art & Comics, conta que "a gente já vinha mostrando portfólios de artistas brasileiros para a Marvel há muito tempo, mas eles ficavam receosos. Já tinham contratado filipinos e outros latino-americanos e eles não cumpriam o prazo. Depois de colocarmos uma série de talentos na DC, a Marvel resolveu confiar em nós e passou a trabalhar com a gente. E eles não têm dor-de-cabeça com nosso pessoal, porque coordenamos tudo muito bem."

Para completar, a Image também já demonstrou interesse em dois artistas brasileiros: Rogério Cruz, que faz *Uncanny X-Men*, e Deodato Jr., responsável por *Mulher Maravilha*, da DC, e *Vingadores*, da Marvel. Os dois não puderam aceitar a proposta no momento porque seus contratos com as grandes ainda não expiraram.

IMAGE E DC SE FUNDEM NUMA SÓ

Muitas características tradicionais dos universos Marvel e DC estão presentes na Image. O visual básico dos personagens é claramente inspirado nos heróis e vilões das duas editoras e os artistas não escondem isso. Liefeld, por exemplo, reconhece que alguns membros e coadjuvantes da equipe *Youngblood* eram criações suas para *X-Force* e *Novos Títãs*.

Todd McFarlane fez um acordo com a DC, resultando em duas edições especiais: *Batman & Spawn*, pela DC, e *Spawn & Batman*, pela Image. O segundo especial, além de desenhado por McFarlane, é escrito por ninguém menos que o genial Frank Miller.

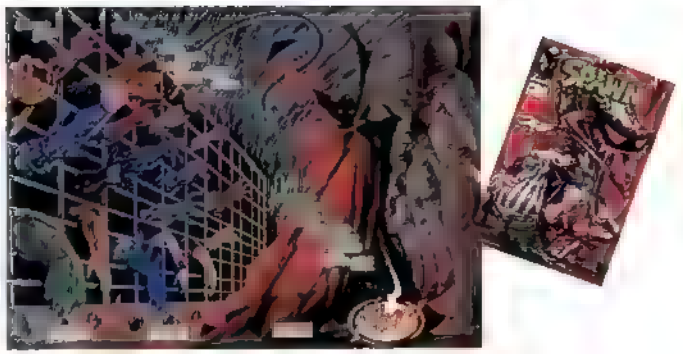
IMAGE NO BRASIL

A editora Abril Jovem, responsável pela publicação dos personagens Marvel e DC no Brasil, está em negociações com a Image. Segundo Sergio Figueiredo, editor-chefe da redação Juvenis & Adultas da Abril, "a Image não chega a ser uma editora, mas uma coligação de estúdios, e ainda não está bem estruturada para negociar direitos de publicação no exterior. Mas, temos planos de lançar uma mini-série do *Spawn* no começo de 95 e, em seguida, o especial *Spawn & Batman*.

Já Leandro Luigi Del Manto, editor dos quadrinhos juvenis da editora Globo, nem cogita entrar em contato com a Image: "Analisamos o material e ele é oco. A qualidade de arte é inegável, mas eles fugiram da linguagem dos quadrinhos, onde a trama se desenvolve e então vem o clímax. É uma enxurrada de ação presente em todas as páginas! Outro fator que nos levou a desconsiderar a Image foi a periodicidade inconstante, que tornaria quase impossível publicar o material com regularidade no Brasil."

Todd McFarlane

começou desenhando *Corporação Infinito* na DC Comics. Depois, fez *Batman – Ano Dois*, *Hulk* e se consagrou nas páginas de *Amazing Spider-Man*, uma das revistas mensais do Homem-Aranha nos Estados Unidos. Os primeiros números de sua minissérie foram publicados no Brasil sob a forma da mini-série de luxo *Tormento*, lançada em 92. Seu personagem, o Spawn (destaque), é um militar que morreu e foi enganado pelo demônio, renascendo com a memória apagada e rosto disforme.

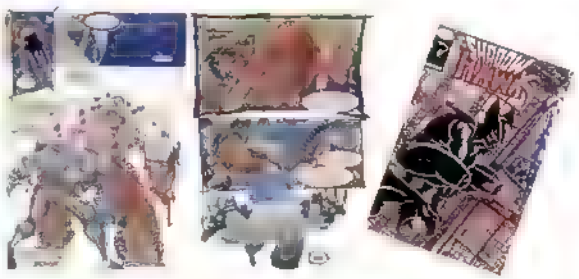


Rob Liefeld

estreou nos quadrinhos aos 16 anos. Fez *Rapina & Columba* para a DC e *Novos Mutantes* para a Marvel. Seu trabalho em *X-Force* pode ser apreciado na versão brasileira da revista *X-Men* a partir de abril de 93. Liefeld é o mais profícuo dos astros da Image e seu estúdio faz várias revistas por mês, entre elas *Youngblood*, *Team Youngblood* e *Brigade*. *Youngblood* (destaque) é uma equipe de super-heróis a serviço do governo americano e seus membros são idolatrados como estrelas de cinema.

Jim Valentino

é o menos conhecido da turma, talvez porque só tenha trabalhado com os inexpressivos *Guardiões Da Galáxia*, publicados pela editora Globo a partir de dezembro de 91 na revista *Marvel Force*. Jim criou *Shadowhawk* (destaque), um promotor público que foi atacado por criminosos que lhe injetaram sangue contaminado por Aids.



Marc Silvestri

ficou famoso por desenhar *Wolverine* fase que inclusive está sendo publicada agora na revista brasileira do personagem. Silvestri criou *Cyberforce* (destaque), a história de um grupo de jovens guerreiros mutantes ciborgs.

Jim Lee

é o mais admirado entre os seis conspiradores e começou na Marvel desenhando *Tropa Alfa* e *Justiceiro*. Em 89, passou para *Uncanny X-Men*, onde chamou a atenção do grande público, chegando a colaborar no roteiro de algumas histórias. Seu sucesso lhe garantiu a vendagem de oito milhões de exemplares da nova revista *X-Men*, cujas histórias começaram a sair no Brasil em abril de 93. Seus heróis, os Wild C.A.T.'s (destaque), formam um grupo bem eclético: um anão, um monstro, uma exorcista, um andróide, um ciborg, um mercenário, uma ninja e uma teleportadora.

Erik Larsen

já está há um certo tempo no mercado e ficou conhecido por preencher os espaços abandonados por Todd McFarlane. Foi assim com *Hulk*, *Amazing Spider-Man* e *Spider-Man*. Larsen é o melhor escritor entre os desenhistas que fundaram a Image e as aventuras de seu personagem, Savage Dragon – um gigante de pele verde que foi encontrado em meio a um incêndio – (destaque) são as melhores.

CRIATURAS SAEM DO PAPEL

Não demorou muito para os personagens da Image transcenderem o meio dos quadrinhos e atingirem outras formas de comunicação. *Shadowhawk*, de Jim Valentino, virou videogame e Sam Kieth está negociando seu monstruoso *The Maxx* com a MTV. Rob Liefeld lançou seu *Youngblood* em *home video* depois de chegar à conclusão de que a poderosa rede CBS suavizaria demais seus personagens, descaracterizando-os.

onde encontrar

O ideal é sair em busca das edições encadernadas, onde as histórias estão sempre completas, dispensando leituras anteriores ou posteriores. Na Image, vale procurar a primeira mini-série *Savage Dragon* e o especial *Spawn & Batman*, assinado por Frank Miller e Todd McFarlane.

BANCA COMIX
Al. Lorena, 1771
CEP 0 424-002 – São Paulo (SP)
Fone: (011) 883-2507

DEVIR LIVRARIA
R. Augusto de Toledo, 83
CEP 01542-020 – São Paulo (SP)
Fone: (011) 242-8200

LIVRARIA TIRAGEM LIMITADA
R. Augusta, 2690 – lj.20
CEP 01412-100 – São Paulo (SP)
Fone: (011) 282-4821

BANCA DO OSNI
Av. Rio Branco, 155
CEP 20040-006 – Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (021) 252-9029

LIVRARIA SAVASSI
Av. Cristóvão Colombo, 167
CEP 30140-140 – Belo Horizonte (MG)
Fone: (031) 221-2062

LIVRARIA ITIBAN
R. Mal. Floriano Peixoto, 866
CEP 80010-130 – Curitiba (PR)
Fone: (041) 223-3222

PLANETA PROIBIDO
R. Riachuelo, 1334 – sala 108
CEP 900 0-273 – Porto Alegre (RS)
Fone: (051) 226-5288
Distribuição pelo Correio em todo o país

**** Mário Luiz Barroso é editor de super-heróis na Abril Jovem***

ESTUDAMOS

DETALHADAMENTE

O MOVIMENTO HUMANO.

ANALISAMOS

PROFUNDAMENTE

A SUSPENSÃO DOS CARROS.

OUVIMOS

SISTEMATICAMENTE

A OPINIÃO DOS

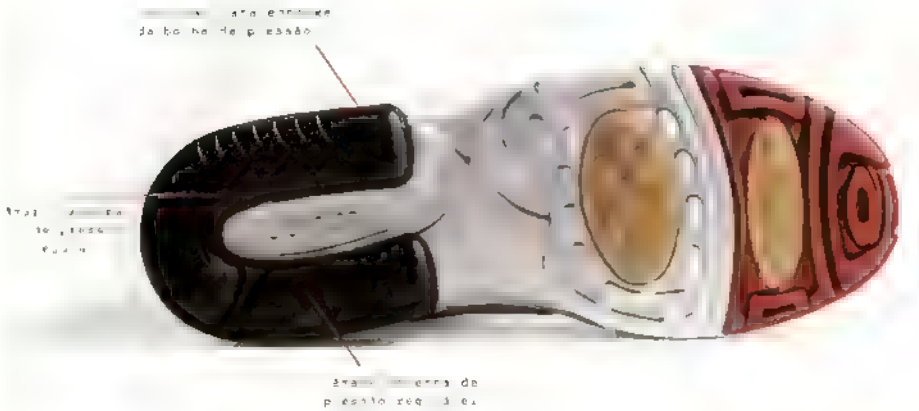
ORTOPEDISTAS.

COPIAMOS

DESCARADAMENTE

A ESTRUTURA DOS PNEUS.

(E AÍ SÓ DEMOS UMA META-SOLA.)



AMORTECIMENTO AJUSTÁVEL POR REGULAGEM DE PRESSÃO.

A ADIDAS TEM AR O UNICO COM BOMBA DE PRESSÃO COM VISOR DIGITAL, QUE PERMITE AJUSTAR O AMORTECIMENTO IDEAL DE ACORDO COM O PESO E A ALTURA DO ATLETA.

CROSS TRAINER XTR TUBULAR.

RUNNER TUBULAR.

adidas®

THE BRAND WITH THE THREE STRIPES

tubular TECHNOLOGY

Madonna vira o jogo

"Eu não sabia que não podia falar sobre sexo"
Trecho da canção "Human Nature"

A mulher mais poderosa do mundo pop volta a atacar. E, mais uma vez, há razão para pânico. Madonna volta sem escândalo, sem o abuso sexual que chocou e fascinou o planeta em outros tempos. Aos 36 anos, às vésperas do lançamento mundial de seu oitavo disco, Bedtime Stories, a megaestrela encara o desafio da velhice. Em Paris, Madonna recebeu nosso correspondente Detlef Diederichsen para uma entrevista exclusiva, a primeira para o Brasil

Todos nós temos uma imagem de Madonna em nossa cabeça. Mas parece que, cada vez mais, essas imagens podem ser diferentes. Houve aquela noite no meu bar predileto em que contei para várias pessoas que eu iria encontrá-la

Ouvi muitas reações estranhas "Ela realmente afundou tanto assim?", desdenhou um cínico amigo jornalista. "Por favor, se case comigo!", gritou a feminista.

O hotel Ritz de Paris estava cheio de "pessoas de Madonna". Havia até uma suíte reservada para entrevistas com jornalistas. Conversas agradáveis com colegas da Dinamarca e da Bélgica. Depois, era a minha vez.

Quando entrei no quarto ela falava com sua assessora de imprensa sobre a contratação da cantora Betty Boo para seu selo Maverick. Parece que a gravadora Sire teve a mesma idéia. "Eu tenho que falar com Seymour sobre isso", riu Madonna. Seymour, é claro, é Seymour Stein, o presidente da Sire, a mesma que um dia descobriu Madonna.

Ela usava uma jaqueta de pele curta, que deixava à mostra seu famoso umbigo. Era possível ver sua idade em sua face, que não estava com tanta maquiagem como em suas fotos mais recentes. Ela foi amistosa, interessada e estava com a mente aberta. Falava rápido, pronunciando cuidadosamente cada palavra, conforme aprendeu na escola de teatro que freqüentou em Londres.

Em alguns momentos, Madonna tornou-se muito charmosa, olhando fundo em meus olhos com um estilo profundamente íntimo. Tenho certeza que este olhar conquistaria a maioria dos homens deste mundo.

Então, eu gostei dela? Sim, gostei Madonna não fingiu ser alguém que ela não é. Ela não tentou provar nada. Ela não agiu como uma das maiores estrelas do planeta. Ela é inteligente, "cool" e legal. Madonna – uma mulher legal.

A velhice te amedronta? Você tem algum modelo pessoal de velhice, agora que você está se aproximando dos 40 anos?

Eu vejo a velhice como um desafio. Mas *hey*, eu ainda não cheguei aos 40, ainda tenho cinco anos pela frente. Na verdade eu não penso sobre isso. Por que eu deveria? Não estou preocupada com isso. Sou uma artista. Existe uma idade limite para a criatividade?

Para a criatividade não, mas para alguém ser símbolo sexual sim.

Mas isso não é tudo que sou. Não existe limite para o que posso falar, fazer e criar. Posso escrever canções até os 100 anos se essa for minha escolha.

Muitos artistas têm problemas com o envelhecimento.

Muitos artistas também têm problemas com a bebida. Existem exceções para todas as regras.

"Não existem limites para o que posso falar, fazer e criar"

Existe alguém que você admira pela maneira de estar envelhecendo?

Katherine Hepburn *(atriz)*. Existem também as pessoas que não são conhecidas, gente do cotidiano. A inspiração está em toda parte.

Madonna é um assunto freqüente entre os círculos feministas. Você acompanha essas discussões?

Sim, mas de longe. Eu não leio tudo mas acompanho o que as pessoas dizem. Nunca li, por exemplo, o trabalho completo de Camille Paglia. Falando francamente, não acho que ela é uma boa escritora. Mas eu sei que escreve e fala sobre mim o tempo todo.

Você se vê propriamente representada nessas discussões?

Absolutamente não.

Mas você se considera uma feminista, não?

Eu diria que estou mais interessada nos direitos humanos do que nos direitos da mulher. As mulheres apenas se enquadram nessa categoria. Prefiro dizer que sou humanista e não feminista. De qualquer maneira, essas opiniões são conflitantes. Algumas pessoas acham que eu sou um bom modelo para as mulheres porque sou a favor da liberdade de expressão. Acho que as mulheres devem ser fortes, ter opiniões próprias e direitos iguais.

Hoje em dia, normalmente, artistas não têm um ponto de vista tão forte.

Na cultura pop, não é popular ter um ponto de vista próprio. Mas acho que você não pode servir de exemplo ou de inspiração se você não tem um ponto de vista próprio.

Você acha que a sua influência dentro dos Estados Unidos é grande o suficiente para mudar o curso do desenvolvimento do país?

Eu acho que isso já aconteceu no passado. Este é um processo lento e crescente que poucíssimas pessoas conseguem admitir.

Você é compositora, cantora, dançarina e atriz. Agora diz que também quer dirigir filmes. Você não está fora de foco, descentralizada?

Não, porque o que está no meu foco é o que eu estou fazendo em um determinado momento. Existem vários diretores que também escrevem seus próprios roteiros e produzem seus próprios filmes. Não acho que um artista é bom quando se dedica apenas a uma coisa. Se você tem um ponto de vista convicção e sabe exatamente o que quer dizer, tudo o que você faz ajuda no seu próximo passo.

O que se pode esperar de Madonna como diretora de cinema? O que teria sido diferente se você dirigisse alguns dos filmes que estrelou ao longo de sua carreira?

Eu não poderia te contar. Espere o meu primeiro filme. Quanto aos outros filmes, provavelmente eu não teria morrido no fim de nenhum deles. Morro muito nos meus filmes.

Muitas pessoas temem você e sua força de vontade. A morte não seria uma maneira de simular o seu fim?

"Na cultura pop, não é popular ter um ponto de vista próprio"

É... Não é interessante isso? Na verdade, em princípio a minha morte não estava prevista nos roteiros. Os diretores decidiram mudar o final dos filmes depois. Essa é uma prerrogativa dos diretores.

Atualmente, como é a sua relação com Abel Ferrara (*diretor de* Olhos De Serpente)?

Mmmmh ... *(rindo)*. É espinhenta. Ainda o considero um diretor muito talentoso, mas ele tem uma obsessão por violência contra as mulheres. Acho que sempre fará filmes com finais trágicos. É da natureza dele.

Falando de *Bedtime Stories*, a segunda metade do disco tem várias músicas com um certo clima estranho, irreal, como a faixa-título.

Essas são as faixas produzidas por Nellee Hooper (do Soul II Soul). E dá para entender. Queria trabalhar com vários produtores de rhythm'n'blues, ter maior variedade de sons, mas não gostaria que o disco soasse como um album feito por diversos produtores.

Quando estava no final de todo o processo – Nellee Hooper foi o último produtor com quem trabalhei – decidi retrabalhar algumas músicas para dar continuidade ao disco. Sempre existiu um entrelaçamento de idéias e pensamentos na integridade do disco.

Como foi trabalhar com Björk?

Nunca nos encontramos, apenas nos falamos por telefone. Foi Nellee quem nos aproximou. Eles estavam trabalhando em Londres e, enquanto eu trabalhava com Babyface, eles viviam me mandando fitas e idéias.

Quando me encontrei com Nellee, Björk estava em turnê. Pegamos uma idéia dela meio crua, uma música que ela canta livremente – sem a divisão de versos – e dei forma a ela. Algum dia nos encontraremos.

Agora que o disco está pronto, mais uma vez, haverá várias críticas injustas e uma negatividade esmagadora contra você. Como você suporta isso tudo?

Com senso de humor. Eu sei de onde vem isso tudo e não levo a nível pessoal. As pessoas sentem-se desconfortáveis com quem é sucesso por um longo período de tempo. Especialmente quando se trata de uma mulher. Eu sou uma pessoa muito sincera. Tenho opiniões e isso é uma coisa que incomoda. É uma maneira de dizer: "Vá embora. Gostaria que a sua carreira estivesse acabada". É uma maneira de me calar, uma tentativa de me intimidar. E isso também vende revistas.

Você se considera uma pessoa vulnerável?

Absolutamente. Se você ler as letras das minhas músicas, você perceberá.

"Sou fascinada por muitas coisas que trazem conotação negativa"

E a frase que diz: "Estou sempre inclinada para a tristeza/A solidão nunca foi minha desconhecida". Isso é você ou uma *persona* inventada?

Mas todas as minhas *personas* são parte de mim. Mesmo que você diga que não sou eu realmente, que é um escudo que estou segurando, é uma expressão que vem de mim.

Quais são as últimas novidades do seu selo Maverick?

Acabamos de assinar com uma banda de Los Angeles, The Deaf Ones, e estamos tentando os Bad Brains.

Você tentou contratar o Hole uma vez. Por que não deu certo?

Isso foi há muito tempo atrás, quando a banda ainda estava num selo independente e procurava um contrato. Eles entraram em contato com diversas gravadoras e – entre a Maverick e a Geffen – optaram por esta última, que já era a gravadora do Nirvana.

Você chegou a se encontrar com Courtney Love na época?

Eu vi um show dela uma vez e falei com ela por telefone muitas vezes. Nunca nos falamos pessoalmente. Ela me telefonava freqüentemente para pedir conselhos.

Fiquei surpresa quando li que ela me via como um vampiro tentando sugar o seu sangue. Acho que ela é meio maluca. Ela me ligava no meio da noite e chorava no meu ombro dizendo que a sua banda era melhor do que o Nirvana. E era muito competitiva com o marido. Eu tentava dar conselhos a ela.

Norman Mailer *(escritor americano especializado em crônicas sobre o cotidiano)* disse que você é a artista que melhor sabe viver. Qual é a sua opinião a respeito?

Estou lisonjeada que ele ache isso. Obrigada Norman Mailer, esse é o meu comentário.

Ele também escreveu que Mussolini se sentiria muito confortável em seu apartamento.

Ele pensa que estava me insultando, mas na verdade isso é elogio para mim. Sou apaixonada por desenhos fascistas e também aprecio a arquitetura deles.

Meu Deus, uma delaração como esta vinda de você vai deixar algumas cidades alemãs e italianas totalmente mal acostumadas.

Não, no México também existem belíssimos monumentos fascistas.

Como você consegue separar as construções dos seus significados?

Nunca poderia ver uma coisa dessas sem sentir o que elas estão querendo dizer. Existe muita arrogância nelas. Sou fascinada por isso e por diversas outras coisas que trazem uma conotação negativa, como violência ou brutalidade. Mas também me fascino por romance e por sentimentos, que são coisas de naturezas totalmente opostas. O melhor é tirar um pouco de tudo.

Colaborou ***Cristina Ruiz****, de Hamburgo*

Madonna vira o jogo
(E você, ainda agüenta?)

A trajetória de Madonna Louise Ciccone já virou lenda. A história da menina que saiu de Michigan para alcançar o megaestrelato com sua voz, seu corpo e seu cérebro divide o imaginário do mundo pop com as de Elvis Presley, Marilyn Monroe e Michael Jackson – para ficarmos em poucos exemplos. O problema é que Madonna passou da medida. Expondo-se das mais variadas formas, a cantora conseguiu virar seu feitiço pelo avesso.

Agora, ao lançar mundialmente *Bedtime Stories*, seu oitavo disco e sucessor do alardeado *Erotica*, Madonna dá apenas duas alternativas ao público de todo o planeta: ame-a ou deixe-a. E os fatos mostram o porquê da situação.

80%
dos assinantes da BIZZ entrevistados afirmam não gostar de Madonna

Desde os tempos de "Everybody" – seu *single* de estréia e primeiro *hit*, de 82 –, a cantora já perturbava com seu apelo sexual. Vestida como as prostitutas de Los Angeles e Nova York, ela entrou nos conservadores lares americanos para incomodar pais e mães e encantar uma legião de meninas, que logo adotaram o célebre *Madonna look*. Logo depois, uma série de cantoras seguiram o mesmo padrão visual, entre elas Cyndi Lauper, Patsy Kensy e, mais tardiamente, a brasileira Deborah Blando.

Nessa altura do campeonato, não prestar atenção em Madonna era algo impossível. Opiniões pessoais a seu respeito simplesmente não importavam. Não adiantava tentar fugir: ela era um dos assuntos preferidos por dez entre dez veículos de comunicação, especializados ou não em cultura pop.

Depois, ao decretar o fim de um turbulento e violento casamento de três anos com o ator Sean Penn – que segundo as más línguas costumava espancá-la –, a estrela começou a aumentar a dose de polêmicas que viriam a celebrizá-la como símbolo de uma nova sexualidade, baseada na busca do prazer pelo prazer, sem espaço para restrições de nenhum tipo.

Pelo contrário. Madonna serviu de porta-voz para os homossexuais ao tornar célebres manifestações artísticas do mundo gay, como a dança *Vogue*.

Nos últimos seis anos, Madonna trocou beijos com um santo negro – o clip de "Like A Prayer" fez o Papa João Paulo 2º proibir sua entrada na Itália –, fez um show onde a música servia como mero acessório à exposição sexual (registrado no filme *Na Cama Com Madonna*), publicou um livro de fotos explícitas que retratavam suas fantasias sexuais (*Sex*) e gravou um disco em que cultuava o sexo, *Erotica*.

A estrela ainda tentou levar o sexo para outro segmento de sua carreira, o cinema. Depois de atuar em filmes inexpressivos, como *Procura-se Susan Desesperadamente* e *Surpresa Em Shangai*, Madonna estrelou *Corpo Em Evidência* – em que encenava aventuras sexuais ao lado de Willem Dafoe – e *Olhos De Serpente*, dirigido pelo polêmico Abel Ferrara.

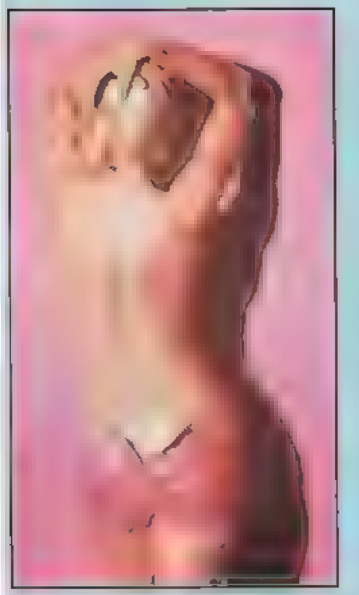
Em mais uma de suas sábias manobras, no ano passado Madonna deixou de lado o cinema "comercial" – *Dick Tracy*, por exemplo, foi dirigido por Warren Beatty, então seu namorado – e abraçou o cinema marginal de Ferrara, onde as drogas e a violência têm presença garantida.

Quando esteve no Brasil, em novembro do ano passado, Madonna também aprontou das suas. Antes do seu primeiro show em São Paulo, ao testar o som do imenso palco montado no Morumbi, a estrela mostrou seus conhecimentos de português. Com toda ironia que Deus lhe deu, Madonna desfilou palavrões e expressões de pouquíssimo bom gosto para quem quis ouvir. "Mi buceta és mi vida", bradou num arranhado "portunhol".

Ao fazer sua cruzada em nome do sexo, Madonna alimentava a fascinação de alguns e o repúdio de outros. Prova disso são dois livros lançados a seu respeito nos últimos doze meses. ▶

Madonna para todos os gostos: da "trubufa" *(do lado esquerdo)* à loira chique e dominadora da fase *Erotica (à direita)*, passando pela estrela absoluta, no desfile de Jean Paul Gaultier, dia 15 de outubro, em Paris *(abaixo, na última foto à direita)*. Afinal, qual é a cara dessa mulher?!!

MANUAL MADONNA DE AUTOPROMOÇÃO



◆ Lance um livro com fotos "ousadas". Mostre-se comendo pizza totalmente nua, aos beijos e abraços com Naomi Campbell e mexendo no calção de um *rapper*. Se baixar a censura, melhor!

◆ Arrume um orangotango – como Jelly "Bean" Benitez ou Sean Penn – como amante, de preferência que adore surrar fotógrafos. Depois espalhe boatos de que teria sido atacada pelo marido, contando os detalhes das brigas.

◆ Pose nua a troco de tostões para fotógrafos de terceira e finja indignação quando revistas masculinas escancaram essa "mancha" em seu passado. Depois, apareça pelada numa revista de nu "artístico".

◆ Entre na carreira cinematográfica. Faça filmes com roteiros medíocres ou polêmicos. Escolha os papéis mais idiotas – tipo missionária virgem em *Surpresa Em Shangai*. Promova discussões com os roteiristas. Depois, diga que eles fracassaram porque são uma bomba e não porque você não dá para o ramo.

◆ Ainda no quesito cinema, vale a pena se convidar para filmes que nunca irá fazer. Como o papel-título em *Evita* (mulher do ditador argentino Juan Perón) e Marilyn Monroe.

◆ Use sua influência para chegar em pessoas famosas. Exemplos: sugira que Michael Jackson deve mudar o visual "branquelo-Walt Disney" e peça para Lady Di – aquela, mulher do príncipe Charles – mandar o marido às favas.

◆ Use a ostentação da sua conta bancária para anunciar a compra do maior time de basquete dos EUA. Diga estar apaixonada por um astro do esporte ou que o craque brasileiro Raí é "o maior gato" e gostaria de transar com ele.

◆ Seus clips devem ser provocativos. Tem que beijar preto, passar a mão nos órgãos genitais, se agarrar com mulheres, se masturbar no palco. Aos críticos, diga que eles "cerceiam sua liberdade de expressão". Depois, torça para que sejam proibidos e que você sofra algum tipo de perseguição liderada por religiosos fanáticos.

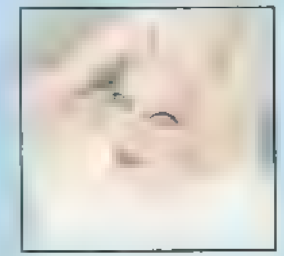
◆ Sempre deixe dúvidas em relação à sua sexualidade. Exemplos: ande ao lado de homossexuais e lésbicas, levando todo mundo a soltar um "será que ela é?" quando você aparecer na mídia. Exemplos: troque beijos e abraços com lésbicas – a comediante Sandra Bernhard não vale – e dê entrevistas polêmicas à veículos direcionados ao público gay, como a revista *The Advocate*.

◆ Invente apelidos para você de atrizes e personalidades que quase ninguém conhece. Exemplos: a atriz de cinema mudo Dita Parlo ou Lulu Smith (uma homenagem à Louise Brooks).

◆ Programas de entrevistas dão o maior ibope para você falar besteiras, fumar charutos, confessar que curte umas palmadas no popô e atacar a sexualidade do apresentador. Outra boa dica é não usar calcinhas. Opa! Alguém aí falou em Lilian Ramos?

Sérgio Martins

BEDTIME STORIES, O DISCO



Maverick/Warner

Síntese da estratégia de Madonna no seu novo trabalho: uma pequena volta ao passado para dar um grande salto para o futuro. *Bedtime Stories* é surpreendente. Madonna surge introspectiva, apaixonada e parece fazer uma análise baseada nas transgressões do passado. "Eu poderia ser sua irmã/Poderia ser sua mãe/Até seu irmão/Mas prefiro ser sua amante", canta em "Secret".

A voz aguda dos primeiros discos prevalece sobre o timbre mais grave e sedutor dos últimos trabalhos. É nítida a intenção de dar uma aliviada nos temas mais pesados e musicalmente optar por, segundo declarou a própria cantora, "uma combinação romântica de pop, rhythm'n'blues e hip hop". Não é um disco para se dançar.

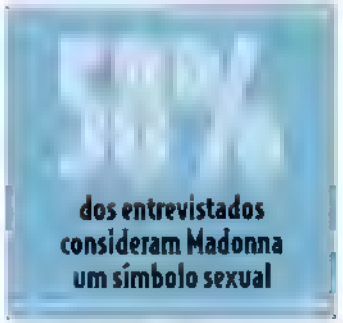
Co-produzido pela cantora, mais Nellee Hooper (ex-produtor do Soul II Soul), Dave Hall, Babyface (o homem que "fez" o Boyz II Men) e Dallas Austin, o álbum tem faixas totalmente *cool* e difícil de digerir. Misturando sonoridades dos anos 70 com elementos mais modernos, Madonna deixa clara sua maturidade e ousadia quando "brinca" com seqüências eletrônicas.

***Bedtime Stories* conta ainda com as presenças de Björk (na autoria da música-título) e da cantora/baixista Me'Shell N'dege Ocello em "I'd Rather Be Your Lover". É daqueles discos que se corre o sério risco de só descobrir o quanto ele é genial após a terceira ou quarta audição.** *Robert Halfoun*

O primeiro é *I Dream Of Madonna – Woman's Dreams Of The Goddess Of Pop* (Eu Sonho Com Madonna Sonhos de Mulheres Com A Deusa Do Pop), uma análise da influência exercida pela estrela no subconsciente feminino, feita através de interpretações de sonhos de cinquenta francesas, canadenses e americanas com idades entre 13 e 61 anos. Nesses sonhos, Madonna pode ser uma temível vilã, uma amante ou apenas uma grande amiga.

Do outro lado da moeda, há *The I Hate Madonna Handbook* (O Manual Eu Odeio Madonna). Escrito por Ilene Rosenzweig, uma ex-fã da cantora, o livro ensina a qualquer um os macetes para detestá-la. Os capítulos do manual, batizados com os sugestivos títulos "Buscando O Estrelato Desesperadamente" ou "A Galeria Das Baixarias De Madonna", relatam fatos e fofocas que jogam por terra a aura mítica que envolve a *popstar*.

O auge da fase "chutando o pau da barraca" de Madonna aconteceu em abril deste ano. Em rede nacional de TV, a estrela promoveu uma sessão de baixarias no *talk show* americano *Late Night*, conduzido pelo apresentador David Letterman. Gravado previamente, o programa foi ao ar somente após passar pela censura da direção da toda-poderosa CBS.



No programa, Madonna destilou inúmeras palavras e expressões nada suaves para o horário, embaraçou o entrevistador com perguntas como "você sabia que a urina é um bom antisséptico?" e ainda lhe deu de presente uma de suas calcinhas. No final da entrevista – em que Madonna ainda deliciou-se ao fumar um charuto cubano –, a cantora acabou sendo repreendida por Letterman diante das câmeras: "Assim não podemos continuar", disse o apresentador.

A repulsa causada por Madonna transformou-se num fato sólido, logo diagnosticado pela mídia. Em maio, enquanto a revista *Entertainment Weekly* chamava a estrela de "escandalosamente *demodé*" e ironizava suas constantes mudanças de visual, o tradicional *The Wall Street Journal* revelava a preocupação da gravadora Warner em relação a sua mais rentável contratada.

A estrela que rendeu nada menos que 1,35 bilhões de dólares à empresa tinha sua popularidade reduzida progressivamente – uma ameaça real de prejuízo. Às vésperas de gravar seu novo disco, a cantora encarou a situação com maestria: uniu-se a produtores renomados (Nellee Hooper, Dave Hall, Babyface e Dallas Austin), chamou a islandesa Björk para compor a faixa-título do álbum e escalou o fotógrafo de moda Patrick Demarchelier para fazer suas fotos de divulgação. Se não garantiu as vendas de seu *Bedtime Stories*, a estrela pelo menos cercou-se de nomes mais que respeitáveis.

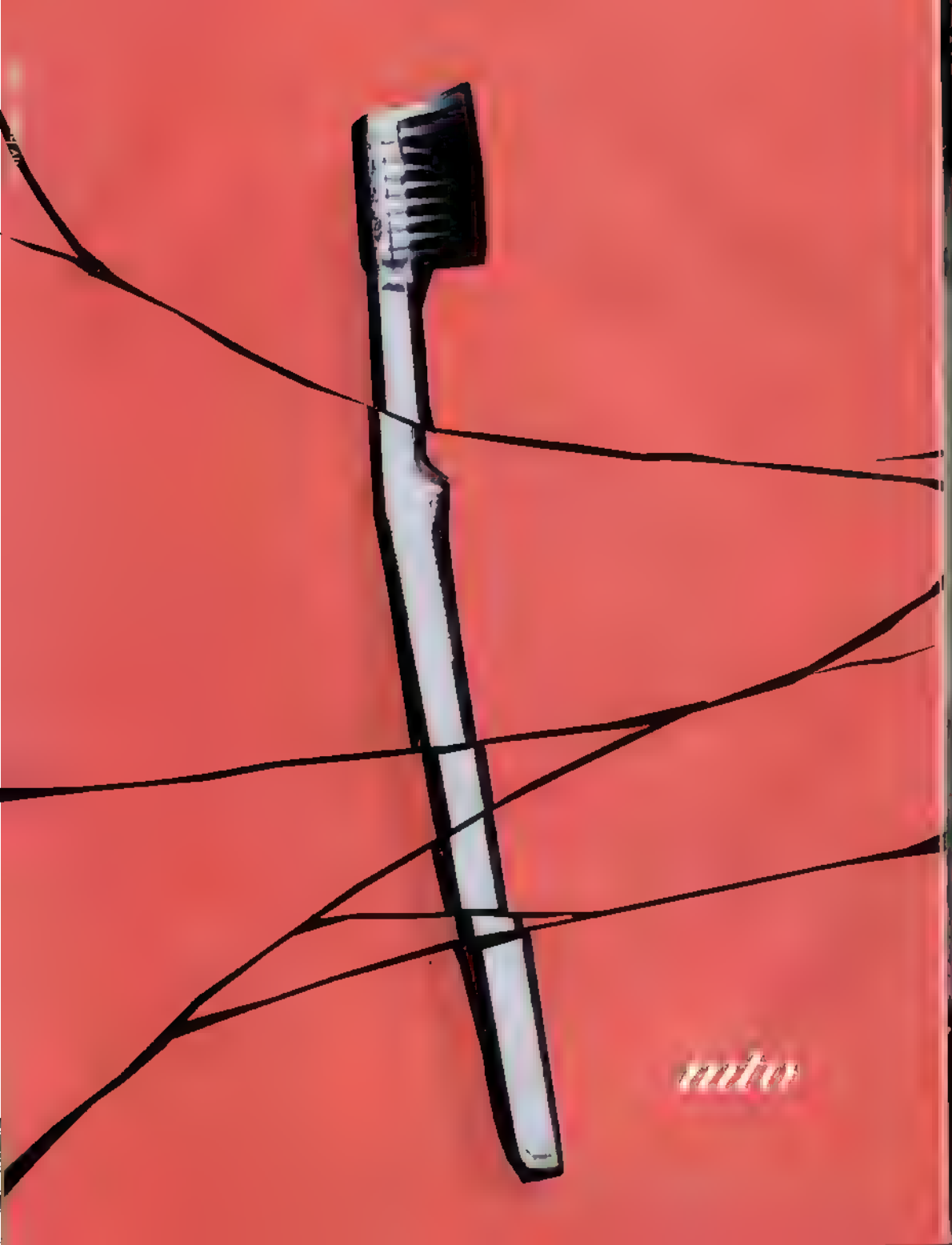
Gata escaldada, Madonna ainda retirou-se estrategicamente da mídia – exceção feita às recentes aparições ao lado de sua namorada, a professora de aeróbica Ingrid Casares –, gravou sigilosamente seu oitavo álbum e agora volta com seu comportamento e postura aparentemente mudados.

Quando aparece em *Bedtime Stories*, o sexo pode ser interpretado como uma extensão do amor e da paixão, conforme revelam as letras das canções do disco. Seria esse um reflexo do *love affair* de Madonna com Casares? Ou apenas uma nova jogada de marketing pessoal?

Essas questões nos levam ao início: alguém ainda agüenta Madonna e suas artimanhas? Depois de tudo que ela aprontou, depois de assistirmos todas as mudanças promovidas ao longo de sua carreira, ela ainda convence alguém? O que o futuro reserva à estrela? até quando Madonna sustentará o *status* de símbolo sexual?

A fim de descobrir a opinião de nossos leitores, encomendamos uma pesquisa ao Departamento de Análise e Pesquisa de Mercado da Editora Azul, realizada junto aos assinantes da BIZZ. Alguns dos resultados dessa rápida enquete podem ser conferidos ao longo destas páginas. *Helio Gomes*

P.S.: Caro leitor, também queremos saber o que você pensa a respeito de Madonna. Escreva para a redação e dê sua opinião. O endereço é Av. das Nações Unidas, 5 777, CEP 05479-900, São Paulo (SP). Se preferir, envie-nos um fax: (011) 813-9115



MTV
MUSIC TELEVISION

ouvido

As outras vidas de Jon Anderson

A voz do YES, ícone do rock **progressivo nos anos 70,** fala sobre outras encarnações como morador de Atlântida, **curandeiro na China** e professor de piano na França. Difícil de acreditar?

FOTOS: ARMANDO PRADO • ENTREVISTA: SERGIO MARTINS

Jon Anderson se prepara para a nossa entrevista. "Espero que suas perguntas sejam gentis e verdadeiras", diz ele. Aos 50 anos de idade – metade deles dedicados ao Yes –, o vocalista traz consigo um ar de *habitue* de São Tomé das Letras (um dos templos da bichogrilagem brasileira) e empunha um ramo de flores numa das mãos.

Não é exagero afirmar que se o Yes tem uma marca registrada, ela atende pelo nome de Jon Anderson. A voz aguda, quase angelical, as letras impregnadas de misticismo e o comportamento politicamente correto do vocalista, aliado às capas de Roger Dean, fizeram do Yes um dos ícones do "progressivo cabeça". Era o estilo de música ideal para quem gostava de arranjos complicados e temas que variavam da criação do mundo (*Tales From Topographic Oceans*, de 73) à luta entre o bem e o mal ("The Gates Of Delirium").

O grupo, formado em 68 por Anderson e pelo baixista Chris Squire, lançou discos históricos como *The Yes Album* e *Fragile* (ambos de 71). Pela sua formação já passaram músicos de categoria como Rick Wakeman, Geoff Downes, Patrick Moraz (teclados), Steve Howe (guitarras) e B... Bruford (bateria).

Depois do álbum *Drama*, de 80, único que não teve Jon Anderson nos vocais – que foram assumidos por Trevor Horn, hoje produtor de sucesso –, o Yes deu uma parada, voltando apenas três anos depois com o disco *90125*. O "novo" Yes chegou mais pop, com músicas curtas – um susto para quem ouvia as suítes de vinte minutos dos caras – e boas para tocar no rádio. Além de Anderson e Squire, o grupo agora tem Trevor Rabin (guitarra/vocais), Alan White (bateria) e Tony Kaye (teclados).

Durante o bate-papo, Anderson mostrou que modéstia não é o seu forte. Gosta de chamar o estilo de seu grupo de *Yes music*, ironizou a moda grunge – "no dia em que eles souberem tocar mais de três acordes, quem sabe eles subam para um nível maior" brincou – e confessou não ser tão fiel ao estilo de vida vegetariano e abstêmio pregado pelo Yes. Tanto que bebericou batida de côco numa festa do pessoal da Timbalada. Deu ênfase ao seu lado místico/espiritual, que o levou a escrever sobre os livros de Carlos Castañeda (no disco solo *Deseo*).

Confessou saber o significado de Deus – segundo ele, quer dizer "amor, devoção e rendição" – e chegou a dizer que em suas outras vidas morou em Atlântida, curou pessoas na China e foi professor de piano na França.

Entre os integrantes do Yes, você tem a fama de ser aquele que tem maior espiritualidade. Essa fama é verdadeira?

Todo mundo teme a espiritualidade. Eu aceito isso de forma fácil. Acho que existem três tipos de pessoas: as que escondem sua espiritualidade, as que são falsas e as que são abertas. Pertenço ao terceiro grupo.

O que você quer dizer com ser uma "pessoa aberta"?

Quer dizer que eu aceito todo tipo de religião, procuro ler tudo sobre elas. O assunto me interessa bastante.

> "As pessoas que dizem que o Yes era bom em 74 vivem no passado. Estamos mais ligados ao futuro"

Todos esses assuntos relacionados ao misticismo renderam até uma gozação dos críticos, dizendo que vocês iam musicar a Bíblia.

Sim, mas foi o que fizemos! *Tales From Topographic Oceans*, de 74, é o melhor exemplo disso. Na época, eu estava muito interessado em saber o significado da palavra "Deus". Estudava bastante sobre isso. Hoje fico feliz com o resultado.

E para você qual é o significado da palavra Deus?

Amor, devoção e rendição. Você ama estar vivo, se devota a vida inteira para isso e se rende à maravilha que é viver.

Você passou por alguma experiência para descobrir isso?

Eu cheguei a fazer regressões, a pedido de um médico que era amigo meu. Em outras vidas, morei em Atlântida e na China – onde eu era uma espécie de curandeiro. Também fui um professor de piano na França, uma experiência que achei bem aborrecida. Cada uma dessas vidas foi uma missão que tive e ajudou a desenvolver o que sou hoje.

Nessas vidas você teve uma morte tranqüila ou violenta?

Não sei. Talvez por causa delas que eu seja tão ligado a essas coisas do espírito. Isso vem desde a época em que era pequeno, louco para descobrir os mistérios da vida. Um dia eu escreverei sobre a experiência. Pode ser numa canção, num disco – estou gravando outro álbum solo – ou até mesmo em um livro.

Como é que vem a inspiração para escrever as suas letras?

Na maioria das vezes, vem muito fácil e rapidamente. O tema "The Calling", por exemplo, é viagens sobre o mundo, a respeito das sensações que você "empresta" do público. Já "I'm Waiting" fala sobre a ressurreição da alma – que é eterna. Toda canção que escrevo tem uma terapia, um significado, uma história.

O Yes ficou famoso por ter grandes músicos. Há algum tipo de pressão na hora de gravar um disco?

A única pressão que sentimos é em relação à gravadora. "Quando o disco está pronto?" perguntam. "Já está pronto?" "Vocês já terminaram o disco?" Quando finalmente mostramos o álbum, eles ouvem a primeira música e dizem: "Sim, este é o hit". Daí, ouvem a segunda: "Não, o hit é este!"

Você ainda lê as obras do Paramansa Yoganada (sábio hindu que serviu de fonte de inspiração para *Tales From Topographic Oceans*)?

Sim, ele se encontra sempre em meu coração. Yomanada foi uma chave para eu encontrar os significados de Deus. Tenho um livro dele sobre meditação.

Que foi que mudou do Yes de antigamente para hoje?

Ainda fazemos boa música porque trabalhamos duro, damos o melhor no palco. Essas pessoas que falam "o Yes era bom em 74", vivem no passado. Somos os mesmos, mas o nosso som está cada vez mais ligado ao futuro.

"Toda canção que escrevo tem uma terapia, um significado, uma história"

O Yes, na versão 94: *(à partir da esquerda)* Alan White, Chris Squire, Trevor Rabin, Jon Anderson e Tony Kaye

• TALK • London/PolyGram • 94

Quase progressivo. É como soa este álbum do Yes, que ressurge com muito de sua sonoridade e dos climas característicos – vocais mirabolantes, Jon Anderson, Chris Squire..., mas principalmente com muita sofisticação – no melhor sentido da palavra – e nenhum saudosismo.

Faixas como "Real Love", "State Of Play" e boa parte dos catorze minutos(!) da "Endless Dream" dão a exata impressão disso, intercalando às vezes longos trechos instrumentais (alguns memoráveis) e trechos vocais que variam de fortes, pesados, quase dançantes, até viajantes e, por vezes, comoventes.

Há também faixas menos interessantes, como "I Am Waiting" – muito água com açúcar – e "Walls", um rock convencional que se encaixaria perfeitamente numa propaganda de cigarros.

O mais legal é que todas as faixas estão bem amarradas por, repito, sofisticação e bom gosto. Talk tem toda a cara do Yes, sem o estilo dos anos 70.

JEAN PIERRE VERDAGUER

Ligado na 98, Genilson resolveu comprar sua Levi's no Del Rey,

98 FM

Levi's

ler uma Bizz e sair por aí.

Resultado: vai parar em Londres com tudo pago, num show do Pink Floyd.

BIZZ

Unidade Bop

Se alguém disser

que você nunca

ouviu nada igual,

E aí, você ainda não ouviu nada

pode acreditar.

ELDORADO

LANÇAMENTOS

As CRIATURAS que vieram de Athens, Georgia, EUA

Rememorando: pré-lançamento do álbum *Automatic For The People*, agosto de 92. Ao entrevistar Peter Buck, guitarrista do R.E.M., em Nova York, o cara me declarou: "só vamos excursionar depois do próximo disco... Nós preferimos juntar o material, deixar a expectativa no ar, em relação à nossa próxima turnê".

Corte brusco: em 24/09/94, no semanário musical britânico *NME*, o mesmo Peter Buck disse: "Eu creio que nossos últimos três discos foram os melhores que fizemos... Não vamos ser como o Pink Floyd, sumir por cinco anos e voltar com um álbum igual ao anterior".

Ponto para este "monstro horrível"! O R.E.M. sempre conseguiu lidar com as mazelas da fama de *superstars*. Recorro a Buck novamente, que em *off* me falou que não se considerava um *guitar hero*: "Afinal, para chegar até aqui, eu andei umas doze quadras pela Broadway, sem ninguém me parando para pedir autógrafos".

E após dois anos sem gravar, quatro sem excursões, voltam com um álbum "malicioso e 'na cara', tipo 'fixoso' e óbvio", nas palavras do cantor/letrista Michael Stipe. Só elétrico, sem violões, mandolins etc. Não que Berry, Mills, Buck & Stipe estejam renegando o som que fez do R.E.M. o ícone da "independência musical dos anos 80". Ao contrário: o "disco podreira", que há tempos eles prometiam, se consolidou. O que se insinuava em *Automatic*... – segundo Stipe, um "disco punk lento, como *Horses* (de Patti Smith) – ficou explícito em *Monster*, que pode deixar os fãs radicais de cabelos em pé.

R.E.M.

Warner

Monster

"What's The Frequency, Kenneth?" – como primeiro single e clip – inaugura o circo de horrores sofisticado, ao destilar bilis perante a mídia, através do tipo que quer "enquadrar" – como farsante – na tão falada "geração X".

A partir daí, dá para se ter uma idéia do que virá a seguir: guitarras ululantes *à la* The Stooges/Neil Young/Television darão a tônica musical. Vocais "enterrados na mixagem", no estilo dos "Rolling Stones dos áureos tempos", irão fazer a moldura sonora, pouco ligando se alguém está entendendo boa parte das letras. "Crush With Eyeliner" – algo como "esmagar com um delineador de olhos" – é dedicada aos New York Dolls (influência vital do disco) e à sua cidade de origem. Não à toa, tem a canja vocal de Thurston Moore (Sonic Youth).

"King Of Comedy" também trata da mídia e de quem fatura com ela. Mas de forma velada – seja pela sonoridade ou pela voz metálica de Stipe – "tira um côco" da fase *Zooropa* do U2 ("Quanto de viado ou de careta eu sou/Não sou mercadoria"). "(With Love Comes) Strange Currencies" é maneira musicalmente, mas pega pesado ao falar de ciúmes e outras obsessões. "Tongue" é uma espécie de "Everybody Hurts" parte II, quase toda criada por Mike Mills (que assume baixo, órgão, piano e até os vocais em fa sete), uma canção atípica de descarado teor sexual – exceção no repertório do grupo. "Bang And Blame" destaca outra vez os *riffs* de Buck, numa levada contagiante cuja coda tem uma breve citação do clássico hit do grupo The Temptations, "Papa Was A Rollin' Stone".

"I Took Your Name" lembra The Stooges, no barulho e na letra – há um verso que diz: "eu não quero ser Iggy Pop" já "Let Me In" – aos moldes de Neil Young – homenageia Kurt Cobain, com quem Michael quase trabalhou antes dele morrer. A guitarra esporrenta soa atrás da letra, que segue tentando tirar o ex-líder do Nirvana de seu isolamento fatal. "Circus Envy" é puro The Kinks, motivada talvez pelo abandono dos palcos do R.E.M., a "inveja do circo", enquanto "You" traz um misto de Neil Young (de novo!) com Led Zeppelin, tendo como mote os deslizes da paixão. Será este o fim do mundo, tal qual nós o conhecemos? Mas eu me sinto bem... E quem foi que disse que não existiam monstros?

CELSO PUCCI

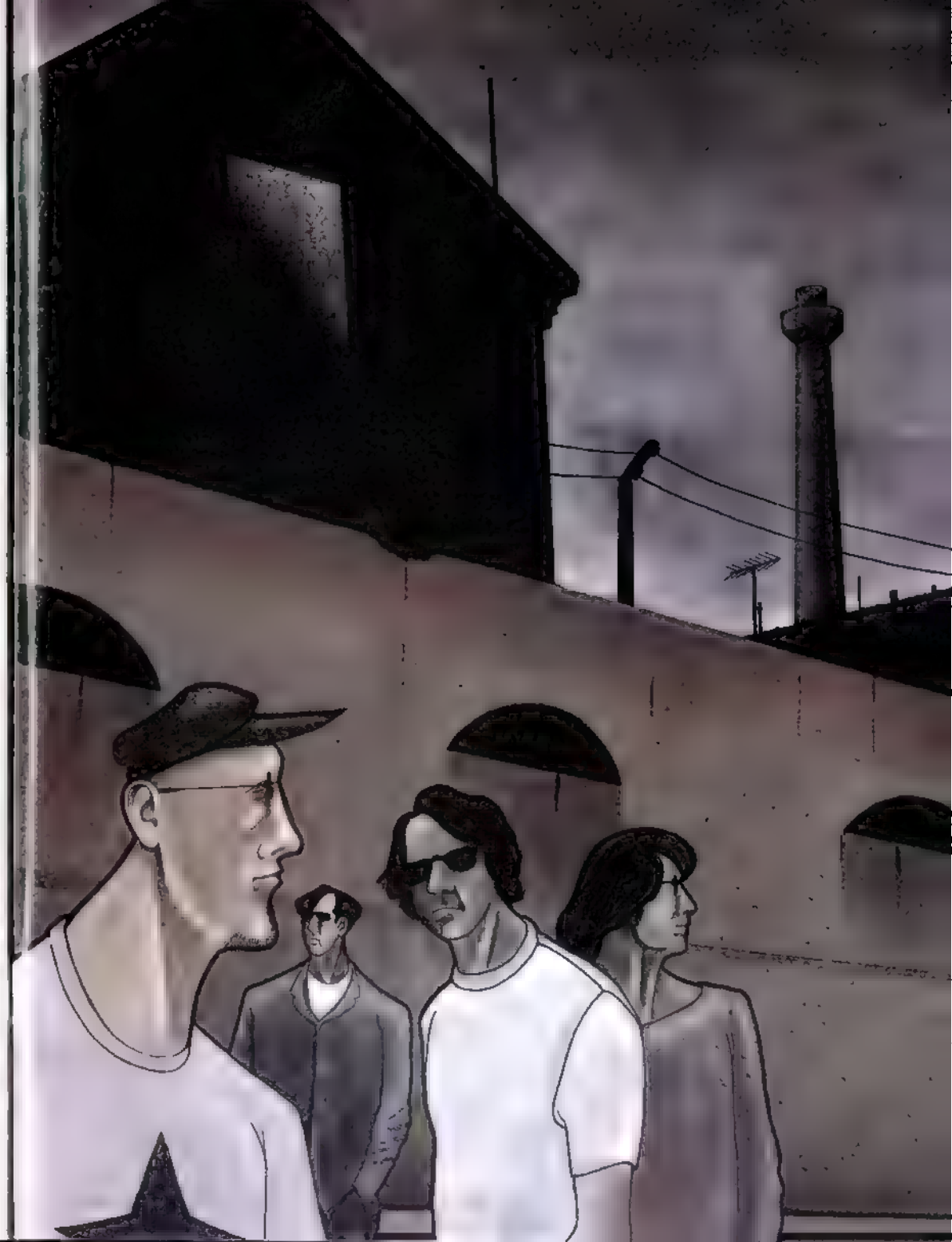


ILUSTRAÇÃO: JOAQUIM CARDOSO

DE VOLTA AO BLUES

Novo álbum do *guitar hero*: paixão em dezesseis clássicos do blues

ERIC CLAPTON

Reprise/Warner

From The Cradle

Acima de tudo, Eric Clapton é mais do que um abastado *popstar* de meia-idade metido em ternos italianos de belo corte. E é sempre foi e sempre será um aficcionado do blues, um inglês rho apaixonado pelos sons de dor, de raiva, de redenção e de busca da música negra que ouvia chegar da América nos anos 60.

Apesar de uma sólida carreira pop/rock, a razão musical de Clapton nunca deixou de ser a mesma: o blues. E talvez mais agora do que em qualquer outra fase da carreira de Eric, como evidenciado no popularíssimo *Unplugged* (catorze milhões de cópias vendidas no mundo inteiro com um repertório baseado quase que exclusivamente de blues obscuros). E isso foi reforçado no novo *From The Cradle*. Todo gravado ao vivo no estúdio – ou seja, com um mínimo de *overdubs* –, este é disparado o disco mais passional de Clapton.

Acompanhado por um quarteto básico de duas guitarras (a segunda é tocada por Andy Fairweather-Low), mais o baixo e a bateria – e ocasionalmente aumentado por harmônica, teclados e metais), ele percorre com muita paixão dezesseis clássicos do blues, pinçados dos repertórios de gigantes como Willie Dixon ("Hoochie Coochie Man", "Groaning The Blues"), Muddy Waters ("Standin' Round Crying") e Elmore James ("It Hurts Me Too") E acaba saindo com aquele que pode ser o melhor álbum de toda sua discografia.

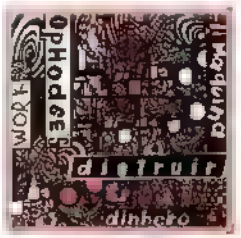
Dificilmente ele cantou tão bem quanto em "Third Degree" (parceria de Willie Dixon com Eddie Boyd) ou tocou como no solo sanguíneo de "Five Long Years", que rasga a alma até do ouvinte mais cínico. O único ponto negativo deste disco é Clapton ter demorado tanto tempo para fazê-lo. *José Emílio Rondeau*

PIVETI

Radical

Ex-Detento

Depois do rap politizado, o *gangsta* chega por aqui. O sujeito é Piveti, ex-Pavilhão 9, que nesta sua estréia solo se deu bem. *Ex-Detento* mostra a força do "truta" em questão em "Sai Da Cola", "Ex-Detento" (parceria com Edu K), "All I Steal Is All I Get" e num dos grandes raps nacionais de 94: "Sai Da Cola/Carta Branca". Quanto às letras, não espere engajamentos. É um tal de *pow pow* numa sucessão de pipocos de fazer inveja aos morros cariocas. Mesmo se você não entender nada, não se preocupe – o encarte traz um "glossário" para introduzir os vacilões na "pule". *Jeferson De Sousa*



EGISTO OPHODGE

Pumoda Y Pronoda

A Maquina De Distruir Dinheiro

Em 88, rolou por aí o álbum da banda gaúcha pós-punk Colarinhos Caóticos, do vocalista/guitarrista Egisto (com saxofones, *samplers* e coz nha jazzística à la Rol ns Band). Uma auto-produção, como o compacto do ano seguinte, cuja capa era um saco de pão. Depois teve a demo do projeto Electra, parceria com Edu K. Daí veio este CD, em que Egisto "não Ophodge, nem sai de cima". Talento anárquico que não tem uma banda – mas que devia ter para dar foco à sua maluquice –, ele reuniu faixas de várias épocas, formações e estilos, onde pouco se percebe do que é capaz. *Alex Antunes*

Uau! Oba! Epa! Ops! Arrgh! CD Vinil Cassete Nacional Importado

pecados & perversões em ritmo de PSYCHOBILLY

THE CRAMPS

The Medicine Label/BMG-Ariola

Flame Job

Grupo dos mais importantes dos subterrâneos do rock, o quarteto The Cramps tem a capacidade de agradar várias facções. São daqueles poucos artistas que podem se orgulhar de ter cunhado um estilo musical: o *psychobilly*, ou seja, um coquetel de punk com rockabilly, *surf music*, psicodelia de garagem e cultura *trash*. *Flame Job* é o disco mais pop que fizeram até hoje, na tendência dos seus últimos trabalhos, de terem maior apuro técnico (se é que dá para chamar de "apurada" uma guitarra que só toca canções de três acordes) Todavia, o cantor Lux Interior e sua *partner* guitarrista Poison Ivy não se esqueceram dos temas perversos e pecaminosos de sempre, como nas faixas "Naked Girl Falling Down The Stairs" e "Sinners". A rusticidade também marca presença em "Mean Machine" e "Ultra Twist", o maior destaque do disco. E ainda há uma *hot rod song* na melhor tradição de Jan And Dean ("Sado County Auto Show"), além da costumeira cover canastrona – neste caso, a famigerada "(Get Your Kicks On) Route 66" Esta continua a ser a banda que melhor ilustra o quadrinômio "sexo, drogas, terror & rock'n'roll *Sérgio Barbo*

Poison Ivy: "apuro técnico" em três acordes

SWAMP TERRORISTS

Sub Mission/Cri Du Chat

Combat Shock

Como seus conterrâneos The Young Gods, a banda suíça Swamp Terrorists – Str (samplers) Ane H. (vozes) – obtém cada ruído ou timbre que interferem em suas músicas de fontes alheias: discos de outras bandas, transmissões radiofônicas, diálogos surrupiados de filmes "podreiras" etc. Mas, ao invés do singularíssimo *melting pot* de Franz Treichler & Cia., o máximo que os "terroristas do pântano" conseguem é se aproximar do *crossover* dance/thrash/industrial já consagrado pelo KMFDM. Isto não quer dizer que *Combat Shock* não tenha lá seus bons momentos (o remix radical de "Comeback", por exemplo). Apenas faltou uma assinatura, um toque maior de personalidade às colagens dos caras. *Arthur G. Couto Duarte*

canta nossa canção

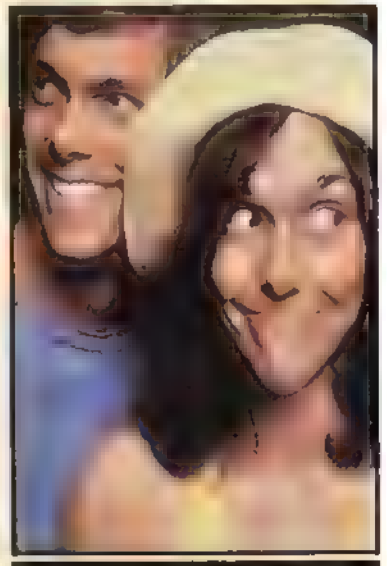
VARIOS

A&M/PolyGram

If I Were A Carpenter

Curioso, existem grupos que no seu devido tempo e lugar são considerados "bregas" ou "caretas" e são revalorizados pelas gerações posteriores. O mesmo ocorreu com o Abba tempos atrás. E agora é a vez dos "melosos" Carpenters. Os irmãos Richard e Karen – esta, cantora/compositora/baterista (a grande), que foi vítima fatal de sua anorexia em 83 – tiveram o seu mérito resgatado neste tributo. Afinal, as canções que entoavam ainda permanecem na memória de muita gente, como todo o pop de qualidade deveria fazer

As *highlights* são as versões de Sonic Youth ("Superstar") Grant Lee Buffalo ("We've Only Just Begun") e American Music Club ("Goodbye To Love"). Mas fora o "assassinato" de "Bless The Beasts" cometido pelos 4 Non Blondes, há ainda a bêbada "Rainy Days And Mondays" do Cracker e "Top Of The World", a cargo das japinhas do Shonen Knife. *Celso Pucci*



Richard & Karen, de "melosos" a cultuados

LANÇAMENTOS

CRASH TEST DUMMIES

Arista/BMG-Ariola

God Shuffled His Feet

Há uma insistência cravada no *release* deste disco que parece gritar: "não é tão ruim quanto o primeiro". Mas o segundo álbum do grupo canadense é tão chato quanto a maioria dos "roquinhos" lançados pelas multinacionais na cola do filão alternativo. Crash Test Dummies é "marketado" como música alternativa.

Alternativa a que, cara-pálida? Sobram candidatos ao "show de caubóis" com a mesmice imitação de Leonard Cohen. Mas se Cohen permanece inimitável em sua gravidade, Crash Test Dummies aspira – no máximo – a passar por primo canadense do American Music Club. *God Shuffled His Feet* traz música folk em embalagem pop, com um humor universitário. Música para ouvintes sofisticados. Não é para você que odeia *new age*. MARCEL PLASSE

CRAVO E CANELLA

Continental/Warner

Sabor De Paz (12 Anos)

"Lá vem o negão/Cheio de paixão (Te catar, te catar, te catar) ...". Você já ouviu isso em alguma FM popular ou comercial de TV e pensou: êpa, lá vem outro grupo de pagode! Certo. Gênero tão divulgado atualmente nas rádios de todo o Brasil, poderia ser definido como um tipo de "Jorge Benjor requentado", que já mereceria – a princípio – um profundo desprezo de quem zela pela criação musical.

Mas não é este o caso: "só pra contrariar a raça da negritude júnior", os caras do Cravo E Canella desfilam um senso de humor pegajoso neste disco. Que não se restringe a outros versos de seu maior hit, "Lá Vem O Negão": "Fungou no cangote da linda morena/Loirinha cafungada do negão é um problema...".

Apesar do saldo final desigual do disco, o melhor deste besteirol *à la* "Babulina" está em músicas como "Vestida De Louca" ("Daquele amor que eu tinha/Só restou uma carinha/Que alguém soube como valorizar/Aquele sapo, que eu pagava acabou/Hoje o sapo é do meu novo amor...") ou "Nêga De Canecalon" ("Com bandeira e tudo, eu rumei pro Morumbi. Final de campeonato, o meu time na parada, a Fiel a explodir ... Nêga de canecalon/Não faz assim comigo não/O futebol me espera..."). O maior responsável pelo feito é um cara chamado Nenê Da Timba – co-autor de todas as faixas, exceto a "melô do negão", assinada por um tal de Zelão.

Quando toda a onda de "grupos de pagode" estava presses a "dar no saco", como antes tinha acontecido com as duplas sertanejas, ao menos este pessoal do Cravo E Canella traz alguma coisa nova ao formato. Mesmo que tal "novidade" se restrinja apenas a passar a limpo as obras-primas – ainda atualíssimas – que Jorge Ben criou nos anos 60. CELSO PUCCI

Uma homenagem digna aos pioneiros do tecnopop

UM TRIBUTO AOS "ROBÔS"

VARIOS

Mute/Warner

Trans-Slovenia Express

Este é mais do que um tributo ao Kraftwerk. Aqui, as bandas detectaram a alma inventiva do quarteto alemão e a maioria delas não se prendeu a simples versões.

Este trabalho surgiu de uma fita demo que o grupo industrial pseudo-fascista Laibach apresentou a Daniel Miller – o *boss* do selo Mute. Continha variadas recriações de clássicos *kraftwerkianos* por bandas desconhecidas da Eslovênia.

A abertura é uma apologia feita pelo Laibach. Não é *cover* e serve de introdução para robôs *cyberpunks* (Coptic Rain "metalizando" o hit "The Robots"), *nonsense* dançante (Borghesia, com "Ohm, Sweet Ohm"), folk cigano (Mrtja V.S., em "Neonlight") e, para não causar enjôo nos fãs, regravações fiéis para "Antenna" (Z-Entropa) e "Home Computer" (Random Logic). Há "assassinatos", como "The Model" (Demolition Group) e "Man Machine" (Streinikoff), em uma "aversão" mais *man* do que *machine*. Mas o saldo final é bom. ENÉAS NETO

cordeiro assado

EDSON CORDEIRO

Epic

Edson Cordeiro

Depois que os malditos produtores musicais inventaram a praga das cantoras "ecléticas" (Marisa Monte, Cássia Eller, Adriana Calcanhoto), a perspectiva de surgir um novo talento original na MPB caiu vertiginosamente. Nesses casos, o conceito de trabalho vem do bom gosto na escolha do repertório, ficando em segundo plano a interpretação.

Se você pensou que Edson Cordeiro ia ficar de fora deste quesito, infelizmente se enganou. O cara é "incrível", não se pode negar. Mas de que adianta ele alcançar notas que só os cachorros percebem? E a mistureba de estilos? Tem horas em que ele parece um pavão no cio, em outras um feiticeiro vodu entoando um cântico satânico.

A imagem de *freak* de circo – tipo: "senhoras e senhores, o incrível anão que emite trinados sobrenaturais canta 'Babalu' e mistura ópera com rock!" – trava a absorção do trabalho. Ao jogar água fora da bacia ("Cowboy Solitário", "Zé Do Brasil"), ele me faz imaginar a seguinte banda de apoio: Joe Satriani (guitarra), Les Claypool (baixo/Primus) e Neil Peart (bateria/Rush). Deus nos livre! ALEXANDRE ROSSI

O repertório "eclético" e as firulas vocais atrapalham Cordeiro

BARRINGTON LEVY

MCA/BMG-Ariola

Barrington

BERES HAMMOND

Elektra/Warner

In Control

INNER CIRCLE

Warner

Reggae Dancer

Trinca Rastafari

O melhor deles é, sem dúvida, Beres Hammond, um *soul man* de voz rouca e grossa que deixa a mulherada da ilha em estado de alerta. Alterna canções românticas ("No Disturb Sign", onde manda os homens darem um "cano" no trabalho para curtirem melhor suas mulheres), religiosas ("Giving Thanks") e sociais ("Another Day In The System"), contando com participações de Sly Dunbar, do DJ Buju Banton e Marcia Griffiths, com um som mais próximo do rhythm'n'blues americano.

Já Barrington Levy despeja sua voz aguda – e preciosa – em antigos sucessos, atualizados por uma batida *mezzo* hip hop, meio baião eletrônico. Como é o caso de "Under Mi Sensi", "Murderer" e "Work", canções conhecidas de cor pela moçada da Jamaica. Vernon Reid e Doug Wimbish (do Living Colour) dão uma mãozinha na faixa "Nothing's Changed".

O Inner Circle também não faz feio: manda reggaes com refrões pegajosos, cheios de mensagens pacifistas e feitos na medida para a moçada cantar. Exemplos: a faixa-título, "Games People Play" e "Summer Jammin'". SÉRGIO MARTINS

1, 2, 3, 4... BOOM!

LITTLE QUAIL AND THE MAD BIRDS

Bonguela/Warner

Lirou Quêiol En De Méd Bârds

Nem só de notícias ruins vive Brasília. E a mais boa nova vem justamente de lá, o disco de estréia do Little Quail And The Mad Birds. No ano passado, uma infame canção dizia: "Não tem cinco, não tem seis, parei no quatro", que começou a cutucar os ouvidos e chamar a atenção em algumas rádios e na MTV.

A música era a descaradamente simplista "1, 2, 3, 4" – três, ou melhor, quatro acordes de puro *nonsense* e diversão. Foi eleita a melhor de 93 pela crítica especializada. Entretanto, o disco *Lirou Quêiol En De Méd Bârds* possui este e muitos outros hits como a versão *hardcore* de "Samba Do Arnesto", a trilha de videogame "Stock Cars" e a garageira "Azarar Na W3".

Conheci os caras anos atrás em São Paulo, quando era – e ainda é – um sacrifício arrumar palcos decentes para bandas desconhecidas, com uma platéia de meia dúzia de amigos. Hoje em dia, eles abrem shows para os Titãs e lotam espaços para centenas de pessoas em Brasília.

Bacalhau, Zé Ovo & Gabriel: detonando

Mas o grande reforço da trajetória vitoriosa deles parece ter vindo com este disco. Tudo, desde a capa até os timbres dos instrumentos, saiu do jeito que o grupo queria. As gravações foram descontraídas, incluindo participações das mais variadas e no caso de "1, 2, 3, 4" o estúdio comportou quase cem pessoas de diversos estilos para o coral. Do mangue beat de Recife ao funk metal de Curitiba, passando pela soul music de São Paulo, a variedade se fez presente. Em resumo, com este disco eles atingiram um ponto onde toda banda divertida como a deles quer chegar. *Sérgio Barbo*

TRÊS COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER A RESPEITO DOS TAIS "CODORNINHAS"...

■ **Gabriel** *(voz/guitarra)* Rockabilly era a única coisa em comum entre nós, pois aprecio *garage* bands como The Sonics, o baixista adora The B-52's e o baterista é fã do Rush.

■ **Zé Ovo** *(baixo)* Estamos batalhando para a banda não ter apenas aqueles famosos quinze minutos de fama, mas caso isso aconteça, eu vou trabalhar na construção civil.

■ **Bacalhau** *(bateria)* A gente ficava ensaiando "1,2,3,4" dentro da sala de aula mesmo, até que um dia a classe inteira pegou uma suspensão por causa da zoeira que fazíamos.

FIGHT

Epic

Mutations

Este é o pior tipo de disco: caça-níqueis vagabundo que a indústria tem a coragem de chamar de "edição para colecionador". Com algumas músicas ao vivo e outras remixadas não é bem nem uma coisa, nem outra.

As faixas ao vivo, apesar da atuação de Rob Halford, são iguais às de estúdio, exceto nas velhas brincadeiras que o vocalista faz com o público. "Freewil Burning", do Judas Priest é o único destaque. Os *remixes* têm tratamento com características industriais, mas são muito iguais aos originais. *Robert Halfoun*

VERTIGO

EMI-Odeon

Vertigo

Kuaker (ex-guitarra/Yo-Ho-Deic), Arnaldo (bateria), Mingau (baixo/primeira formação dos Ratos De Porão) e Dinho (principal razão de eu detestar o Capital Inicial). O instrumental da estréia desta reunião de "ex-s" é eficiente e a produção de Dado Villa-Lobos surpreende pela clareza. Mas o que você espera ouvir ao apertar o *play*? Rock básico e simples! Dê um desconto ao Dinho, porque ele fica bonito de *dreadlocks*. Mas não basta furar o corpo com pendurucalhos, tirar chinfra de independente, ter uma banda cool e achar que vamos esquecer de coisas como "Pedra Na Mão". E apesar dos esforços, o CD peca pela nulidade de faixas como "Suzi Suicida" e "Freiras Lésbicas Assassinas Do Inferno". *Alexandre Rossi*

L7

Slash/PolyGram

Hungry For Stink

O novo rock americano está sendo salvo da guilhotina pelo mulherio. Duvida? Então, ouça The Breeders, Hole, Babes In Toyland e L7. Enquanto Axl Rose continua com suas bichices histéricas, Seattle agoniza e o resto das bandas se compraz com lixo barulhento, as meninas botam a mão na massa – e fazem música!

Este disco é a prova irrefutável de que o rock pode ser pesado, acessível e inteligente, tudo ao mesmo tempo. O que era ótimo em *Bricks Are Heavy*, ficou ainda melhor. A banda limou o verniz pop daquele disco e só deixou boas melodias e o peso instrumental fluírem neste album – vide "Andres", "Stuck More Again" (com *riffs* psicodélicos emoldurando um hard rock pesadaço e lento) ou "She Has Eyes", outro hit certeiro. *Humberto Finatti*

Música Pernambucana Bacana

MUNDO LIVRE S/A

Bonguela/Warner

Samba Esquema Noise

É bom estar a par de duas coisas antes de ouvir *Samba Esquema Noise*. Primeiro: o som do Mundo Livre S/A não tem nada a ver com Chico Science, *mangue beat* e afins, apesar de Fred 04 ter assinado o manifesto "Caranguejos Com Cérebro" ao lado de Science. Segundo: trata-se de um bom disco de MPB.

Sim, meu caro, música popular brasileira! Com levadas de cavaquinho, samba, reggae e boas doses de Jorge Benjor – grande influência de Fred 04, guitarrista/vocalista/líder da banda, mas feitas de uma maneira inteligente e – seria heresia dizer? – inovadora. O grupo não tem pudores em colocar uma guitarra heavy metal numa melodia tirada no cavaquinho (Syoung, do P.U.S., dando o clima em "Livre Iniciativa"), fazer temas viajantes – "Sob O Calçamento (Se Espumar É Gente)" –, entortar o reggae em "Ritos (Smart Drugs) Pontas e Overdrives" e saudar o "Babulina" na esperta "A Bola Do Jogo". Como se isso não bastasse, as letras de Fred 04 são cheias de uma poesia sacana, que andava meio em falta. Como "Musa Da Ilha Grande" – com participação de Malu Mader nos vocais –, onde ele chega a encarnar um tarado de praia nos versos: "Ela entrou de biquini branco/Soltou a blusinha na areia/Jogou um sorriso pra trás/Me deixou com a cabeça cheia (de idéias)". *Sérgio Martins*

BARULHO ACÚSTICO

Os irmãos Reid: álbum convincente, mesmo sem grandes mudanças

THE JESUS AND MARY CHAIN

blanco y negro/Warner

Stoned And Dethroned

Este é o álbum acústico prometido pelos irmãos Reid há dois anos – mais elétrico e produzido do que o esperado. O violão de doze cordas dá um ligeiro sotaque country ao som, mas, como Ramones, não há jeito de JAMC soar muito diferente. William repete o *riff* de "April Sky" em todo disco. Jim continua a se aborrecer, falando de meninas, de drogas e de Jesus, tudo no mesmo fôlego. Talvez por isso tenham convidado gente nova. Hope Sandoval (Mazzy Star), participa de "Sometimes Always", balada de amor masoquista que aponta a nova paixão musical do grupo: a parceria Nancy Sinatra e Lee Hazlewood. Shane MacGowan, ex-The Pogues, empresta seu vocal bêbado à "God Helps Me". De resto, Velvet Underground continua a ser a maior influência deles. Pode parecer pouco, mas JAMC nunca foi progressivo. Como Ramones, não precisa mudar nada para fazer um disco convincente. *Marcel Plasse*

PROFETA DO JAZZ RAP

Gil, um mestre da música negra militante

Gil Scott-Heron

TVT

Spirits

Ele é o *godfather* do jazz rap e assume o papel sem problemas, na faixa/manifesto "Message To The Messengers". Ele é Gil Scott-Heron, um sobrevivente da música negra militante dos anos 60/70 (vide *Discoteca Básica*, BIZZ 105), e está de volta neste álbum. Ele é, antes de tudo, uma chave para entender todos os fluxos que alimentam e renovam a grande música negra, desde o blues rural até o "hippie-hop".

Quem mais, a não ser Gil, poderia apresentar em seu disco uma adaptação de John Coltrane, uma homenagem a Miles Davis e uma parceria com Ali Shaheed Muhamed (A Tribe Called Quest), sem ter que abdicar do seu próprio e inconfundível estilo?

Por último – mas não menos importante –, ele é um *singer* magnífico, à antiga, destilando graves sentimentos em soul/jazz preciosista ("Spirits", "Give Her A Call"), em blues cosmopolita ("Lady's Song") ou até *tecno rap* ("Work For Peace"). Mas a cara do disco é aquele som urbano dos anos 70, movido a arranjos de piano elétrico, flauta, percussão e guitarra (destaque para o teclad sta Brian Jackson, parceiro velho). E o ponto alto é a *tour-de-force* "The Other Side", em três partes, uma espécie de recuperação dos "climões" de soul elétrico tipo Isaac Hayes ("Shaft"), The Temptations ("Papa Was A Rollin' Stone") ou Marvin Gaye ("Don't Mess With Mr. T"). ALEX ANTUNES

KILLING JOKE

Butterfly/BMG

Pandemonium

O reencontro do mestre das fusões *ambient dance* – o músico Youth, colaborador de projetos como The Orb, System 7 e Blue Pearl – com o seu antigo grupo, Killing Joke, não poderia ter sido mais *over* do que atesta o recente *Pandemonium*.

Que o diga o batuque infernal de "Exorcism", faixa gravada sob o efeito de..., digamos, estranhos coquetéis químicos, dentro da câmara mortuária de um faraó, em pleno Egito!

Se o intuito da faixa era catártico, o KJ pode se dar por satisfeito: tocada em algumas *raves* inglesas, a mesma andou provocando vômitos incoercíveis na rapaziada!

No mais, o á bum ainda apresenta escalas de música árabe colidindo com pulsos techno ("Whiteout"), vidas que tombam diante da Aids ("Jana") e *grooves* fora de controle celebrando os rituais pagãos e a desordem ("Mathematics Of Chaos"). ARTHUR G. COUTO DUARTE

VÁRIOS

Volume

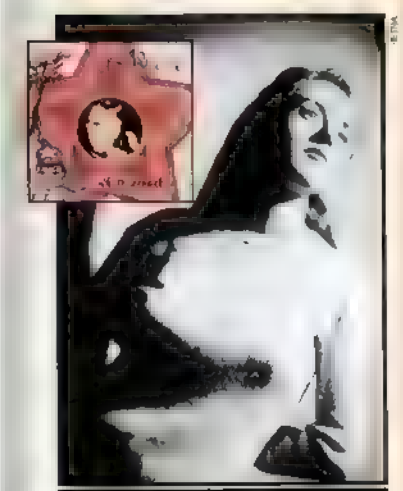
Trance Europe Express 2

Estamos vivendo na era do excelente á bum de techno (Underworld Orbital, Pressure of Speech) mas as coletâneas continuam sendo um dos melhores investimentos: diversas, atuais e abrangentes. O lado mais *trancetambientlacid* da dance music tem uma comp lação pela qual vale penhorar sua coleção do U2 ou do Pink Floyd.

A compilação *Trance Europe Express 2* é tão matadora como a primeira da série (que saiu no fim de 93). Ou é *ambient* puro, como The Irresistible Force e FFWD – projeto de Alex Patterson (The Orb) com Robert Fripp e outros caras –, ou experimenta em outras tendências.

Um panorama de qualidade com nomes do som eletrônico inglês (Secret Knowledge, Pressure Of Speech), alemão (Pete Namlook, Hardfloor) e holandês (Human Beings, Speedy J), além do ex-Cabaret Voltaire – Richard Kirk ("Oneski") – e do Ambush ("Sun"). Fora um livreto ultra-informativo de quase duzentas páginas! CAMILO ROCHA

O chicote vai cantar...



Influências do punk e folk ao som de Liz

LIZ PHAIR

Matador/Atlantic

Whip-Smart

Liz Phair ganhou destaque ao lançar, no ano passado, o brilhante *Exile In Guyville*. O disco era uma versão feminina – e feminista – de *Exile On Main Street*, dos Rolling Stones. *Whip-Smart* mostra que ela ainda não perdeu o rumo. Phair compõe de uma maneira quase simplória – a base de piano em "Chopsticks" é um exercício de aprendizado com guitarra distorcida – com influências de punk rock e folk. A parte heavy de Phair está nas letras, onde ela não dispensa um bom *fuck* (nas duas primeiras músicas) e fala de relações amorosas, como nos versos da já citada "Chopsticks": "Eu o conheci numa festa/ Onde ele me pediu para levá-lo em casa/Ele me disse que gostaria de ter feito isso anteriormente... Dessa maneira, poderíamos transar e assistir televisão". SÉRGIO MARTINS

TRILHAS SONORAS

VÁRIOS

Epic

Forrest Gump

Se esta trilha não fosse do recente filme de sucesso com o ator Tom Hanks, ela teria que estar na seção *Clássicos* da BIZZ. É uma viagem de primeira pelo rock americano a partir dos anos 50. Tudo bem, ela não traz grandes raridades, mas vale para quem quer se iniciar no trabalho dos artistas presentes no CD duplo. É simplesmente não dá para fazer mal de uma trilha com Elvis Presley, The Byrds, Creedence Clearwater Revival, Elvis Presley, Three Dog Night, The Mamas And The Papas e outras lendas do rock.

O uso de músicas antigas para compor trilhas sonoras vem se tornando banal nos últimos tempos. Mas, desta vez, o critério de seleção foi muito inteligente, tanto no filme quanto no CD. PAULO CAVALCANTI

MICHAEL NYMAN

Virgin

The Piano

O compositor Michael Nyman fez trilhas marcantes para o cineasta Peter Greenaway, seu colaborador mais frequente. Melodias minimalistas, próximas de uma sonoridade dissonante e aguda, são sua marca registrada. A trilha para *O Piano*, de Jane Campion, não abandona a circularidade de seus temas, mas assume a mudez da protagonista do filme, interpretada por Holly Hunter. Usa frases suaves e pontuadas pelo silêncio. Os temas aporam-se, obviamente, no piano tocado pelo próprio Nyman (também regente), mais a seção de sopros da Orquestra Harmônica de Munique. Beleza e poesia concentram-se em melodias como "To The Edge Of The Earth", "The Heart Asks Pleasure First" e "Here To There". CHRISTIAN PETERMANN

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU!: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horoscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

LETRAS TRADUZIDAS
VIDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011)816-7866 - Fax (011) 813-8115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486 - CP 48.6

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio I - sala 202 - CEP 70300 - Brasília DF - Tel.: 061) 223-2134 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32 7975
Minas Gerais: M A M - Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9526
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32 0519

GRÁFICOS GRAVADOS

Uma das maiores armações deste ano foi querer vender o veterano cantor de jazz **TONY BENNETT** para o público jovem através de suas aparições na MTV. Agora está saindo **Unplugged** (Columbia), que traz o programa que Bennett fez com as participações de k.d. lang e Elvis Costello. Das duas, uma: ou compre o disco como presente para seu pai ou espere uns 30 anos para ouvi-lo. Ainda no som tradicional, há três edições de *soul/blues* da Top Tape.

Something's Mighty Wrong com **TYRONE DAVIS**, **Come To Mama** da cantora **TRUDY LYNN** e **If You Leave Me, I'm Going With Cha** do guitarrista **THEODIS EALEY**. No gênero, todos eles trazem um clichê atrás do outro. E se você acha que pop ruim só existe no Brasil, ouça **Transmission** (Columbia) da dupla pop **ASAP**, ou **Caballo Loco** (Epic), do grupo **CHEROKEE**, ambos espanhóis. Os primeiros vão de dance music, os outros de rock flamenco. Ambos chatos.

MARIE CLAIRE D'UBALDO *(na foto abaixo)* é uma boa surpresa latina e o seu CD homônimo – via PolyGram – mostra uma produção de primeira. A boa voz desta argentina, que parece que passou a vida ouvindo Carole King e Fleetwood Mac, é muito legal. Quem aprecia um som mais na manha, tem uma bela dica no grupo vocal **ALL-4-ONE**, também em CD homônimo (Blitzz/Warner), que regravou "So Much In Love", hit do grupo The Tymes em 63.

Mas nem tudo é maravilha na música negra. **Look Who's Talking (The Album)**, de **DR. ALBAN**, é um lançamento da BMG-Ariola, que traz uma infeliz junção de reggae, funk e *world music*. Outro que faz o tipo de "música para boi dormir" é o guitarrista gaúcho **FRANK SOLARI** *(à esquerda)*, no CD que leva o seu nome e que foi editado pelo selo independente Dubas Música. O cara é um músico muito competente (já chegou até a merecer matéria na revista americana *Guitar Player*), mas ainda pensa que jazz rock é a coisa mais sensacional do mundo. Por favor, alguém aí pode me trazer um travesseiro. Para finalizar, há três edições de country da Continental/Warner que são dignas de nota: **Notorious**, da **CONFEDERATE RAILROAD BAND**, um disco homônimo com o violino de **MARK O'CONNOR** e **No Doubt About It**, de **NEAL McCOY**. O primeiro vai bem na linha do boogie woogie e do *honky tonk* (vertentes mais balançadas do country), o segundo mescla inovações e tradicionalismo, mas o último não passa de um "caubói de butique". **PAULO CAVALCANTI**

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Cri Du Chat** – Al. Jaú, 1512/Fone-Fax: (011) 282-7077 • São Paulo (SP) ■ **Dubas Música** – R. Ataulfo de Paiva, 255, sl. 704/Fone: (021) 239-2731 • Rio de Janeiro (RJ) ■ **Purnada Y Pranada** – R. Garibaldi, 1103, sl. 402/Fone: (051) 224-6586 • Porto Alegre (RS).

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

PREÇOS	
MANGA CURTA (MC)	R$ 12,00
MANGA LONGA (ML)	R$ 15,00
ESPECIAL M. CURTA (TE)	R$ 18,00
ESPECIAL M. LONGA (TE)	R$ 22,00

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO
PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA
MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD.

NOME
END.
CEP CID EST

Stamp Rockwear

bolsa de discos

		ARTHUR G. C. DUARTE O Estado de Minas, MG	CELSO MASSON Veja	CELSO PUCCI BIZZ	HÉLIO GOMES BIZZ	JOSÉ SAISSA MTV	JEAN Y. DE NEUVILLE O Estado de S. Paulo	ZÉ DI VINCI 97 FM SP	ROBERT HALFOUN BIZZ	TATUIA 89 FM SP	TOM LEAO J. Globo, RJ
8,37	NEIL YOUNG AND CRAZY HORSE • Sleeps With Angels Reprise Warner	9	7	10	9	•	7	10	10	5	•
8,22	MORPHINE • Cure For Pain Rykodisc, Natasha	6	9	8	•	6	10	8	10	8	9
6,10	SUICIDAL TENDENCIES • Suicidal For Life Epic	7	8	2	5	8	9	6	8	8	5
5,89	PRINCE • Come – 1958/1993 (Warner)	9	6	2	5	•	9	6	4	7	5
5,87	NAS • Illmatic Columbia	6	5	6	6	6	6	6	•	•	6
5,80	THE CRANBERRIES • Everybody's Doing It, So Why Can't We (Island/Pol Gram)	5	7	6	5	7	7	5	6	6	6
5,40	CIDADE NEGRA • Sobre Todas As Forças Epic	6	9	3	5	7	6	6	1	5	6
5,25	EUGENIUS • Mary Queen Of Scots Atlantic Warner	6	6	4	•	7	1	7	•	4	7
3,40	SPIN DOCTORS • Turn It Upside Down Epic	5	9	0	0	5	6	0	7	2	0
2,86	DANIELA MERCURY • Música De Rua Epic	•	7	0	5	•	7	0	1	0	•

parada

EUA *álbuns* 08/10 Billboard

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

EUA *singles* 08/10 Billboard

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

GB *álbuns* 01/10 NME

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

GB *indie* 01/10 NME

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

INNER CIRCLE - THIRD WORLD - NADINE SUTHERLAND
BARRINGTON LEVY - SKOOL BAND - DAMIAN MARLEY

REGGAE SUNSPLASH 94

9/12 - PORTO ALEGRE
10/12 - FLORIANÓPOLIS
11/12 - RIO DE JANEIRO
16/12 - SÃO PAULO
17/12 - CURITIBA

APOIO:
REVISTA BIZZ
REVISTA FLUIR

REALIZAÇÃO
Mercury

Relembrando Woodstock

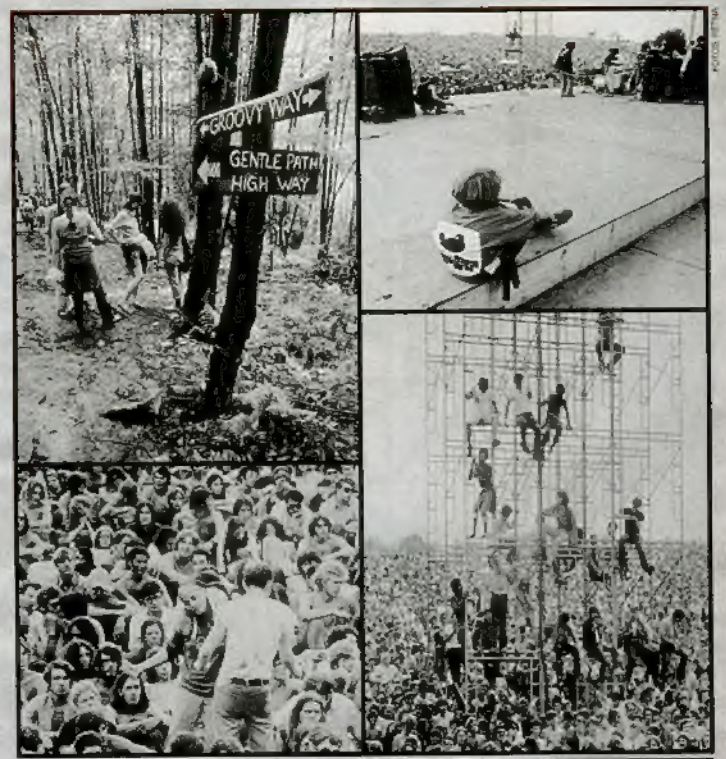
Diversos lançamentos comemoram os 25 anos dos "três dias de paz & amor"

Um olhar atual para o festival

Evento é resgatado em caixa de quatro CDs, em vídeo ampliado e em CD-ROM

Os 25 anos do festival de Woodstock foram lembrados nos Estados Unidos com edições ampliadas do filme-documentário do evento de 69 – primeiro, nos cinemas americanos e, depois, em vídeo e *laserdisc*, além de uma caixa com quatro CDs: **Woodstock – The 25th Anniversary Collection** (Atlantic/Warner). E mais: para provar a proximidade entre os velhos hippies e a nova geração maníaca pelos computadores, saiu também um CD-ROM dedicado ao evento: **Woodstock – 3 Days Of Peace & Music** (Time Warner Interactive).

Para quem tinha as duas prestações da trilha sonora, saídas respectivamente em 70 e 71, a edição comemorativa tem atrativos suficientes para justificar o custo superior a quarenta dólares: trata-se de um caixote com quatro CDs com o melhor dos discos originais, mais vinte faixas inéditas.



As cenas do festival *(acima)* são agora revividas através do caixote quádruplo *(no alto, à esquerda)*, de um vídeo e de um *laserdisc* completíssimos, além dos jogos interativos do CD-ROM *(ao lado)*

As estrelas são aquelas que ficaram de fora dos discos nos anos 70: **THE JEFFERSON AIRPLANE** ("Somebody To Love", "White Rabbit" e "Uncle Sam Blues"), **THE BAND** ("The Weight" e "Long Black Veil"), **CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL** ("I Put A Spell On You", "Commotion", "Green River", "Ninety-Nine And A Half: Won't Do") e **JOHNNY WINTER** ("Mean Town Blues").

E novas faixas de artistas que estavam nos originais: **JOE COCKER, JIMI HENDRIX** e **CROSBY, STILLS, NASH AND YOUNG**.

Já o CD-ROM explora com bom humor o festival. Mostra cada artista e o que tocou, num "cyberkaraoke" (dá para cantar junto, lendo as letras na tela), além de jogos como "associe o hippie jovem ao coroa engravatado" e pinturas de quadros psicodélicos. *José Emilio Rondeau*

18/08/69: Um beijo no céu

Lançado na íntegra o lendário show de Jimi Hendrix

Prepare-se psicologicamente. O show histórico que **JIMI HENDRIX** fez no festival de 69 já chegou ao disco – **Woodstock** (Polydor) – de forma integral. O show que fez de Hendrix uma das maiores lendas do rock está ao alcance de nossas mãos.

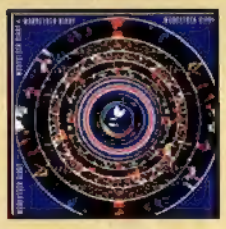
Hendrix fechou apoteoticamente o festival na manhã de 18 de agosto de 69. Era o auge de sua fulminante carreira e o sepultamento de seu magnífico *power trio*, The Jimi Hendrix Experience. Ali, ganhando um cachê de 50 mil dólares – uma fortuna para os padrões da organização do festival, que pagou no máximo 16 mil dólares a seus astros –, Hendrix dava início a uma nova fase de sua obra.

O que se ouve nos quase 64 minutos do disco é a depuração do som visceral do trio de Hendrix. No palco, o guitarrista e outros cinco músicos – entre eles o baterista de seu grupo original, Mitch Mitchell, e o baixista Billy Cox – relêem o legado do Experience ("Fire", "Red House", "Purple Haze" e "Voodoo Chile") e ainda enveredam por *jams* alucinadas.

Um disco chapante, um dos testamentos do homem que mudou os rumos do rock'n'roll com sua genialidade. *Hélio Gomes*

Caça-níqueis & jóia rara

Dupla de CDs bem diferentes em edições nacionais



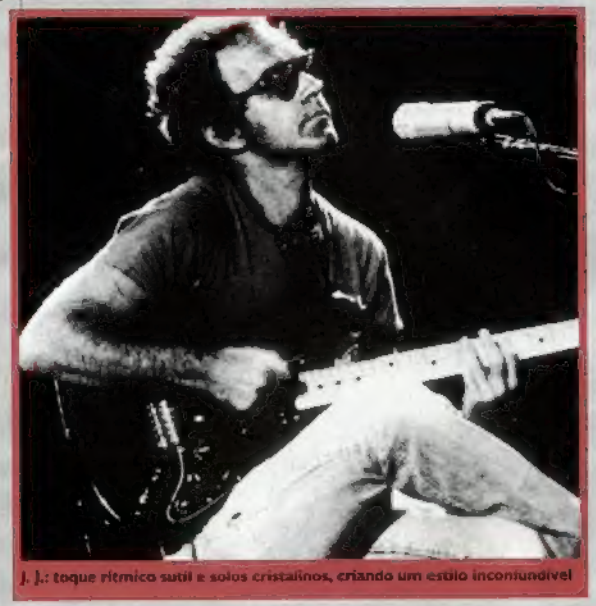
Além da caixa quádrupla lançada para celebrar o quarto de século do festival, saíram dois CDs simples para agitar a comemoração, que até mereceram edições no Brasil, via Atlantic/Warner.

The Best Of Woodstock tenta resumir em doze faixas os momentos mais expressivos dos álbuns originais. Há **JOE COCKER** ("With A Little Help From My Friends"), **THE WHO** ("We're Not Gonna Take It") e **SANTANA** ("Soul Sacrifice"), entre outros. Mas tudo isso equivale só a um golinho naquelas cervejas geladas que te salvariam da desidratação e do tédio no verão. Caça-níqueis bobo.

Woodstock Diary é uma outra conversa. São catorze faixas inéditas, com um livreto que supera – em qualidade de informações e de texto – o incluído na caixa. E traz cinco faixas não incluídas no caixote quádruplo, entre elas "Blackbird" (Lennon & McCartney) com **CROSBY, STILLS AND NASH** e "Love City", de **SLY AND THE FAMILY STONE**. Ou seja, se você tem os álbuns originais, a caixa quádrupla, o CD Woodstock (de Jimi Hendrix) e pensa que matou a charada em relação ao festival, quebrou a cara. *Fabian Chacur*

Clássicos

Jukebox — J. J. Cale



J. J.: toque rítmico sutil e solos cristalinos, criando um estilo inconfundível

OK, se você é fã dos Dire Straits – antes de Mark Knopfler transformar aquele seu ótimo quarteto em um repugnante combo de arena – ou mesmo da fase solo de Eric Clapton nos anos 70, deve conhecer este ás da guitarra, chamado **J. J. CALE**.

Caso contrário, saiba que o toque rítmico esperto e sutil, além dos solos cristalinos que fizeram a fama dos trabalhos iniciais da banda de Knopfler eram diretamente "chupados" da guitarra de Cale. Quanto a Clapton, a influência foi ainda maior: além de confessar a veneração pelo estilo do cara, seu primeiro hit individual era de Cale: "After Midnight". Sem contar o "tchan-tchan-tchan-tchan/tchan-tchan", *riff* que embalava qualquer festa no final da década de 70. Sim, a famigerada "Cocaine" – outro sucesso de Clapton – era outra composição de J. J..

Nascido em Oklahoma e prestes a completar 56 anos, este músico – naturalmente arredio e avesso às badalações do *showbiz* – teve uma curiosa trajetória. Aprendeu a tocar guitarra aos dez anos de idade e passou a adolescência em várias bandas de rock'n'roll. Depois passou a adquirir gosto pela música country e foi tocar num dos maiores eventos do estilo: o espetáculo ambulante Grand Ole Opry. Na estrada com esta trupe, começou a assimilar outros gêneros musicais, como o blues e o *cajun*, formando assim um estilo originalíssimo, que mesclava os mais diversos ritmos com extrema delicadeza e elegância. Gravou com diversos artistas como Leon Russell e Delaney And Bonnie entre outros, criando a reputação de guitarrista *cult*, mas extremamente introvertido.

A guitarra que inspirou Eric Clapton e Dire Straits

Mas o deslanche da carreira de Cale ocorreu tardiamente, após o estouro em 70 da versão de Clapton para "After Midnight" – canção que compusera em 63! Lançou um álbum de estréia em 72, pelo selo de Leon Russell (Shelter) que, assim como os seus parcos sucessores (apenas dez, contando com o recente *Closer To You*, que saiu em maio deste ano). Nenhum deles alcançou vendagens expressivas.

O que não impediu que suas canções fossem revisitadas por inúmeros artistas, com muito mais sucesso do que nas gravações originais. Esta parece ser a sina musical de J. J., que pouco excursiona e prefere se apresentar em botecos e pequenos clubes, onde se sente à vontade.

Aliás, o local predileto de J. J. Cale, desde o início dos anos 80, é o *trailer* onde vive nos arredores de Nashville. Assim, se não está na estrada, pode estacionar a sua "casa" bem perto do estúdio que possui na cidade, o Crazy Mama's (nome de uma das suas canções). Lá, pode dedilhar tranqüilamente a sua guitarra com a classe de sempre, à espera de inspiração para novas canções. *Celso Pucci*

Discografia Selecionada

- **Naturally** (72, Shelter) O álbum de estréia, que já contava com hits como "After Midnight", "Magnolia" e "Crazy Mama"
- **Okie** (74, Shelter) Destacava canções como a suave "Cajun Moon", "Crying", "Rock'N'Roll Records" e a faixa-título
- **Troubadour** (76, Shelter) Mais conhecido por conter a versão original de "Cocaine", também trazia "Hold On" e "Ride Me High"
- **Number 5** (79, Shelter) Como já dizia o título, foi o quinto álbum de Cale, com boas canções como "Don't Cry Sister" e "Sensitive Kind"
- **Grasshopper** (83, Mercury) Um dos melhores discos de J. J., com "City Girls", "Devil In Disguise" e "You Keep Me Hangin' On"
- **Special Edition** (84, Mercury) Ótima compilação dos destaques nos álbuns anteriores de Cale. Ideal como uma introdução ao seu trabalho
- **Closer To You** (94, Delabel/Virgin) O primeiro álbum de J. J. depois de um hiato de cinco anos. Vale conferir como o "velhinho" ainda detona

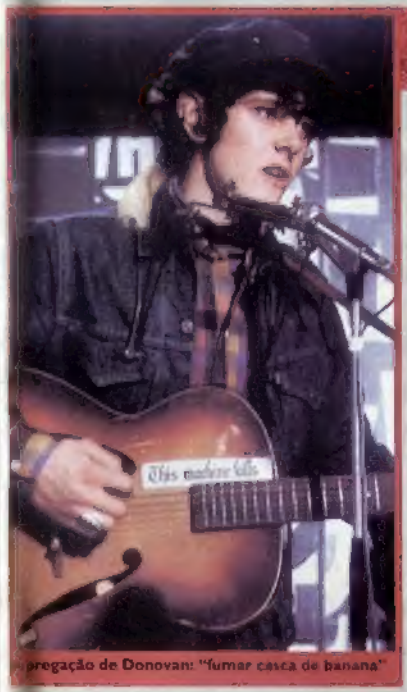
Todos os discos disponíveis em CDs, nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. *Troubadour* e *Grasshopper* saíram em vinil e cassete no Brasil, mas estão fora de catálogo, bem como *Travel Log* (89)

Dupla de mestres do power pop

Criadores geniais do som setentista são resgatados em um par de CDs

Keene (à esquerda) e Chilton (acima): poder do pop

Um mestre da canção, um Jesus Cristo do pop, **TOMMY KEENE** é um remanescente da subestimada geração *power pop* dos anos 70, que nos resgatou daquele inferno punk de alfinetes, suásticas e lixo musical. O estilo implodiu, mas nos devolveu o bom gosto e o direito de voltar a gostar de música pop. Keene teve breve passagem pelo selo Geffen nos anos 80 – antes e depois, fez singles, EPs e álbuns indies, compilados no CD **The Real Underground** (Alias), mais faixas inéditas. Se você tiver uma gota de sensibilidade e não amar este disco, eu como meu chapéu. Também acompanho com carinho a carreira solo de **ALEX CHILTON**, desde que ouvi em êxtase aos discos do Big Star, outra jóia do *power pop*. Me divertem seus altos e baixos, a atitude *nonchalant*, além de seu talento inacreditável. **High Priest/Black List** (Razor & Tie) é uma reedição dupla, com um álbum de 87 e um raro mini-LP francês de 89, mais quatro faixas-bônus. Vai do sublime ("Dalai Lama") ao inesperado ("Volare", em italiano!). "Gênio" é um epíteto aplicado até aos boçais de várias tendências – de Abba a Frank Zappa – mas Chilton está acima de qualquer clichê. *René Ferri*



Pregação de Donovan: "fumar casca de banana"

Menestrel psicodélico

O "folk de protesto" e as baladas hippies do cantador escocês em coletânea nacional

DONOVAN LEITCH era um jovem escocês que achava que poderia ser o "Bob Dylan do Reino Unido". Depois, o cara saiu por aí mandando todo mundo "fumar casca de banana" e encarnou uma espécie de arauto do psicodelismo. Agora, a incrível jornada deste trovador dos anos 60 está em **The Best of Donovan** (Epic), uma compilação que está sendo lançada por aqui.

Nascido em Glasgow, em 46, ele se tornou sensação ao aparecer no programa da televisão britânica *Ready Steady, Go!*, fazendo uma linha de "folk de protesto". Em 66, ele assinou com o conceituado produtor inglês Mickie Most e conseguiu se aprofundar por todas as possibilidades comerciais do psicodelismo.

Personificando o menestrel hippie, Donovan aguçou seu talento para compor músicas bem-acabadas e extremamente pegajosas. Seus hits do período foram "Sunshine Superman", "Mellow Yellow" (a tal que falava do barato de "fumar casca de banana" e que contava com a participação de Paul McCartney), "Atlantis", "Barabajagal" (com o Jeff Beck Group) e outras.

No começo dos anos 70, ele ficou fora de moda e se queimou mais ainda lançando álbuns pretensiosos. Só em 90 foi ganhar proeminência de novo ao excursionar com os Happy Mondays. Mesmo um tanto datada, sua música merece consideração, especialmente de quem já viajou ao som de delícias como "Jennifer Juniper" e "Hurdy Gurdy Man". *Paulo Cavalcanti*

D.B.

Discoteca Básica

Em plena era repressiva brasileira, nos governos de Médici e Geisel, foi que surgiram aqueles pavões maquiados rebolando e cantando: "Vira homem, vira, vira lobisomem...".

Escândalo total! "Bichas" para alguns, "revolucionários" para outros, viraram um dos mais importantes grupos do rock nacional e a maior manifestação *glitter* do país. E por trás das suas máscaras existia uma singela fusão de MPB, folk, poesia reflexiva e androginia.

Tudo começou em 71: o jornalista e poeta português João Ricardo convidou o músico Gerson Conrad e o hippie e cantor de coral Ney De Souza Pereira para um projeto que queria unir o rock à MPB. A presença cênica exótica e sensual de Ney – que adotou o sobrenome Matogrosso, devido ao seu estado de origem – chamou a atenção e o trio foi contratado pelo selo Continental, lançando o primeiro disco em 73. Ali, contaram com uma ótima banda de apoio que incluía Willy Verdaguer no baixo e Zé Rodrix no piano, ocarina e sintetizador. Poesias de Vinícius De Moraes ("Rosa De Hiroshima") e de Manuel Bandeira ("Rondó Do Capitão") foram utilizadas, mas o forte estava nos depurados vocais de Ney e nos poemas de João Ricardo, que às vezes repartia a autoria com o pai, João Apolinário, e outros compositores.

As veias abertas da América Latina eram cutucadas ("Sangue Latino"), questões sociais discutidas ("Mulher Barriguda"), ou então "simples e suaves coisas" eram cantadas em "Amor". "O Vira" – maior hit deles – trazia a ascendência lusitana mesclada ao folclore do Brasil.

Aqui, a expressão "carreira meteórica" é bem apropriada: em um ano, eles foram o fenômeno musical brasileiro: milhares de cópias vendidas, estádios lotados e até uma turnê pelo México, televisionada para os Estados Unidos – de onde supõe-se que o Kiss copiou as maquiagens deles. Mas, logo após o segundo álbum, o grupo encerrou suas atividades.

SECOS & MOLHADOS
Secos & Molhados

O *glitter* dos S&M (*à partir da esquerda*): Gerson Conrad, Ney Matogrosso & João Ricardo

PERFORMANCE

Lançamento 1973 ■ **Produção** Moracy Do Val (direção de produção)/Júlio Nagib (direção artística)/João Ricardo (direção musical) ■ **Faixas** "Sangue Latino" • "O Vira" • "O Patrão Nosso De Cada Dia" • "Amor" • "Primavera Nos Dentes" • "Assim Assado" • "Mulher Barriguda" • "El Rey" • "Rosa De Hiroshima" • "Prece Cósmica" • "Rondó Do Capitão" • "As Andorinhas" • "Fala" ■ **Notas** O disco atingiu a marca das oitocentas mil cópias comercializadas, superando em muito o maior vendedor da época, Roberto Carlos • Apesar de não aparecer na capa, o baterista Marcelo Frias também era creditado no encarte do álbum como o quarto integrante do grupo • Na época, o disco chegou a ser editado nos Estados Unidos e em Portugal • Do repertório original feito pelo grupo, constava ainda a canção "Tristeza Militar", que foi censurada • O segundo álbum, também chamado Secos & Molhados, foi lançado no ano posterior com a mesma formação, vendendo mais de trezentas mil cópias ■ **Formatos** O disco, que estava com sua tiragem em vinil esgotada, foi reeditado no ano passado – inclusive em CD e cassete – pela Continental/Warner, em comemoração aos vinte anos de lançamento do grupo.

"Por trás das suas máscaras, existia uma singela fusão de MPB, folk, poesia reflexiva e androginia"

Ney saiu em 74, por discordar de João Ricardo no controle autoral e financeiro. Daí partiu numa bem-sucedida carreira solo, mais voltada para a MPB. Seus outros dois companheiros nunca mais tiveram o mesmo êxito nos esforços individuais.

Em 77, houve uma tentativa frustrada de volta, com o cantor Lili Rodrigues – de timbre semelhante ao de Ney – mas que não vingou, bem como a "reencarnação" de 80, capitaneada novamente por João Ricardo. Afinal, continuar o grupo sem o carisma da sua atração principal, foi como a banda The Doors prosseguindo sem Jim Morrison: João podia ser o cérebro, mas Ney era o coração. *Sérgio Barbo*

PORQUE TAMANHO É DOCUMENTO.

AEROSMITH

BIG ONES

AEROSMITH.

O novo álbum contendo 13 de seus maiores sucessos e duas novas porradas.

"Rag Doll"
"Dude (Looks Like A Lady)"
"Angel"
"Love In An Elevator"
"Janie's Got A Gun"
"The Other Side"
"Eat The Rich"
"What It Takes"
"Livin' On The Edge"
"Cryin'"
"Crazy"
"Amazing"
"Deuces Are Wild"
Mais duas músicas novas
"Blind Man"*
"Walk On Water"*

AS MAIORES DO AEROSMITH.

GEFFEN
1994 Geffen Records, Inc.
* Produced by Michael Beinhorn. Mixed by Mike Fraser
BMG
COLLINS MANAGEMENT, INC
Management by Collins Management, Inc/Tim Collins

Verão 95

PRONTA ENTREGA (011) 826 4366

7 7 5